"750 frases comentadas
+ 650 questões de concursos com gabarito ao final"

GRÁTIS
VIDEOAULAS COM RESOLUÇÃO DE QUESTÕES

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

5ª edição

saraiva uni

ISBN 9788547217846

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 5. ed. – São Paulo : Saraiva, 2017.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
16-1492 CDU 469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Presidente *Eduardo Mufarej*

Vice-presidente *Claudio Lensing*

Diretora editorial *Flávia Alves Bravin*

Conselho editorial

Presidente *Carlos Ragazzo*

Gerente de aquisição *Roberta Densa*

Consultor acadêmico *Murilo Angeli*

Gerente de concursos *Roberto Navarro*

Gerente editorial *Thaís de Camargo Rodrigues*

Edição *Liana Ganiko Brito Catenacci* | *Sergio Lopes de Carvalho*

Produção editorial *Maria Izabel B. B. Bressan (coord.)* | *Carolina Massanhi* | *Claudirene de Moura S. Silva* | *Cecília Devus* | *Daniele Debora de Souza* | *Denise Pisaneschi* | *Ivani Aparecida Martins Cazarim* | *Ivone Rufino Calabria* | *Willians Calazans de V. de Melo Clarissa Boraschi Maria (coord.)* | *Kelli Priscila Pinto* | *Marília Cordeiro* | *Mônica Landi* | *Tatiana dos Santos Romão* | *Tiago Dela Rosa*

Diagramação (Livro Físico) *Perfekta Soluções Editoriais*

Revisão *Amanda Maria de Carvalho Anhoque*

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Sumário

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Isso se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões

valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –, **t**eórico – raridade no mundo contemporâneo –

e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes

Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).

Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quadriênio março de 2012 a março de 2016.

Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há

um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como

/**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas

distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada*. Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles...

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u-i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-r**i-a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o-o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i-e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o-o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*****om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.

d) dígrafo.

e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:

1. tung-stê-nio

2. bis-a-vô

3. du-e-lo

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra n. 1.

b) apenas na palavra n. 2.

c) apenas na palavra n. 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to

2. sub-es-ti-mar

3. trans-tor-no,

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na número 1.

b) apenas na número 2.

c) apenas na número 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do

b) si-me-tria

c) es-fi-a-pa-da

d) ba-i-nhas

e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:

a) in-te-lec-ção

b) cons-ci-ên-cia

c) oc-ci-pi-tal

d) psi-co-lo-gia

e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro

b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar

c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó

e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar

b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu

c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar

d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver

e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do

b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do

c) psi-co-sso-ci-al / traí-do

d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do

e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase “No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas”, existem:

a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.

b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.

c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.

d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.

e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:

a) in-te-rim

b) pu-di-co

c) ru-bri-ca

d) gra-tui-to

e) i-nau-di-to

11. (Unirio) “O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando.” No trecho, temos:

a) dois ditongos e três hiatos.

b) cinco ditongos e dois hiatos.

c) quatro ditongos e três hiatos.

d) três ditongos e três hiatos.

e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo.

b) um trissílabo.

c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.

e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:

a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer

b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tu-in-tes

c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co

d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca

e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:

a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo

b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia

c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os

d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver

e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:

a) flui-do, sa-guão, dig-no

b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no

c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo

d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a

e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:

a) tran-sa-tlân-ti-co

b) ab-di-ca-ção

c) subs-ta-be-le-cer

d) fri-ís-si-mo

e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:

a) companhia

b) exceção

c) répteis

d) cãimbra

e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:

a) mi-nis-té-rio

b) ab-so-lu-tas

c) ne-nhu-ma

d) té-cni-co

e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:

a) árduo / mãe

b) área / chapéu

c) diário / quota

d) pavio / moer

e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:

a) fi-a-do, flui-do, ru-im

b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar

c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais

d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose

e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém

b) coalhou

c) iam

d) nenhum

e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.

a) mui-to / su-sci-tar

b) saú-de / so-cie-da-de

c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de

d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais

e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

> Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) “Previsíveis” e “úteis” acentuam-se pela mesma razão.

2) Em “más”, há emprego de acento diferencial.

3) Em “biquíni” e “ônus” o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em “mantém”, o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói...

> Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
>
> Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú...

> Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
>
> Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

> Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
>
> Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

> Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados). Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

> Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
>
> Exs.: feiura, baiuca...
>
> Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo

Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm...").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a*,

e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2ª do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-

to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter, destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s), a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é

mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – FCC – 2014)

Acentuam-se devido à mesma regra os seguintes vocábulos do texto:

a) também, mantêm, experiências.

b) indígenas, séculos, específico.

c) acúmulo, importância, intercâmbio.

d) políticas, história, Pará.

e) até, três, índios.

2. (TRF – 1ª Região – Analista Judiciário – FCC – 2014)

Considere a tirinha reproduzida abaixo.

Acordo Ortográfico

(Revista Língua Portuguesa, ano 4, n. 46. São Paulo: Segmento, agosto de 2009, p.7)

Seguindo-se a regra determinada pelo novo acordo ortográfico, tal como referida no primeiro quadrinho,

também deixaria de receber o acento agudo a palavra:

a) Tatuí.

b) graúdo.

c) baiúca.

d) cafeína.

e) Piauí.

3. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me e a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I.

b) I e II.

c) II e III.

d) III e IV.

e) II e IV.

4. (Cespe – TJ Acre – Técnico – 2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

As palavras “conteúdo”, “calúnia” e “injúria” são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

5. (Cespe – MPU – Analista/Técnico – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A palavra “cível” recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em **amável** e **útil**.

6. (Pol. Fed. (Adaptada) – Cespe)

Em relação à acentuação gráfica julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

I. Em “más”, há emprego de acento diferencial.

II. Em “biquíni” e “ônus”, o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

III. Em “mantém”, o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7:

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Das palavras acentuadas (todas retiradas do Texto II) **reúne**, **países**, **águas**, **última** e **vêm**, as duas que recebem acento por seguirem a mesma norma ortográfica são:

a) **águas** e **vêm**

b) **última** e **vêm**

c) **reúne** e **águas**

d) **reúne** e **países**

e) **países** e **última**

8. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O grupo de palavras que obedecem às normas de acentuação da Língua Portuguesa é

a) raizes, dificil, século

b) rúbrica, saúva, amavel

c) também, possível, êxito

d) idolo, parabéns, ciencia

e) indústria, saude, ninguem

9. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

O par de palavras grafadas corretamente é

a) chaminé, xícara

b) chave, xipanzé

c) enxente, chale

d) enxada, xuxu

e) fachina, chifre

10. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra que deve ser acentuada graficamente, de acordo com as regras da norma-padrão do Português, é

a) ali

b) antes

c) dificil

d) pacto

e) potente

11. (Ministério do Turismo – Todos os cargos – ESAF – 2013)

Assinale a opção que indica a necessidade de modificar a colocação de acento gráfico para que o texto fique gramaticalmente correto.

É urgentemente **necessário** (a) promover o aumento da entrada de estrangeiros.

Deve-se completar o trabalho da natureza, oferecendo segurança e transporte **publico** (b) eficientes, preparação do pessoal receptivo, serviço decente de telecomunicações, controle de **endemias**, (c) limpeza das cidades, pronto-atendimento de **saúde**, (d) preços honestos e boa qualidade em hotéis e restaurantes, além, é claro, de carga **tributária** (e) que não espante o freguês.

(Adaptado de *Correio Braziliense*, 31/12/2013)

a) necessário > necessario

b) publico > público

c) endemias > endêmias

d) saúde > saude

e) tributária > tributaria

Leia o texto a seguir para responder à questão 12:

Criado há dois anos, o Programa Mais Médicos voltou a ser motivo de uma ferina disputa entre o governo federal e as entidades da área de saúde. Agora, não é mais a atuação dos cubanos o foco da ira dos profissionais brasileiros, e sim a expansão dos cursos de medicina no país. No início de junho, os Ministérios da Saúde e da Educação autorizaram instituições privadas a oferecer 2.290 vagas de graduação em 36 municípios do interior. Por outro edital, foram selecionadas mais 22 cidades para abrigar novas escolas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões vistas como prioritárias, por possuir maior déficit de profissionais.

A reação não tardou. O Conselho Federal de Medicina e a Associação Brasileira de Escolas Médicas decidiram criar um modelo próprio de avaliação dos cursos da área, independente daquele adotado pelo governo. O Conselho Regional de Medicina de São Paulo prometeu ingressar na Justiça contra a abertura dos novos cursos. As entidades acusam o governo de promover uma expansão indiscriminada das faculdades de medicina em locais com infraestrutura inadequada, o que colocaria em risco a qualidade da formação.

(Rodrigo Martins, “Sobre a quantidade de jalecos brancos”. *Carta capital*, 5 de agosto de 2015. Ano XXI. n. 861)

12. (ESAF- Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como “certa” ou “errada”:

As palavras “área” (l. 2), ”Ministérios” (l. 3) e “prioritárias” (l. 6) são acentuadas devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13:

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e

contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria "Um sonho de 500 anos", de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

13. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada":

O acento nas palavras "vésperas" (l. 1), "ciências" (l. 4) e "econômicas" (l. 14) justifica-se devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14:

Por que é preciso passar pelo equipamento de raios X?

São normas internacionais de segurança. É proibido portar objetos cortantes ou perfurantes. Se você se esqueceu de despachá-los, esses itens terão de ser descartados no momento da inspeção.

Como devo proceder na hora de passar pelo equipamento detector de metais?

A inspeção dos passageiros por detector de metais é obrigatória. O passageiro que, por motivo justificado, não puder ser inspecionado por meio de equipamento detector de metal deverá submeter-se à busca pessoal. As mulheres grávidas podem solicitar a inspeção por meio de detector manual de metais ou por meio de busca pessoal.

Disponível em: <http://www.infraero.gov.br/images/stories/guia/2014/guiapassageiro2014_portugues.pdf>.Acesso em: 4/1/2016 (com adaptações).

14. (ANAC – Técnico Administrativo – ESAF – 2016)

Em relação às regras de acentuação, assinale a opção correta.

a) Acentua-se o verbo "é" (l. 1), quando átono, para diferenciá-lo da conjunção "e".

b) “Você” (l. 2) é palavra acentuada por ser paroxítona terminada na vogal “e” fechada.

c) “Despachá-los” (l. 3) se acentua pelo mesmo motivo de “deverá” (l. 6).

d) Ocorre acento grave em “à busca pessoal” (l. 6) em razão do emprego de locução com substantivo no feminino.

e) O acento agudo em “grávidas” (l. 7) se deve por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. b; 4. e; 5. c; 6. I-E, II-C, III-E; 7. d; 8. c; 9. a; 10. c; 11. b; 12. certa; 13. errada; 14. c.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário... Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais (“i”e “u” como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.

- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)

- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).

- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos do hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:

a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.

Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...

b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.

Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...

c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.

Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...

d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).

Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:

a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:

Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.

b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.

Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...

c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.

Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas

formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex, recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

> Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...
>
> Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...
>
> Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou

começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos, eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex...vice...**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)
Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)

Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)
Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

“O _______ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _______ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _______ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário ________ (cegar-segar) os galhos salientes do _______ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas.”

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

3. O __________ (emérito-imérito) causídico ____________ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na __________(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

4. O ________ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para

cobrir o __________(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

“Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia.”

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D’Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de

encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: “Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227”. Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

6. (INSS – Técnico Seg. Soc. – CESPE – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão “armar ali a minha tenda” (l. 2) foi empregada no texto em sentido figurado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o “centro de enigma e sangue” da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que “os irônicos estrangeiros” vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, “ridicularizar o pátrio pensamento”:

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

7. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No excerto apresentado, são exemplos do uso da linguagem formal escrita: a construção com o pronome relativo "cujos" (l. 37) e o emprego da forma verbal "faça" na oração "antes que eu o faça" (l. 39).

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo que mostra exemplo de linguagem coloquial é:

a) “A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada”;

b) “Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza”;

c) “Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica”;

d) “Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site”;

e) “Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis”.

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

As palavras são empregadas no sentido denotativo, literal, em estado de dicionário ou no sentido conotativo, figurado.

A palavra destacada está empregada no sentido figurado em:

a) “o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento global, seja em nível local ou global, neste **alvorecer** do século XXI.”

b) “alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do **cidadão**.”

c) “em estágio avançado nos países **industrializados**, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas.”

d) “Esse novo paradigma tem as seguintes **características** fundamentais: a informação é sua matéria-prima.”

e) “processos sociais e **transformação** tecnológica resultam de uma interação complexa.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas

dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

10. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

No trecho “fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para **desenvolver** a economia local” (l. 20-21), a palavra que tem o sentido contrário ao da palavra destacada é

a) orientar

b) organizar

c) fortalecer

d) alimentar

e) reduzir

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. ______ cena se repetiu anteontem _______ noite, _______ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

11. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Há emprego de linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

a) trânsito parado.

b) aborrecimento e lamentação.

c) Virou onda.

d) Raios e trovões.

e) quatro mortos.

12. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que se caracteriza o emprego de palavras em sentido figurado.

a) Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a “nomobofobia”…

b) ... a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade…

c) ... a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel…

d) ... os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes…

e) O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante.

13. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

As expressões destacadas nos trechos – **meter o bedelho** / **estimar** parâmetros / **embotar** a razão – têm sinônimos adequados respectivamente em:

a) procurar / gostar de / ilustrar

b) imiscuir-se / avaliar / enfraquecer

c) interferir / propor / embrutecer

d) intrometer-se / prezar / esclarecer

e) contrapor-se / consolidar / iluminar

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

14. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na passagem do 4º parágrafo – Causa **consternação** conhecer a principal razão citada pelos consumidores... –, o termo em destaque é sinônimo de

a) indignação.

b) irritação.

c) resignação.

d) comoção.

e) satisfação.

15. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha (5º parágrafo).

Analisando-se o sentido que a expressão “jogaram a toalha” confere ao texto, conclui-se que ela está construída em sentido

a) próprio, mostrando a dispensa dos funcionários como desnecessária, já que há evidente recuperação na economia.

b) figurado, ironizando a ideia das empresas de evitar dispensas, já que estão mais preocupadas com os custos trabalhistas.

c) figurado, deixando claro que as empresas demitiram seus funcionários, porque o cenário econômico é desfavorável.

d) próprio, reforçando a ideia de que as empresas mantiveram seu plano inicial de manter os funcionários no emprego.

e) próprio, sugerindo que as empresas terão prejuízos mantendo os funcionários em um cenário de crise econômica.

Gabarito: 1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. C; 7. C; 8. c; 9. a; 10. e; 11. c; 12. e; 13. b; 14. d; 15. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do “porquê”. Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que “por que”, separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a *pelo qual*, *pela qual* (nesse caso, o que será pronome relativo).

Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento (“por quê”).

O uso do “porque”, junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o “porquê”, junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. __________ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _________ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o “por que” equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos...).

Resposta: por que.

3. Você saiu __________? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o ___________ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos ___________ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei ___________ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de *há* e *a*

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via ___________ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. ___________ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui ___________ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos ___________ música. (acerca de / há cerca de)

5. ___________ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. ___________ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. ___________ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo ___________ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _________ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição (“Caso não haja engarrafamento...”). Na 8, a ideia é de alternância (“Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato”). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** (“Ninguém, exceto/a não ser um santo...”).

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi ___________ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu ___________ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. ___________ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. __________ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, senão acordará tarde amanhã.

b) Mal começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que há cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava mau informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje a dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra *mal* usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, ________________ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _________________ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _________________ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _________________ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _________________ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de

corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente*. Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias...". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição sobre, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses __________ das circunstâncias (emergem – imergem).

b) Nunca o encontro na __________ em que trabalha (sessão – seção).

c) Já era decorrido um ________ que ela havia partido, (lustre – lustro).

d) O prazo já estava ________ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _________ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _________ (emigrem – imigrem).

b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos ________ (consertos – concertos).

c) A ditadura _________ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).

d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em___________ (flagrante – fragrante).

e) O juiz _________ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas ________ (tachas – taxas).

b) Sílvio _________ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).

c) Para impedir a corrente de ar, Luís _______ a porta (cerrou – serrou).

d) Bonifácio ________ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).

e) Quando foi realizado o último ________ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _________ de cocaína (tráfego – tráfico).

b) No Brasil é vedada a ________ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).

c) Você precisa melhorar seu __________ de humor (censo – senso).

d) O presidente _________ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).

e) O balão, tremelizindo _________ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em “o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte”, o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou

b) arquivou

c) despachou favoravelmente

d) invalidou

e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são sinônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas

b) intactas – arrasadas

c) intactas – dilaceradas

d) depauperadas – prestigiadas

e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _______ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _______ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _______ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário ________ (cegar – segar) os galhos salientes do _______ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

9. O __________ (emérito-imérito) causídico ____________ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na __________(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

10. O ________ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _________ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital ________ (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

“Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia.”

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

“Estou ________ de que tais _______ deveriam ser _______ a bem da moralidade do serviço público.”

a) cônscio – privilégios – extintos

b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos

d) côncio – previlégios – estintos

e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?

II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao escritório.

III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.

b) em duas apenas.

c) na II apenas.

d) na III apenas.

e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

“_______ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _______, quanto custa a _______de um carro alugado, bem como _______ se possa ir à noite.”

a) aonde – estadia – estada – onde

b) onde – estada – estadia – aonde

c) onde – estadia – estada – aonde

d) aonde – estada – estadia – onde

e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:

I. Assisti ao ________ do balé Bolshoi;

II. Daqui ______ pouco vão dizer que ______ vida em Marte.

III. As _________ da câmara são verdadeiros programas de humor.

IV. ___________ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há

b) conserto – a – há – sessões – há

c) concerto – a – há – seções – a

d) concerto – a – há – sessões – há

e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“A ______ de uma guerra nuclear provoca uma grande _______ na humanidade e a deixa _______com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante

b) espectativa – tenção – hesitante

c) expectativa – tensão – hesitante

d) expectativa – tensão – hezitante

e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

“O _______ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca ________ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores ________, muitas delas, completamente sem _________.

a) tráfico – infrações – inflijam – concerto

b) tráfego – infrações – inflijam – conserto

c) tráfego – inflações – infrinjam – conserto

d) tráfego – infrações – infrações – conserto

e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Leia o texto a seguir para responder à questão 18:

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa

vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

18. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No trecho "porque eu, Dom Pedro Quaderna" (l. 35-36), a conjunção "porque" é expressão de realce, empregada de modo expletivo, visto que não estabelece relação entre a oração que ela introduz e outra oração do período.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "E isso **porque** o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos", verifica-se a grafia adequada da expressão destacada, uma vez que funciona como conjunção explicativa.

A frase em que a expressão em destaque também está adequadamente empregada é

a) Não se sabe **por que** a desigualdade social ainda existe.

b) É comum não se compreender o **por quê** da fome no país.

c) **Por quê** os políticos não se movimentam para acabar com a fome?

d) O povo liderará os governantes **por que** tem maior maturidade política.

e) A fome é uma doença, mas não se entende **por que**.

20. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra ou expressão em destaque está grafada corretamente e de acordo com a norma-padrão em:

a) A agricultura familiar é importante **por que** preserva os alimentos tradicionais.

b) A Agricultura Familiar é importante **por quê**?

c) A Agricultura Familiar apresenta importante função **porquê** garante a segurança alimentar.

d) O Texto I esclarece o motivo **porque** a Agricultura Familiar contribui para o uso sustentável dos recursos naturais.

e) O Texto I expõe o **porque** de a Agricultura Familiar ser importante para o país.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d; 18. C; 19. a; 20. b.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"... era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida.”

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente,* qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

“... eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra”*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. “Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. ... mas um defunto **autor**.” (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:

Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego

de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial**.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem...

Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:

Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.

Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.

Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.		variáveis		prefixo		invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice--diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.

2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...

3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.

2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis

2. surdo-mudo: variam os dois

3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:

mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:
salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família; bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias;

informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas herói-cômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) ... funcionam de maneira mais livre...

b) ... lançar o mundo numa profunda recessão.

c) ... na promoção de uma melhor operação...

d) ... essas frases devem nos deixar algo perplexos.

e) ... após algumas décadas...

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado, característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor* modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os terríveis efeitos...

b) E, a partir de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) “Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades...”

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "... existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em levar a saúde a toda a população, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* ou *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no, na, do, da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles (para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram ampliadas.

b) ... configura alguns desafios.

c) ... a existência de muitos dispositivos.

d) Esse pacto...

e) ... resolvidos na atual Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em <u>dois</u> sistemas.

b) ... o custo de <u>todo</u> o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e <u>derrubado</u> pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e <u>socialista</u>.

e) Se a queda ... trouxe <u>mais</u> liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "... o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista*, assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade*.

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso <u>teus</u> seios...

b) Aeromoça nervosa pede <u>calma</u>.

c) Aeromoça <u>nervosa</u> pede calma.

d) ... avisto <u>alguma</u> salvação.

e) <u>Qual</u> esquina dobrei...

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a

salvação. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição...

b) ... não faz mais sentido opor...

c) ... entre as diversas etnias...

d) ... direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem...

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que*. Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: “O voto deixa *isto* claro”. É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia*, *agora não mais*. Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e

dos índios (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para essa consolidação.

b) ... essa era a primeira coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e respeitado para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e distante.

e) ... escrever com bico de pena...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico.*

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com alguma frequência...

b) Seus governantes.

c) Tal tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi contraída...

e) Empresa de capital nacional...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – FCC 2015)

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

Justifica-se o emprego do advérbio *aí*, na frase, do seguinte modo:

a) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

b) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

c) a palavra tem o sentido de "nesse ponto", como em "É aí que está o X da questão".

d) a palavra compõe expressão que tem o sentido de "apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

e) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de "contorno único".

2. (Sabesp – Advogado – FCC – 2014)

Atualmente, também se associa o Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade à responsabilidade social. Responsabilidade social é a forma ética e responsável pela qual a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas, práticas e atitudes, tanto com a comunidade quanto com o seu corpo funcional. Enfim, com o ambiente interno e externo à Organização e com todos os agentes interessados no processo.

Assim, as definições de Educação Ambiental são abrangentes e refletem a história do pensamento e visões sobre educação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Os advérbios grifados no trecho acima podem ser substituídos corretamente, na ordem dada, por:

a) Nos dias de hoje – Por fim – Desse modo

b) Consentaneamente – Afinal de contas – Desse modo

c) Nos dias de hoje – Ultimamente – Do mesmo modo

d) Consentaneamente – Por derradeiro – Destarte

e) Presentemente – Afinal de contas – De todo modo

3. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016 – Adaptada)

Um dos elementos mais importantes na organização do texto de Clarice Lispector é o advérbio de tempo, como o que se encontra grifado em:

I. *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.*

II. *E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.*

III. – *E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.*

IV. *Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.*

Atende ao enunciado APENAS o que consta de

a) I, II e IV.

b) II e IV.

c) II e III.

d) I e III.

e) I, III e IV.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

As relações que as sociedades ocidentais industriais mantêm com os temas da ciência e da tecnologia não se constituem numa constante. No transcorrer da história dessas sociedades, a ciência deixa de ser entendida apenas como um tipo de conhecimento tido como válido e passa a se conjugar com as técnicas, conformando uma aplicação prática e útil desse conhecimento.

Isso ocorre desde os desdobramentos da Revolução Industrial no século XIX, quando ciência e tecnologia passaram a constituir um binômio, abreviadamente expresso por C&T, no qual, cada vez mais, conhecimento científico e técnica se entrelaçam. A tecnologia vai-se tornando plena de ciência e esta tende a incorporar crescentemente a técnica. Já no século XX, o desenvolvimento de ciência e tecnologia passou a utilizar intensivamente grandes investimentos financeiros, tendo em vista o domínio tanto da natureza quanto das sociedades.

A partir de então, e dada a intensificação dos processos técnico-científicos da contemporaneidade, surgem posicionamentos antagônicos em relação à temática da aceleração tecnológica. Por um lado, estabelece-se uma compreensão de que o incremento de ciência e tecnologia é algo determinante, ou até mesmo fundamental para um desenvolvimento econômico e social satisfatório, além de ser politicamente neutro e desprovido de normatividade.

Desde outra perspectiva, desenvolvem-se reflexões sobre as incertezas e indeterminações acerca do destino das sociedades como consequência dos principais modelos e sistemas técnico-científicos contemporâneos. Questiona-se o papel da ciência e da tecnologia como fator determinante e como atividade neutra de valores.

Raquel Folmer Corrêa. Tecnologia e sociedade: análise de tecnologias sociais no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação de mestrado. In: Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br> (com adaptações).

4. (Inpi – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas linhas 5 e 16, as ocorrências do vocábulo "desde" introduzem circunstâncias temporais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto I

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. "Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada", alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

"Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes", diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas,

locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. “O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego”, alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a 31 computação, informática, TI e análise de sistemas. “Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho”, diz Pier Carlo Sola.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

5. (Cespe – CEF – Médio – 2014)

Com base nas informações veiculadas no texto, em sua estrutura e em seus aspectos gramaticais, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho “o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos” (l. 9-10), o termo “interessado” qualifica “o aprendizado”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

6. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto, como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências "**toda a Mata Atlântica**" (l. 6) e "**todo o país**" (l. 9), os artigos definidos "**a**" e "**o**" são opcionais, podendo ser suprimidos sem que haja prejuízo à correção gramatical e à significação dos períodos de que fazem parte.

7. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

"Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui."

Sobre esse segmento acima, é correto afirmar que:

a) o advérbio "relativamente" mostra que a profissão de médico ainda não foi atingida pela revolução;

b) a expressão "até aqui" tem valor semântico de lugar;

c) a expressão "até aqui" é repetida a fim de destacar-se um elemento importante no texto;

d) o pronome "o" refere-se a "médico";

e) o vocábulo "um" em "um ofício" tem noção de quantidade.

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o gramático Celso Cunha, os adjetivos em língua portuguesa expressam qualificações, características, estados e relações; o adjetivo abaixo que expressa relação é:

a) fácil entendimento;

b) linguagem objetiva;

c) profissionais qualificados;

d) prática clínica;

e) informação transparente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da

concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”. *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm>. Acesso em 14 de abril de 2016.

9. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.”

Nesse segmento do texto 1, o vocábulo *mais* aparece duas vezes, com a mesma classe gramatical; a frase abaixo em que esse mesmo vocábulo apresenta classe diferente é:

a) “Quem está embaixo não pode cair mais fundo” (Samuel Butler);

b) “A avareza é mais contrária à economia que a liberdade” (La Rochefoucauld);

c) “O avarento é o mais leal e fiel depositário dos bens dos seus herdeiros” (Marquês de Maricá);

d) “A coisa mais semelhante a reviver a própria vida é relembrá-la e tornar essa lembrança o mais durável

possível” (Franklin);

e) “O pecado de mais culpa é o adultério” (Nouailles).

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo em que NÃO é possível trocar de posição os elementos textuais sublinhados é:

a) “Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência”;

b) “às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência”;

c) “Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham”;

d) “Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras”;

e) “merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica,

inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

11. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"...O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro."

O termo "sobretudo" só NÃO pode ser substituído adequadamente por:

a) principalmente;

b) geralmente;

c) especialmente;

d) destacadamente;

e) particularmente.

12. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

A frase em que a palavra *mais* tem sentido ***diferente*** do das outras frases é:

a) "A mais estranha coisa sobre o futuro é que alguém evocará nossa época como os bons e velhos tempos".

b) "O futuro não é mais o que costumava ser".

c) "Muito poucos são os que vivem no presente, a maioria se prepara para viver mais tarde".

d) "Devemos procurar mais sermos pais de nosso futuro do que filhos de nosso passado".

e) "Há ladrões que não castigamos, mas que nos roubam o que é mais precioso: o tempo".

13. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve a troca ***indevida*** da palavra *mal* por *mau* ou vice-versa.

a) “A ironia é uma forma elegante de ser mau”.

b) “Não há mau que sempre dure nem bem que nunca se acabe”.

c) “Basta um drinque para me deixar mal. Mas nunca sei se é o 13º ou o 14º”.

d) “O mal de comprar coisas de segunda mão é que elas nunca são de segunda mão”.

e) “O mal das encrencas é que elas começam bem devagarinho”.

14. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“*O bom médico não deixa ver nada de suas apreensões ao seu paciente*.”

A mesma relação semântica entre as palavras sublinhadas se repete nos pares a seguir, ***à exceção de um***. Assinale-o.

a) advogado/cliente.

b) mestre/discípulo.

c) santo/devoto.

d) senhorio/inquilino.

e) religião/militante.

15. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“*O falar é perigoso para as nossas ilusões.*”

(**Machado de Assis**)

Sobre os componentes do fragmento acima, assinale a afirmativa ***incorreta***.

a) O termo “*o falar*” é um exemplo de palavra substantivada.

b) No adjetivo “*perigoso*”, o sufixo -oso forma adjetivos a partir de substantivos.

c) A preposição “*para*” mostra valor de finalidade.

d) O pronome possessivo “*nossas*” tem valor universal.

e) O adjetivo “*perigoso*” expressa uma opinião do enunciador.

16. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

Entre as frases de Machado de Assis a seguir, assinale aquela em que a locução adjetiva sublinhada mostra uma substituição ***inadequada***.

a) “*A fantasia é um vidro de cor, porém mentiroso.*” / colorido

b) “*Sem ter passado por provas da experiência, é muito raro dizer coisa com coisa.*” / experientes

c) “*Admiremos os diplomatas que sabem guardar consigo os segredos dos governos.*” / governamentais

d) “*Amor ou eleições, não falta matéria às discórdias dos homens.*” / humanas

e) “*A tática do parlamento de tomar tempo com discursos até o fim das sessões não é nova.*”/ parlamentar

17. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho “Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?”, são palavras de classes gramaticais diferentes

a) **em** e **que**

b) **sair** e **pegar**

c) **como** e **ainda**

d) **prodigioso** e **vazio**

e) **presente** e **madrugada**

18. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O advérbio destacado na passagem – ... você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser **muito**, **muito** cruel? – tem equivalente em:

a) Só gente **muito** preconceituosa pensa assim.

b) Há **muito** ponto de vista errado acerca desse assunto.

c) **Muito** do que é hoje deve aos pais, sempre dedicados a ele.

d) Só por **muito** ele aceita defender o réu.

e) O vírus transmitido pelo mosquito vem causando **muito** sofrimento às pessoas.

19. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Observe as passagens:

– … e **agora** quer começar uma carreira médica. (2º parágrafo);

– … ele tem 80 anos. **Isto mesmo**, 80. (3º parágrafo);

– **Talvez** a expectativa de vida não permita… (4º parágrafo).

As expressões destacadas expressam, respectivamente, sentido de

a) lugar, modo e causa.

b) tempo, afirmação e dúvida.

c) afirmação, afirmação e dúvida.

d) tempo, modo e afirmação.

e) modo, dúvida e intensidade.

20. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

O emprego do adjetivo anteposto ao substantivo realça a qualidade que a este se atribui, o que se pode comprovar com a expressão em destaque na seguinte passagem do texto:

a) Os bastidores do vestibular são cheios de **histórias** – **curiosas, estranhas, comoventes**.

b) O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma **figura clássica**...

c) Veio do Japão aos 11 anos, (…) e agora quer começar uma **carreira médica**.

d) Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo **critério cronológico**.

e) Os resultados do **difícil exame** trazem desilusão para muitos jovens…

21. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Os advérbios “bem” (1º quadrinho) e “Talvez” (2º quadrinho) expressam, respectivamente, circunstância de

a) modo e tempo.

b) afirmação e modo.

c) dúvida e afirmação.

d) afirmação e intensidade.

e) modo e dúvida.

22. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

No trecho – **Bombeiros mineiros** deverão receber treinamento... – (1º parágrafo), a expressão em destaque é formada por substantivo + adjetivo, nessa ordem. Essa relação também se verifica na expressão destacada em:

a) A **imprudente atitude** do advogado trouxe-me danos.

b) Entrou silenciosamente, com um **espanto indisfarçável**.

c) **Alguma pessoa** teve acesso aos documentos da reunião?

d) Trata-se de um lutador **bastante forte** e preparado.

e) Estiveram presentes à festa meus **estimados padrinhos**.

23. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Uma palavra que substitui a expressão destacada em – A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, **pouco a pouco**, está se expandindo –, sem alteração de sentido, é:

a) subitamente.

b) paulatinamente.

c) repentinamente.

d) provavelmente.

e) impreterivelmente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Qualquer movimento para interromper a construção de uma rodovia é uma tentativa de fazer que o velho caos volte à vida. A despeito de esporádicos êxitos locais, ninguém tem demonstrado possuir poder suficiente para enfrentar o vasto poder acumulado da rodovia. Isso sugere que o modernismo tem suas próprias contradições e tensões dialéticas e que determinadas formas de pensamento e visão modernistas

podem solidificar-se em ortodoxias dogmáticas e tornar-se arcaicas. A aspiração contemporânea por uma cidade abertamente turbulenta, mas intensamente viva, corresponde à aspiração de voltar a expor feridas antigas, mas especificamente modernas. É a aspiração de conviver abertamente com o caráter dividido e irreconciliável de nossas vidas e extrair energia do âmago mesmo de nossos esforços, aonde quer que isso nos conduza no final.

(Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.165, Adaptado).

24. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Seria preservada a correção gramatical do texto se o advérbio "aonde" (l. 8) fosse substituído por "onde".

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O antigo laço de amizade que me liga a Oscar Niemeyer levou-me a transmitir-lhe minhas preocupações sobre os erros que eu acreditava terem sido cometidos em Brasília em consequência do planejamento puramente estético e quase ditatorial.

Entretanto, fiquei estupefato com seu otimismo. Ele me disse que, em Brasília, os ajustamentos sociais que me estavam preocupando seriam, gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura.

(Freyre, Gilberto. *Palavras repatriadas*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2003, p.244-6, Adaptado).

25. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Atende à norma gramatical da língua padrão e preserva o sentido do texto original a seguinte substituição:

"gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura" (l. 5) por "gradativa e harmonicamente solucionados à nova arquitetura".

26. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2012)

Na transcrição do fragmento de texto abaixo, foram desrespeitadas regras gramaticais da língua portuguesa. Assinale a opção em que a grafia de palavra ou o uso de estrutura linguística está incorreto.

A intensa migração, o encarecimento dos terrenos centrais, mais bem (A) situados, e demais fatores criaram incentivos para a configuração espacial das nossas metrópoles: as classes de menor poder aquisitivo acabam

por se concentrar (B) nas periferias. Lá os preços dos terrenos são menores, compensando a baixa acessibilidade e a insuficiência (C) de infraestrutura. Ou seja, a classe com menores condições reside distante dos locais de emprego, consumo e entretenimento. Além disso, essa classe depende de transporte público pouco eficiente e de baixa qualidade, pois este não foi priorizado ao longo de décadas. Mais ainda, quando membros dessa classe conseguem obterem (D) crescimento de renda e acesso a (E) crédito, desprivilegiados que são em sua mobilidade, têm como principal impulso a aquisição de automóveis. Isso, por sua vez, somente agrava ainda mais o quadro de engarrafamentos em massa das metrópoles.

(Adaptado de Vladimir Fernandes Maciel, Problemas e desafios do transporte público urbano. Disponível em: <http://www.pucrs.br>).

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população.

De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(Adaptado de Paulo Otto von Sperling. *Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos*. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)

27. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

a) o artigo em “a paulatina” (l. 1).

b) o artigo na contração em “Na administração” (l. 4), escrevendo apenas **Em**.

c) o artigo em “o direito” (l. 4).

d) o artigo em “as ouvidorias” (l. 5).

e) o artigo na contração em “da população” (l. 7), escrevendo apenas de.

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

28. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O advérbio “assim” (l. 4) tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

29. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada

O uso do gerúndio em “gravando” (l. 5) imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Não vamos discorrer sobre a pré-história da aviação, sonho dos antigos egípcios e gregos, que representavam alguns de seus deuses por figuras aladas, nem sobre o vulto de estudiosos do problema,

como Leonardo da Vinci, que no século XV construiu um modelo de avião em forma de pássaro. Pode-se localizar o início da aviação nas experiências de alguns pioneiros que, desde os últimos anos do século XIX, tentaram o voo de aparelhos então denominados mais pesados do que o ar, para diferenciá-los dos balões, cheios de gases, mais leves do que o ar.

Ao contrário dos balões, que se sustentavam na atmosfera por causa da menor densidade do gás em seu interior, os aviões precisavam de um meio mecânico de sustentação para que se elevassem por seus próprios recursos. O brasileiro Santos Dumont foi o primeiro aeronauta que demonstrou a viabilidade do voo do mais pesado do que o ar. O seu voo no "14-Bis" em Paris, em 23 de outubro de 1906, na presença de inúmeras testemunhas, constituiu um marco na história da aviação, embora a primazia do voo em avião seja disputada por vários países.

Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13/12/2015 (com adaptações).

30. (ANAC – Analista Administrativo – ESAF – 2015)

(Adaptada) – Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

A substituição de "então" (l. 5) por **naquela época** prejudica as informações originais do texto.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. E; 5. E; 6. E; 7. c; 8. d; 9. e; 10. a; 11. b; 12. b; 13. b; 14. e; 15. c; 16. b; 17. a; 18. a; 19. b; 20. e; 21. e; 22. b; 23. b; 24. errada; 25. errada; 26. d; 27. e; 28. certa; 29. errada; 30. errada.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É

invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

<table>
<tr><td rowspan="3">I – Indicativo</td><td colspan="3">presente – eu falo...</td></tr>
<tr><td>pretérito</td><td></td><td>imperfeito – eu falava...
perfeito – eu falei...
mais-que-perfeito – eu falara...</td></tr>
<tr><td>futuro</td><td></td><td>do presente – eu falarei...
do pretérito – eu falaria...</td></tr>
</table>

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III –		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós,

Imperativo		não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS	DERIVADOS
1) Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (-**e**, -**a**)

(Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_________________	_________________

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrid*o* que eu agrid*a*

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito	Pret. mais-que-perfeito (-ra)
	Imperfeito do subjuntivo (-sse)
	Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência -*ram* e fique com o

radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles coube*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

3) Infinitivo Impessoal	Futuro do presente (-re, -ra) Futuro do pretérito (-ria)
	Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir...*), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em

destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência *-va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é *-a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam* – *vivem* – *viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma

boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor,

depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter (***líder***)

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito:** tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. **Ver (*líder*)**

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram;

futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. Vir (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*...).

8.1.6. Fazer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:**

fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*...).

8.1.7. Querer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:

Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes,

requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; **futuro:** requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

> Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em

função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao

pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.

3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia*...); para conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá,

agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr***i***do*, será eu *c***i***rzo, den***i***gro, prev***i***no, progr***i***do, regr***i***do, transgr***i***do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo,* será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires,

fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o*, somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*... Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados:

1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós *sempre* vamos *à biblioteca*. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca.

2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).

3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós “viemos” aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito**

perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).

Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____________ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

   Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

Resposta: viajem.

2. Ontem eles ____________________ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

Resposta: reouveram.

3. O juiz não _________________ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos ____________, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste*..., *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir, quando tu vires, quando ele vir*...

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós ___________________ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando eu propuser*, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor"*, *quando tu "propores"*, *quando ele "propor"*...

Resposta: propusermos.

6. Eles não _________________ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive*, *tu tiveste*, *ele teve*, será *eu detive*, *tu detiveste*, *ele deteve*, e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _________________ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu* = *ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _________ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não ______________ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha*...

Resposta: valho.

10. Estes homens _________________ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _________________ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser, quando tu disseres, quando ele disser*...

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles ___________________ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu*

mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse...

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros __________________ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs...*, o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs.*

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu __________ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá...*

Resposta: vás.

15. Aqui eu não ____________ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós __________________ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _______________ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha*...

Resposta: supunha.

18. Nós _____________ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos, ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não ___________ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles ___________ e não te ___________, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é *ele vê*, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós __________ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós __________ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles __________ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem*", se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(FGV/Oficial de Cartório/2008)** "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente

conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio manteram-se atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo creem que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, interviu na cotação do dólar.

d) Como sobreviram contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos preveram queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se*.

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não

como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) “Para que se DIGA...”,“que o governo GARANTA...”. Se em lugar dos verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

- Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.
- Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. (Fundação Euclides da Cunha/TRF) Na oração “como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt”, o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente,

na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. **(NCE-UFRJ/Oficial de Justiça)** "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª

pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. Pretérito perfeito composto: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o

presente.

Tem falado, **tenho** contado...

2. Pretérito mais-que-perfeito composto: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. (Técnico Judiciário/TJ) "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

a) levava

b) levou

c) leva

d) levara

e) levasse

Comentários:

A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo,

que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

Resposta: D.

2. (Auxiliar Judiciário/TJ) “Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...”. O emprego do tempo verbal destacado expressa:

a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

b) um fato futuro, mas próximo.

c) uma ação passada habitual ou repetida.

d) uma ação produzida em certo momento do passado.

e) a continuidade de um ato até o presente.

Comentários:

A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se “Publicidade oficial tem sido, quase sempre...”, é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

Resposta: E.

3. (FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008) “O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.”

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam*. Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. Afirmativo:

• **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

• **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. Negativo: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) ... **respeite** pai e mãe...

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se comportasse de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual...*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma

frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público) “Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália.”; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo “acorda”, presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) “Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*’, grita

entusiasmado.”

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas

(falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

> Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

> Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

> Dicas:
>
> 1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
>
> 2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) ... não se deve *dizer* mal de ninguém...; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser.*

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta...".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação -*do*) e o irregular (que não possui terminação -*do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.

b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

- uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se ___________ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

2. Se ____________ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

3. Os pais não ______ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)

4. Os pais só ________ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)

5. Os pais só ______ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)

6. Os pais ________ as crianças depois que se ________ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se ______ a ficar com as crianças quando estas lhes ________. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais ________ as crianças quando ________ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não ________ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa ________ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _______ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já ________ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando ________ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se ________ lendo o futuro nas mãos dos amigos.

(ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se ________ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _________ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o ________. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais ________ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _________ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes ________. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _______ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não ________ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se ________ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja ________ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade __________ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _________ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas ________ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _________ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _________ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _________ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _________ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure.*

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal);

presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: hoje *afirmamos* que amanhã *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – anteontem *afirmamos* que ontem *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.*

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam*... O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não <u>é</u> maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. **(TRT / Anal. Judic.)** Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico

de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito,* já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora...*, e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. **(TRT/AL – Técn. Adm.)** Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem,* registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é

coerente utilizar--se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não ___________ nos surpreender se a minoria econômica dominante ________ de prestar contas a quem mais _____________

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse*, *prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de

altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mantendo-se a correlação verbal na primeira frase do texto, a substituição de “Depois que” por “Caso” acarretará as seguintes mudanças nas formas verbais:

a) fartasse − terá − iria consumir

b) fartara − tivera − consumira

c) teria fartado − teria tido − teria consumido

d) tenha fartado − terá − consumirá

e) tivesse fartado − teria − consumiria

2. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

A preocupação com o planeta ***levou*** *Abu Dhabi* <u>*a tirar*</u> *do papel a cidade sustentável de Masdar*.

Ao substituir-se a forma “levou” pela construção “fez com que”, o segmento sublinhado deverá ser substituído, preservando-se a correlação verbal, por

a) tirará.

b) tira.

c) tirava.

d) tirasse.

e) tirar.

3. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Não seria de se esperar que todas as músicas alcançaram igual repercussão onde quer que se produzissem.

b) Se todos os povos frequentassem a mesma linguagem musical, a universalidade de sentido terá sido indiscutível.

c) A cada vez que se propaga em escala industrial, a música poderia se transformar num fetiche do mercado.

d) Dado que as culturas são muito diferentes, é de se esperar que as linguagens da música também o sejam.

e) As diferentes manifestações musicais trariam consigo linguagens que se marcarão como particulares.

4. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Há adequada correlação entre os tempos e os modos verbais presentes na seguinte frase:

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só seria nossa caso já não estivessem prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura, à qual todos estamos submetidos.

b) Nenhum de nós terá qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós caberia a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural apresentaria ainda mais falhas, se viermos a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem ousará remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes estivessem à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal seria aquele cujos serviços sequer se notem, pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O termo saudade, monopólio sentimental da língua portuguesa, geralmente se traduz em alemão pela palavra “sehnsucht”. No entanto, as duas palavras têm uma história e uma carga sentimental diferentes. A saudade é um sentimento geralmente voltado para o passado *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. Embora M. Rodrigues Lapa, referindo-se ao sentimento da saudade nos povos célticos, empregue esse termo como “ânsia do infinito”, não é esse o uso mais generalizado. Emprega-se a palavra, tanto na linguagem corrente como na poesia, principalmente com referência a objetos conhecidos e amados, mas que foram levados pela voragem do tempo ou afastados pela distância.

A “sehnsucht” alemã abrange ao contrário tanto o passado como o futuro. Quando usada com relação ao

passado, é mais ou menos equivalente ao termo português, *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores* elaborados durante uma longa história de ausências e surgidos em consequência do temperamento amoroso e sentimental do português. Falta à palavra alemã a riqueza etimológica, o eco múltiplo que ainda hoje vibra na palavra portuguesa.

A expressão “sehnsucht”, todavia, tem a sua aplicação principal precisamente para significar aquela “ânsia do infinito” *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. No uso popular e poético emprega-se o termo com frequência para exprimir a aspiração a estados ou objetos desconhecidos e apenas pressentidos ou vislumbrados, os quais, no entanto, se julgam mais perfeitos que os conhecidos e os quais se espera alcançar ou obter no futuro.

Assim, a saudade parece ser, antes de tudo, um sentimento do coração envelhecido *que relembra os tempos idos, ao passo que a “sehnsucht” seria a expressão da adolescência* que, cheia de esperanças e ilusões, vive com o olhar firmado num futuro incerto, mas supostamente prometedor. Ambas as palavras têm certa equivalência no tocante ao seu sentido intermediário, ou seja, à sua ambivalência doce-amarga, ao seu oscilar entre a satisfação e a insatisfação. Mas, como algumas de suas janelas dão para o futuro, a palavra alemã é portadora de um acento menos lânguido e a insatisfação nela contida transforma-se com mais facilidade em mola de ação.

(Adaptado de: ROSENFELD, Anatol. **Doze estudos**. São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 1959, p. 25-27)

(FCC – TRT – 15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)

5. ***Embora M. Rodrigues Lapa [...] empregue esse termo como “ânsia do infinito”...*** (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está empregado em:

a) ... *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. (3º parágrafo)

b) ... *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. (1º parágrafo)

c) ... *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores*... (2º parágrafo)

d) ... *que relembra os tempos idos*... (4º parágrafo)

e) ... *ao passo que a* “sehnsucht” *seria a expressão da adolescência*... (4º parágrafo)

6. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

na época, o látex representava 50% da exportação do Brasil.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima encontra-se em:

a) ... *mas conheço um pouco o interior da Amazônia.*

b) ... *quando já era uma fortaleza avançada dos portugueses...*

c) *A temática amazônica se impõe...*

d) ... *escreveria sobre Paraty ou Pequim, certamente.*

e) *E teve uma importância econômica fundamental durante 40 anos...*

7. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Na frase ***Desejaríamos*** *que falassem, como falam os animais*..., caso o verbo em negrito assuma o mesmo tempo e modo que o sublinhado, teremos as seguintes formas verbais no segmento inicial:

a) Desejam que falem.

b) Desejamos que falassem.

c) Desejam que falassem.

d) Desejamos que falem.

e) Desejemos que falam.

8. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

(nem creio que venha a ter)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:

a) ... *que existam pássaros*...

b) ... *que ele entendia*...

c) ... *o que lhes ensinam*...

d) ... *que assim se chama*.

e) ... *que uns dizem com voz rouca*...

9. (FCC – Sabesp/Advogado – 2014)

É importante que a inserção da perspectiva da sustentabilidade na cultura empresarial, por meio das ações e projetos de Educação Ambiental, esteja alinhada a esses conceitos.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado na frase acima está em:

a) ... a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas...

b) ... as definições de Educação Ambiental são abrangentes...

c) ... também se associa o Desenvolvimento Sustentável...

d) ... e incorporou [...] também aspectos de desenvolvimento humano.

e) ... e reforce a identidade das comunidades.

10. (FCC – TRF – 1ª Região/ Anal. Jud. – Biblio/2014)

No período "*É possível que eu o diga de um modo que provavelmente pareça patético*", o autor utiliza os verbos dizer e parecer no presente do subjuntivo. Encontram-se estes mesmos tempos e modo verbais em:

a) é a criação poética, ou o que **chamamos** de criação.

b) mistura de esquecimento e lembrança do que **lemos.**

c) quero que **seja** uma confidência.

d) com uma letra gótica que não **posso** ler.

e) uma felicidade de que **dispomos**.

11. (FCC – TRF – 3ª Região/ Anal. Jud. – 2014)

(...) O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo--lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.(...)

***Tinham* seus prediletos ...**

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Dumas consentiu.

b) ... levaram com eles a instituição do "lector".

c) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

d) Despontava a nova capital mundial do Havana.

e) ... que cedesse o nome de seu herói...

12. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

Os tempos e os modos verbais estarão corretamente articulados na frase:

a) Eduardo Coutinho, morto em 2014, destacara-se como um mestre dos documentários, cuja arte contemplasse o depoimento vivo, sempre que rejeitava o retrato estereotipado das pessoas.

b) A exemplo do que houvesse na arte de Eduardo Coutinho, o primeiro passo de toda política deveria ter levado em conta o respeito pela condição singular do outro, conquanto, para isso, surgiam dificuldades.

c) Caso não fizesse dessa obsessão um eixo de sua trajetória, Coutinho não viveria como um artista crítico, para quem já houvesse arte encarnada no corpo e suspensa no espírito do outro.

d) Em seu processo criativo, Coutinho saberia ver e ouvir e, consequentemente, havia se acercado da história de cada um como um processo sensível e inacabado, sem que fosse necessário ajustar conceitos.

e) A obsessão que Coutinho demonstraria pela cena da vida era similar à que tivesse pela arte, e isso fez com que seja quase impossível, para Coutinho, opor personagem a pessoa.

13. (FCC – TCE-CE – Técnico – Administração – 2015)

A articulação entre os tempos e os modos verbais está adequada na frase:

a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável será oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.

b) É natural que há preconceito nas relações interpessoais: mesmo que percebemos tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.

c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas era importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas forem exemplarmente julgadas e punidas.

d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois seria possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós possamos perceber.

e) O preconceito teria raízes sociais fundas: ele se disseminaria pelas pessoas e, quando déssemos por nós, estaríamos repetindo algo que sequer teríamos investigado.

14. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

a) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

b) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho preferência pelas velhas fotos em papel.

c) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

d) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

e) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

15. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considerando a norma padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

a) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

b) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

c) Eles proveem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhecida é considerada crime de lesa pátria.

d) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

e) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

16. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

a) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

b) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

c) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

d) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

e) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

A graça da não notícia

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de "interpretação reversa".

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – "o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes". Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um "sim", o outro um "não" ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal "pluralidade" já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas

respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

17. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

É legítimo o seguinte comentário:

a) (linha 8) O aspecto ambíguo da imprensa é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

b) (linha 17) Em “Por que a árvore caiu?”, tem se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

c) (linhas 18 e 19) Se o segmento sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos fosse redigido de outra forma − “sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas” −, seu sentido original estaria preservado.

d) (linha 24) Em “já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade”, a substituição de já por “de imediato” preserva o sentido original da frase.

e) (linhas 24 e 25) O segmento amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

18. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– *Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.*

Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma padrão:

a) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal “ouvia”, mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

b) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por tinha de ouvir.

c) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser “A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado”.

d) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

e) Se, em vez de A primeira, houvesse “Uma das primeiras”, o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural “anunciarem”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro *Um homem* (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em *Um homem*, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa

técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

19. (TJ/AL – Analista – Cespe – Set./2012)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (**C** ou **E**) o seguinte item.

O emprego de “concebera” (l. 4), no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, justifica-se, no texto, como traço estilístico da linguagem culta formal, visto que, em normas estritamente gramaticais, não há respaldo para esse uso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Que me perdoem os devotos machadianos, eu prefiro Euclides da Cunha e Lima Barreto, com todos os defeitos que ambos possam ter, a Machado de Assis, com todas as suas qualidades. E, até onde pude entender, Millôr Fernandes tem opinião parecida com a minha. Tanto assim que, segundo afirmou, não

incluiria qualquer dos livros de Machado de Assis entre os dez maiores romances brasileiros.

A meu ver, ao falar assim, Millôr Fernandes levou em conta apenas livros como Dom Casmurro, em que, na minha opinião, Machado incorre naquela miopia contra a qual o músico Jayme Ovalle reclamava. Mas esqueceu de *Quincas Borba*, que inclui Machado de Assis na linhagem cervantina da literatura e em que a insânia de Rubião se aproxima da insânia do Cavaleiro da Triste Figura.

Mas, talvez por causa da ironia sem compaixão de Machado de Assis, a loucura de Rubião gira somente em torno de sua pessoa, jamais partindo ele para qualquer ação no sentido de corrigir "os desconcertos do mundo" — como acontecia com o cavaleiro manchego. De modo que o personagem mais generosamente quixotesco da literatura brasileira não é Rubião, é Policarpo Quaresma. Lima Barreto é nosso escritor mais puramente humorístico, tomada a palavra em seu verdadeiro sentido, que inclui, ao lado do riso, a compaixão, que a ironia de Machado de Assis ou impede ou mancha.

Alguns escritores que desprezam o Brasil e seu povo costumam usar Policarpo Quaresma como pretexto para escarnecer de ambos. Pensam, talvez, que Lima Barreto era um deles. Esquecem que, em seu romance, o grande escritor carioca ri, antes de tudo, de si mesmo. E, sobretudo, não veem tais escritores que, se a realidade brutal e mesquinha (inclusive a da política) desmente e destrói, a cada instante, as ações generosas de Policarpo Quaresma, a pureza de seu sonho permanece intocada até a morte, o que o coloca muito acima dos poderosos e "realistas" que o cercam.

Ariano Suassuna. In: Cadernos de literatura brasileira – Millôr Fernandes, nº 15, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003, p. 18-9 (com adaptações).

20. (IRB – Diplomata – Cespe – Abril/2014)

Acerca das ideias desenvolvidas no texto acima, julgue (**C** ou **E**) o item subsequente.

No trecho que inicia o terceiro parágrafo, mesmo que presente o advérbio "talvez" (l. 9), que exigiria o emprego do modo subjuntivo, o autor do texto optou pelo emprego da forma verbal no indicativo ("gira"), privilegiando, assim, a assertividade de seu discurso, conforme descrito na gramática normativa a respeito desse modo verbal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto II

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo

destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a *opinio delicti*, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim**.** *A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal*. Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Disponível em: <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

21. (MPU - Analista – Cespe – Março/2015)

Conforme as ideias contidas no texto II, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais “possa formar” (l. 5) e “instaurar” (l. 6) fossem substituídas, respectivamente, por **forme** e **instaure**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto nº 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

Naquela época, o voto não era universal: para participar do processo eleitoral, requeriam-se 200 mil réis de renda líquida anual comprovada. Havia, no entanto, a previsão de dispensa de comprovação de rendimentos, que se aplicava a inúmeras autoridades, como, entre outros, ministros, conselheiros de estado, bispos, presidentes de província, deputados, promotores públicos. Praças militares e policiais não podiam alistar-se.

Para candidatar-se, o cidadão, além de não ter sido pronunciado em processo criminal, deveria auferir renda proporcional à importância do cargo pretendido. Deveria, ainda, solicitar por escrito o seu alistamento na paróquia em que fosse domiciliado. Candidatos a vereador e a juiz de paz tinham apenas de comprovar residência no município e no distrito por mais de dois anos; candidatos a deputado provincial, dois anos na província; candidatos a deputado geral, renda anual de 800 mil réis; e candidatos a senador deviam comprovar, além da idade de quarenta anos, a percepção de renda anual de um milhão e seiscentos mil réis.

Uma modificação digna de nota é que, a partir daquela década, os trabalhos eleitorais não seriam mais precedidos de cerimônias religiosas, como era habitual antes da edição da Lei Saraiva. Refletindo a relação entre o Estado e a Igreja, já havia ocorrido que algumas eleições fossem realizadas em templos religiosos; a partir da lei, apenas na falta de outros edifícios os pleitos poderiam ser realizados em igrejas, muito embora fosse possível afixar nelas – como locais públicos que eram – editais informando eliminações, inclusões e alterações nos alistamentos.

Títulos eleitorais: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2009, p. 11-2. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

22. (TRE/GO – Técnico Judiciário – Cespe – 2015)

Com relação às estruturas linguísticas do texto I, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O tempo empregado nas formas verbais “enviaria” (l. 3), “seria transformado” (l. 4), “ficaria” (l. 4) e “seriam instituídas” (l. 5) dá a entender que as ações correspondentes a essas formas verbais não se concretizaram, de fato, no ano de 1880.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação

do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

23. (MPU – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto II, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir “restauraria” (l. 8) por **poderia restaurar.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados a ciência de dados, em especial ao big data e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

24. (FUB – Técnico Admin. – Cespe – Março/2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No texto, o uso das formas verbais no modo subjuntivo em “desenvolva” e “aumentem”, ambas na linha 5, reforça a ideia de hipótese conferida ao substantivo “tendência” (l. 5).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como "palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

25. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical do texto CG1A1CCC caso a forma verbal "entrara" (l. 3) fosse substituída por

a) **entrava.**

b) **haveria entrado.**

c) **tinha entrado.**

d) **há de entrar.**

e) **entraria.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo "caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, "caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é "o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas

e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

26. (Instituto Rio Branco – Diplomata – CESPE – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

A forma “pôde” (l. 13) poderia ser corretamente substituída por **pode**, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

27. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“*Teria sido o mundo criado jamais se o seu criador tivesse medo de suscitar confusão? Criar vida quer dizer criar confusão.*”

Sobre a estruturação gramatical da frase acima, assinale a afirmativa correta.

a) A forma ativa correspondente a “*Teria sido criado*” é “*teria criado*”.

b) O advérbio “*jamais*” traz o significado prioritário de negação.

c) O pronome possessivo “*seu*” teria que, por clareza, ser substituído por “*dele*”.

d) A forma verbal “*tivesse*” expressa o valor de tempo futuro.

e) A forma verbal “*suscitar*” poderia ser corretamente substituída por “*que suscite*”.

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

“Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado”.

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer

como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991.Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

28. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 4º parágrafo, insere-se no texto a voz do Dr. Robert Baker, médico que ensina ao empresário Robert Dernham o que fazer com a saúde de seus trabalhadores.

Tal fala apresenta um tom de aconselhamento, o que se exemplifica por meio do uso de

a) verbos no modo imperativo

b) linguagem informal

c) coordenação sintática

d) pontuação exagerada

e) palavras repetidas

29. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em “os movimentos caóticos atuais já **eram** os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna”, observa-se a adequada flexão do verbo destacado, o que também se verifica em

a) O povo brasileiro **sois** articulado politicamente.

b) Se **fôssemos** menos explorados, o país prosperaria mais.

c) Quando **fores** corretos os políticos brasileiros, a fome terá fim.

d) É fundamental que **sejemos** um povo mais politizado.

e) A população deseja que o sistema de saúde **sejais** melhor.

30. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Caso se indeterminasse o sujeito em “Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar.”, constituiria

adequada reescritura o seguinte período:

a) Mas se não sabemos prever, podemos pelo menos desejar.

b) Mas se não sabeis prever, podeis pelo menos desejar.

c) Mas se não sabe prever, pode pelo menos desejar.

d) Mas se não sabem prever, podem pelo menos desejar.

e) Mas se não sabes prever, podes pelo menos desejar.

31. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

As formas verbais estão empregadas coerente e adequadamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, em:

a) É desejável que a escola não desse importância apenas à futura profissão dos alunos, mas que também atendesse às necessidades relativas à formação desses estudantes.

b) Os países em desenvolvimento teriam possibilidade de maior crescimento se a população fosse atendida em suas necessidades básicas e tivesse oportunidade de estudar.

c) Se os resultados das pesquisas de mercado fossem positivos, o diretor da empresa apresentará aos clientes detalhes do novo projeto a ser implementado.

d) É necessário que as empresas de comunicação global investissem em programas de popularização dos meios de compartilhamento de informação.

e) As mudanças do mercado digital dependem das ações que as empresas desenvolverão junto aos seus funcionários para que eles tivessem sucesso.

32. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O verbo em destaque está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) **Pegue** o outro elevador, por favor.

b) É preciso que você **esteje** atento a situações de perigo.

c) Será muito bom se você **propor** um outro acesso aos passageiros.

d) **Seje** sempre bem-humorado com os passageiros.

e) Gostaríamos de que você **vesse** esse filme.

33. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A forma verbal destacada está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Quando as pessoas **fazerem** compras nas lojas locais, poderão usar o cartão de crédito comunitário.

b) Os consumidores preocupados com os gastos tinham **trago** pouco dinheiro para as suas compras.

c) Os financiamentos serão ampliados quando os bancos **estarem** com os juros baixos.

d) O ideal seria que os clientes dos bancos comunitários **pudessem** aumentar sua renda mensal.

e) Se os bancos **darem** mais crédito aos moradores, aumentará a construção de casas na comunidade.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

O presente do indicativo, em "A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, **surge** na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial", produz o seguinte efeito de sentido:

a) aproxima o leitor do que é narrado.

b) põe em dúvida o contexto histórico referido.

c) confere um caráter de continuidade ao que é dito.

d) dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX.

e) atribui à medicina do trabalho um valor anacrônico.

35. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

O emprego dos verbos destacados no trecho "'Eu me **sentava** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começava**" mostra as lembranças da narradora sobre um fato que ocorreu com ela repetidas vezes no passado.

Se, respeitando-se o contexto original, a frase mostrasse um fato que ocorreu com ela uma única vez no passado, os verbos adequados seriam os que se destacam em:

a) Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.

b) Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.

c) Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.

d) Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**.

e) Eu **ficava sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade **estava começando**.

36. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a colocação pronominal e a conjugação dos verbos estão de acordo com a norma-padrão.

a) Eles se disporão a colaborar comigo, se verem que não prejudicarei-os nos negócios.

b) Propusemo-nos ajudá-lo, desde que se mantivesse calado.

c) Tendo avisado-as do perigo que corriam, esperava que elas se contessem ao dirigir na estrada.

d) Todos ali se predisporam a ajudar-nos, para que nos sentíssemos à vontade.

e) Os que nunca enganaram-se são poucos, mas gostam de que se alardeiem seus méritos.

37. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que os verbos destacados, flexionados em conformidade com a norma-padrão, mantêm a mesma relação de tempo e modo que os destacados em: E eu nem **sei** onde fica o mar Cáspio, embora também não **saiba** onde fica o Brasil.

a) E eu nem me ative à localização do mar Cáspio, embora também não me atenho à localização do Brasil.

b) E eu nem guardei a localização do mar Cáspio, embora também não guarde a localização do Brasil.

c) E eu nem conheço a localização do mar Cáspio, embora também não conheço a localização do Brasil.

d) E eu nem vi a localização do mar Cáspio, embora também não vejo a localização do Brasil.

e) E eu nem disponho da localização do mar Cáspio, embora também não disponha da localização do Brasil.

38. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do texto a seguir, observando o emprego do sinal de crase e a conjugação verbal, segundo a norma-padrão.

Implantaremos um sistema capaz de levar _________ consumidores fiéis informações sobre nossas promoções, __________ partir do momento em que forem lançadas. Se de recursos suficientes, anunciaremos prêmios que atraiam clientes, para que ___________ incondicionalmente __________ campanhas promocionais.

a) aqueles ... a ... dispormos ... aderem ... as

b) àqueles ... a ... dispusermos ... adiram ... às

c) àqueles ... à ... dispusermos ... aderem ... às

d) aqueles ... à ... dispormos ... adiram ... as

e) aqueles ... a ... dispormos ... adiram ... as

39. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do verbo, em conformidade com a norma-padrão.

a) Caso Minas Gerais usa a experiência do Japão, pode superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

b) Se Minas Gerais se propuser a usar a experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

c) Se o Japão se dispor a auxiliar Minas Gerais, Mariana é superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

d) Se o Japão manter seu auxílio a Minas Gerais, Mariana poderá ser superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

e) Caso Minas Gerais faz uso da experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

40. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2012)

Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro *no uso do verbo sublinhado.*

Animado com os indicadores positivos mais recentes, o governo reforçou ontem o tom otimista sobre a recuperação da atividade econômica, apesar de analistas do mercado financeiro estarem (A) ainda céticos sobre o ritmo do crescimento. O tom otimista foi usado em declarações da Presidenta, do Ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central, a quem coube (B) o recado mais importante, ao afirmar (C)que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) vai acelerar nos próximos meses, mas com preços sob controle. Os estímulos dados pelo governo já obteram (D) uma resposta positiva da atividade econômica, mas ainda não produziram plenamente seus efeitos. Por isso a tendência é de recuperação mais à frente, sem que exista (E) risco de a inflação fugir da meta estabelecida para este ano.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18 de agosto de 2012)

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

(Adaptado de *Veja*, 18 de abril, 2012)

41. (ESAF – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012)

Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

a) virão a ser em lugar de “serão”(L. 9).

b) têm contribuído em lugar de “contribuíram”(L. 3).

c) vem sendo em lugar de “tem sido”(L. 4).

d) reduzam em lugar de “reduzissem”(L. 8).

e) dobrara em lugar de “dobrou”(L. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida

pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido.

O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

42. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em:

a) “ajudar a financiar” (l. 2 e 3).

b) “queiram participar” (l. 4).

c) “são abatidos” (l. 6).

d) “deve procurar” (l. 10).

e) “analisará e aprovará” (l. 13).

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b; 7. d; 8. a; 9. e; 10. c; 11. d; 12. c; 13. e; 14. c; 15. b; 16. d; 17. a; 18. a; 19. E; 20. E; 21. C; 22. E; 23. C; 24. C; 25. b; 26. E; 27. a; 28. a; 29. b; 30. d; 31. b; 32. a; 33. d; 34. a; 35. b; 36. b; 37. e; 38. b; 39. b; 40. d; 41. e; 42. b.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado **Isto** é importado

え え

pronome adjetivo pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco

2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia <u>a nós</u>, ora <u>a eles</u>.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro...

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta

sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se __________ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você.* Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre ______ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _________ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender.* O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s)*, *a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como

sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente -*las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo...) antes do verbo, próclise.

Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

Ninguém me queria ouvir. (certo)

Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

Ex.: Para responder-me...

Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas*, ...): próclise ou ênclise.

Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo

átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. **(FCC/TRT – 18ª Região)** As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam "... *a população os admirava*" ou "... *a população admirava-os*", mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) “As verdades filosóficas se contradizem...”

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* (“esconderam **a si mesmos**” e “declarou **ele mesmo** irracionalista”). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

“Esperamos que _________, senhor prefeito, ________ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas...

A ________ dispor, atentos às providências,

Os moradores.”

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos

V.Exa para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos...). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em “uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.”:

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

> Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: *desconheço, gostaria de saber, não sei...*

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos

ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

> Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo. Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto

Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
Isso / esse(s) / essa(s)	Apontam para o que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:

"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _________________ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _________________ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _________________ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _________________ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _________________ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. “Qual é a relação entre dialética e retórica? A _________________ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro.”

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _________________ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _________________ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _________________ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _________________ mês que passou choveu muito. Para _________________ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _________________ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _________________ sobre cada um _________________.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para ________________: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. ________________, simpáticas e elegantes. ________________, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair ________________ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

> Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:
>
> 1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
>
> 2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
>
> 3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.

b) Responda-me: o que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.

e) Este livro foi o que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um

pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: “que você tem com isso?”. No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo (“Este livro foi *aquele* que você indicou”).

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

“A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas.”

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte

do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

“**Nesta** casa todos são felizes.”

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

“**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia.”

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

“**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo.”

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: “Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo corpo”.

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem

ser deduzidas a partir do texto:
Quem? (autor do texto)
Quando? (quando o texto foi produzido)
Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

   Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

   Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

   Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

   Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

   Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal

artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo pagamento.

Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

   Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

   Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

   Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

   Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

   Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

   Resposta: função anafórica.

7. "... o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início deste mês..."

   Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

   Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

“O homem, **que é mortal**, tem alma imortal.”

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

- **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*
- **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;
- **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;
- **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;
- **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*...
- **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;
- **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade*.

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que*, *quem*, *cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei o livro)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi ao livro)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _________________ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _________________ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar*--*se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor ________________ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade ____________ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em*. Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual*, teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade ________________ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade ________________ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de*..." (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde: Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em. Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a. Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)

2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)

3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)

4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)

5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)

6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)

7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)

8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)

9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)

10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)

11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)

12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)

13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)

14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do “establishment”. (as / elas)

15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)

16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)

17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)

18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)

19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _________ nada mais interessa.

2. Para _________ chegar a tempo, peguei um táxi.

3. Por _________ todos hão de se classificar.

4. Aquele livro é para _________ leres.

5. Entre _________ e você tudo acabou.

6. Entre _________ e os teus amigos, já não há divergências.

7. Entre _________ pedir e você acatar, que distância!

8. Ela é mais aplicada do que _________.

9. Ele chegou antes de _________ sair.

10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _________.

11. Isto não é trabalho para _________ fazer.

12. É difícil para _________ acreditar em tuas palavras.

13. As reivindicações chegaram até _________.

14. Até _________ acreditei nas palavras do nosso ministro.

15. Para _________, arranjar patrocinador não será difícil.

16. Para _________ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

____

____

____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

____

____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _________ aplaudiu _________ com entusiasmo. (o)

2. Ele _________ trancou _________ no quarto. (se)

3. _________ explicarei _________ todo o serviço. (te)

4. _________ seria _________ muito útil usar esse argumento. (me)

5. Gritei para _________ alertar _________. (os)

6. Não _________ vá _________ tão cedo; _________ custa _________ ficar mais?

(se / lhe)

7. Quem _________ chamou _________? (te)

8. Se você chegar agora, _________ encontrará _________ satisfeito. (me)

9. Deus _________ pague _________! (lhe)

10. Se ninguém _________ disse _________ a verdade, e se precisei lutar para _________ encontrar _________, nada _________ falou _________ a respeito. (me / a / se)

11. Maria, _________ diga _________ a verdade. (me)

12. _________ Informaram _________ da decisão.(me)

13. _________ Revelarias _________ o sonho de Maria? (nos)

14. _________ Encontraremos _________ com Maria. (nos)

15. Ninguém _________ falou _________ de Maria. (nos)

16. Quem _________ teria _________ contado _________ o segredo? (lhe)

17. _________ Teriam _________ contado _________ o segredo? (lhe)

18. Se _________ reporta _________ a crimes comuns, o *impeachment* _________ reduz _________ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)

19. Não é o PT que _________ vai _________ ensinar _________ oposição. (me)

20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _________ não _________ transmitem _________ informações. (me)

21. No caso do motorista, o senhor não ________ está julgando ________? (o)

22. ________ Diriam ________ vocês a verdade, se ________ perguntasse ________ sobre o procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não ______ pode ______ dizer ______ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não ________ deveria ________ dizer ________ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém ________ daria ________ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____________)

2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____________)

3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____________)

4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____________)

5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____________)

6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (______________)

7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (______________)

8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (______________)

9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (______________)

10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo** conjunto forma a palavra. (______________)

11. "... há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira Gullar)

1o que – ______________

2o que – ______________

3o que – ______________

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (______________)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (______________)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. “Existe alguém esperando por você ______________ vai comprar sua juventude.” (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

2. “Recebia em casa dois jornais locais, ______________ leitura demorava mais de uma hora.” (cuja – em cuja – em que)

3. “O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, ______________ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade...” (que – em que – cujo – em cujo – onde)

4. “Tudo é belo naquilo ______________ amamos. Tudo o ______________ amamos tem espírito.” (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)

5. Compreendo a maneira ______________ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)

6. “Estava sentado numa mesa ______________ havia uma pilha de livros.” (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)

7. Marcelo é o professor ______________ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)

8. “Na casa dela mora um quadro ______________ eu pintei.” (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

9. “Tinha entre os dentes um alvíssimo palito ______________ ponta mastigava.” (que – de que – cuja – o qual – de cujo)

10. Foi demitido o analista ______________ ideias não concordava. (cujo –

cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria ______________ Ana trabalhava e ______________ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade ______________ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo ______________ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que – do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém ______________ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém ______________ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém ______________ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' ______________ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, ______________ só

interessa ou só é ‘útil’ o homem que for rentável.” (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____________ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. “... como em Santa Marta, _____________ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos...” (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8. Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência deve saber... já tomou; 2. Pelo que diz em sua... que lhe deram... manifesta em sua. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou... trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á; 9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou...; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria

lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta... / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse...; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron. demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: ‘**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.’ Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo,

indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo...)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo." – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que “O vento da noite cortava o *seu* lombo”. No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo,* atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o (“todo mundo se aproximasse para aconchegá-los”).

Resposta: D.

> Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na

letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (...)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo,

naquele está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico) *... os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas...*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação...diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu

significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) “Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica.”

b) “Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo.”

c) “Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos.”

d) “é frequentemente chamada de período técnico-científico.”

e) “De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica...”

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das

margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: “Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.”

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – “hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis”, possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais.

b) ... pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado comum conosco ...

c) e também sabem o que esperar de nós...

d) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...

e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: "Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a

palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo, maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo resistiu a pintar a capela...

...que afligem os seres humanos...

O jovem Michelangelo penou para demonstrar o valor de seu gênio...

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, respectivamente, em:

a) lhe pintar – lhes afligem – o demonstrar

b) pintar-lhe – afligem-nos − demonstrar-lhe

c) pintá-la – afligem-lhes – demonstrá-lo

d) pintá-la – os afligem – demonstrá-lo

e) pintar-lhe – os afligem – lhe demonstrar

2. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Considere:

recuperar esse valor intrínseco

mostram numerosas oportunidades

compreender seus mecanismos

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) o recuperar – mostram-lhes – os compreender

b) lhe recuperar – as mostram – compreendê-los

c) recuperar-lhe – mostram-nas – compreender-lhes

d) recuperá-lo – mostram-nas – compreendê-los

e) recuperá-lo – lhes mostram – lhes compreender

3. (FCC – TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere o seguinte enunciado:

A jornalista Eliane Brum aproximou-se das parteiras amapaenses e ***entrevistou as parteiras amapaenses*** *para* ***apresentar as parteiras amapaenses*** *ao restante do Brasil.*

Para eliminar as repetições viciosas, as expressões destacadas devem ser substituídas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, respectivamente, por:

a) as entrevistou – lhes apresentar

b) entrevistou-nas – as apresentar

c) entrevistou-as – apresentá-las

d) entrevistou-lhes – apresentar-lhes

e) lhes entrevistou – apresentar-nas

4. (FCC – SEFAZ-PE – Auditor Fiscal do Tesouro Estadual – 2014)

A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

a) pôs em evidência <u>o fator comum</u> = pô-lo em evidência

b) eliminou imediatamente <u>a variante</u> = eliminou-na imediatamente

c) arremedar <u>a marcha desgovernada de um tabético</u> = arremedá-la

d) trocou por outras <u>as botinas escarrapachadas</u> = trocou-as por outras

e) ela destruía <u>a unidade física do tipo</u> = ela a destruía

5. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

A frase escrita conforme a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Permita-me perguntar a ti, prezado senhor: se o sol apaga, nós sobrevivêramos?

b) Permita-me prezado, senhor, perguntar-te: se o sol apagava, nós sobreviveríamos?

c) Permita-me, prezado senhor, perguntar-lhe: se o sol apagar, nós sobreviveremos?

d) Permita-me, prezado senhor perguntar-vos: se o sol apagasse, nós sobrevivemos?

e) Permita-me perguntar, a vós prezado senhor: se o sol tivesse apagado, nós sobrevivíamos?

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade

entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

6. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No terceiro período do texto, as formas pronominais "lo", em suas duas ocorrências – "aprimorá-lo" e "torná-lo" –, e "seu" referem-se a "Estado".

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do

século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

7. (CEF – Cespe – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto como Certo (C) ou Errado (E).

Em “servindo para avaliar-lhes o valor” (l. 4), o pronome “lhes”, que retoma “outros produtos” (l. 3-4), equivale, em sentido, ao pronome **seu.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser “fiel” ao trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chame a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem

específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

8. (FUB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O pronome “sua” (l. 14) remete ao termo “os dois profissionais” (l. 13), que, por sua vez, se refere conjuntamente a “O jornalista” (l. 8) e a “o pesquisador” (l. 11).

9. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho “deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo”, o pronome oblíquo “o” exerce uma função coesiva, ao retomar, como seu referente, a expressão

a) fundador

b) serviço médico

c) trabalho

d) capital

e) empresário

10. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica", a palavra **enquanto** pode ser substituída, conforme a norma-padrão e sem mudança do sentido original da frase, por

a) onde

b) porém

c) todavia

d) como

e) assim

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O pronome de tratamento está empregado de acordo com a norma-padrão em:

a) Vossa Excelência, que é assim tratado por ser presidente desta empresa, deveria proporcionar cursos de aperfeiçoamento aos seus funcionários interessados no mercado digital.

b) As medidas para a prevenção de doenças cardíacas foram acatadas por Sua Excelência, o Ministro da Saúde, com muita propriedade.

c) Senhor Bispo, solicitamos que Vossa Senhoria apresente os dados relativos ao encontro internacional da juventude, realizado no Brasil em 2014.

d) Os funcionários da Universidade não aceitaram a posição de Sua Eminência, o Reitor, sobre o período destinado às férias escolares.

e) Sua Excelência Reverendíssima, o padre, pediu que os coordenadores das atividades da paróquia comparecessem pontualmente à reunião.

12. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

_______uma aluna da Sorbonne que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que ________ de roteiro para o trabalho que deveria apresentar. Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Mas não __________ .

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Pediu-me … serviria-lhe … lhe quis decepcionar

b) Me pediu … servir-lhe-ia … quis decepcioná-la

c) Pediu-me … lhe serviria … a quis decepcionar

d) Me pediu … o serviria … quis decepcionar-lhe

e) Pediu-me … serviria-o … quis decepcioná-la

13. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa em que os pronomes destacados estão empregados segundo a norma-padrão é:

a) Havendo brinquedos no playground, meninos podem escalar-**lhes**.

b) Na loja havia uma pia que funcionava de verdade, e meu filho se empolgou quando viu **ela**.

c) Cuidado com seu sapato de princesa, filha! Não vai sujar **ele**!

d) Com esse modo de pensar sobre as meninas nós fazemos-**lhes** infelizes.

e) Meninos são tidos como diferentes e vivências mais amplas **lhes** são permitidas.

14. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Leia os quadrinhos.

(*Folha de S.Paulo*, 09.01.2016. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da fala da personagem, no primeiro quadrinho, devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) algum ... me livrar

b) o ... livrar eu

c) esse ... me livrar

d) um ... livrar eu

e) este ... me livrar

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é

Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. “É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei”, diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

15. (Cespe – ICMBIO – Médio – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto como Certo (C) ou Errado (E).

Na oração “ele se destacou entre os colegas” (l. 7), é obrigatório o uso do pronome “se” em posição pré-verbal, devido ao fator atrativo exercido pelo elemento que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram — ou que se decompõem de uma forma “verde”. Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

16. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em "se decompõem" (l. 6) e "se pode" (l. 10), o pronome "se" poderia ser proposto à forma verbal – **decompõem-se** e **pode-se** – sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez/2014, p. 14 (com adaptações).

17. (Cespe – FUB – Técnico Administrativo – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item que segue como Certo (C) ou Errado (E).

Em um uso mais formal da língua, as regras de colocação pronominal do padrão culto permitem que o pronome átono em "que não os atraíam" (l. 6) seja também utilizado depois do verbo, sob a forma de **nos**, ligada ao verbo por um hífen.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse

processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

18. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro.”

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem; a única característica que NÃO está comprovada pelo exemplo dado é:

a) segmentos desconexos: “não tem”;

b) formas reduzidas: “tá de pessoa para pessoa”;

c) explicações desnecessárias: “com dinheiro, sem dinheiro”;

d) mistura de tratamento: “se eu te conheço ou se eu não te conheço”;

e) erros gramaticais: “me irritou na rua”.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que a colocação do pronome se mostra adequada à norma-padrão é:

a) Não **nos** conformemos com a condição miserável de muitos!

b) Daqui a vinte e cinco anos, ainda desejar-**se**-á que o país progrida.

c) É necessário que encontrem-**se** medidas urgentes para o combate à fome.

d) **Me** surpreende que, no Brasil de hoje, a fome ainda mate.

e) Até que dia desrepeitaremo-**nos** tanto quanto hoje?

20. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o pronome destacado está colocado adequadamente em:

a) Quando todas as instituições educacionais **se** interessarem pela inclusão digital, a sociedade será muito beneficiada em diferentes aspectos do seu desenvolvimento.

b) Atualmente, há uma intensa pressão social para que o indivíduo sempre mantenha-**se** a par das novas tecnologias lançadas em outras regiões do mundo.

c) Não pouparam-**se** esforços para que todos os funcionários daquela empresa tivessem acesso às mídias digitais por meio de renovação dos equipamentos.

d) Os pesquisadores das áreas sociais e tecnológicas nunca enganam-**se** a respeito da grande importância da presença da internet em nossa sociedade.

e) Se o preço dos equipamentos eletrônicos ficar muito elevado, poderá-**se** procurar pesquisar mais atentamente.

21. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A colocação do pronome destacado atende às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Os clientes mais exigentes sempre comportaram-**se** bem diante das medidas favoráveis oferecidas pelos bancos.

b) Efetivando-**se** os pagamentos com moedas virtuais, os clientes terão confiança para utilizar esse recurso financeiro.

c) Os usuários constantes da internet não enganam-**se** a respeito das vantagens do comércio *on-line*.

d) É preciso observar que a população interessa-**se** pelas formas de aprendizagem condizentes com a sua cultura.

e) Os turistas tinham organizado-**se** para viajar quando as condições econômicas melhorassem.

22. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

O contexto em que, segundo a norma-padrão, o pronome “se” pode ser colocado antes ou depois do verbo, é:

a) ... como todas as repúblicas que se prezam...

b) Chamava-se o deputado Felixhimino ben Karpatoso.

c) ... de cinquenta em cinquenta anos descobria-se nele um produto...

d) ... não se sabia bem...

e) ... embora nada se conhecesse dele.

23. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia os quadrinhos.

(Níquel Náusea. Fernando Gonsales. *Folha de S.Paulo*, 17/04/2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas na fala da personagem devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Me morda ... mim

b) Morda-me ... eu

c) Me morde ... mim

d) Morde eu ... eu

e) Morda-me ... mim

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

24. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão "essas coleções" (l. 3) retoma, por coesão, o termo "Bibliotecas" (l. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O ABCerrado e a Matomática ("matemática do mato"), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. "Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos", explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de ensino do DF. "Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação", conta a professora. "A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela", completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

25. (Cespe – ICMBIO – 2014)

Com relação aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto acima, julgue o item subsequente como Certo (c) ou Errado (E).

O termo “Isso” (l. 9) refere-se à expressão “visão conservadora” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A busca de uma convenção para medir riquezas e trocar mercadorias é quase tão antiga quanto a vida em sociedade. Ao longo da história, os mais diversos artigos foram usados com essa finalidade, como o chocolate, entre os astecas, e o bacalhau seco, entre os noruegueses, tendo cabido aos gregos do século VII a.C. a criação de uma moeda metálica com um valor padronizado pelo Estado. “Foi uma invenção revolucionária. Ela facilitou o acesso das camadas mais pobres às riquezas, o acúmulo de dinheiro e a coleta de impostos – coisas muito difíceis de fazer quando os valores eram contados em bois ou imóveis”, afirma a arqueóloga Maria Beatriz Florenzano, da Universidade de São Paulo. A segunda grande revolução na história do dinheiro, o papel-moeda, teve uma origem mais confusa. Existiam cédulas na China do ano 960, mas elas não se espalharam para outros lugares e caíram em desuso no fim do século XIV.

As notas só apareceram na Europa – e daí para o mundo – em 1661, na Suécia. Há quem acredite que cartões de crédito e caixas eletrônicos em rede já representam uma terceira revolução monetária. “Com a informática, o dinheiro se transformou em impulsos eletrônicos invisíveis, livres do espaço, do tempo e do controle de governos e corporações”, afirma o antropólogo Jack Weatherford, da Faculdade Macalester, nos Estados Unidos da América.

Disponível em: <http://super.abril.com.br> (com adaptações).

26. (Cespe – CEF – Superior – 2014)

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “essa finalidade” (l. 2) refere-se ao trecho “para medir riquezas e trocar mercadorias” (l. 1)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Já se tornou crônica a escassez de mão de obra qualificada no Brasil, o que pode comprometer ainda mais a capacidade produtiva do país nos próximos anos. Se nada for feito urgentemente para começar a reverter esse quadro, o país estará condenado a ter por muito tempo ainda o crescimento econômico reduzido que

apresenta hoje, com efeitos negativos na distribuição de riqueza.

Desde 2012, o número de trabalhadores pouco escolarizados diminuiu, mas os indicadores apontam para o fato de que a escolarização ainda continua sendo muito precária, insuficiente para atender à demanda cada vez maior das indústrias e mesmo dos setores de serviços e da construção civil, que tradicionalmente exigem menos especialistas na hora de contratar.

O Estado de S.Paulo, 26/1/2014 (com adaptações).

27. (FUB – Cespe – Médio/Superior – 2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

A expressão "esse quadro" (l. 3) é elemento coesivo que retoma informação contida no período anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto III

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral – o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria

de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

28. (TRE/GO – Superior – Cespe – 2015)

Com referência às estruturas linguísticas do texto III, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, a expressão "este último" remete ao último órgão mencionado no período: o "Ministério Público".

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Assinale a opção que apresenta o comentário correto sobre um dos elementos sublinhados.

a) O termo tal atitude se refere à busca de acolhimento nos abrigos.

b) O termo em meio a uma onda de frio reitera gélidas noites paulistanas.

c) O termo várias indica obrigatoriamente grande quantidade.

d) O termo supostamente mostra confiança no que foi informado.

e) O termo desses locais se refere às ruas de São Paulo.

30. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que o emprego do demonstrativo sublinhado está adequado.

a) "*As principais ameaças nessa vida são as pessoas que querem mudar tudo... ou nada.*"

b) “*O mundo anda mudando tão rápido que aquele que diz que alguma coisa não pode ser feita é geralmente interrompido por alguém fazendo <u>esta</u> coisa.*”

c) “*Crianças e loucos dizem a verdade. Por isso se educam <u>essas</u> e se encarceram <u>estes</u>.*”

d) “*O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com <u>isto</u>.*”

e) “*Lamentar <u>aquilo</u> que não temos é desperdiçar <u>aquilo</u> que possuímos.*”

31. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“*É próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar.*”

(**Machado de Assis**)

No fragmento acima, o vocábulo *próprio* mostra o mesmo valor que na seguinte frase:

a) O restaurante serve pratos finos, próprios a paladares exigentes.

b) Os idosos gostam de jogos próprios de sua idade.

c) Ele próprio preparava a comida.

d) Assinou o documento com seu nome próprio.

e) Eu sempre morei em apartamento próprio.

32. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que o termo destacado se refere está corretamente explicitada entre colchetes em:

a) “A teoria nos ensina que são três as **suas** principais características” [ordem de pagamento]

b) “Criada por um ‘personagem virtual’, **cuja** identidade no mundo real é motivo de grande especulação” [moeda virtual]

c) “trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo **daí** a origem do termo ‘pregão’ da Bolsa” [produção de bens]

d) “**ela** é sempre motivada por um fenômeno humano” [essa pequena exegese]

e) “o que **isso** tem a ver com *bitcoins*?” [transação financeira virtual]

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas nas falas das personagens devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Esses ... sinto-me... me sentiria

b) Estes ... me sinto ... me sentiria

c) Eles ... sinto-me... sentiria-me

d) Esses ... me sinto ... sentir-me-ia

e) Estes ... sinto-me... sentir-me-ia

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o

segundo, e pela mesma razão, é um “depósito de despojos”. Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do “escândalo”. Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente “o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante”. Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

34. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

... suas financiadoras (1º parágrafo)

Suas diferenças funcionais... (1º parágrafo)

... seu caráter mais violento... (3º parágrafo)

Os pronomes dos trechos acima referem-se, respectivamente, a:

a) vitórias militares − manifestações − museu

b) vitórias militares − obras modernas − museu

c) potências dominantes − obras modernas − trabalho de abstração

d) potências dominantes − manifestações − trabalho de abstração

e) potências dominantes − obras modernas − museu

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda,

praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

35. (CEF – Nível Médio – Cespe – Março/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O referente do sujeito da oração “e garante o seu valor” (l. 12) é “marca” (l. 12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O

esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

36. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As plantações de bananeiras que a cobrem... (3º parágrafo)

... com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas... (4º parágrafo)

... que sai de um enorme lótus castanho e rosado... (4º parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se respectivamente a:

a) bruma − seiva − mão

b) planície − troncos − mão

c) planície − troncos − dedos

d) Terra − seiva − mão

e) bruma − troncos − dedos

37. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

"*Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti*.

O termo sublinhado faz referência a

a) pessoas.

b) acervo.

c) Academia.

d) tempo.

e) casa.

38. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere o texto abaixo.

*O rio Madeira banha os estados de Rondônia e do Amazonas. ...***I***... esse nome, pois no período de chuvas seu nível sobe e inunda grandes porções da planície florestal, trazendo troncos e restos de madeira da floresta. É um dos principais rios da bacia do Amazonas e ...***II***... já foram dedicados textos literários, muitos ...***III***... possuem grande valor artístico.*

As lacunas **I**, **II** e **III** do texto acima devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

	I	II	III
a)	Deram-no	para ele	os quais

b)	Deram-lhe	a ele	dos quais
c)	Deram-lhe	ante ele	aos quais
d)	Deram-no	dele	pelos quais
e)	Deram-lhe	nele	nos quais

Leia o texto a seguir para responder à questão 39.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

39. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho “onde caberiam” (*l*.6) fosse substituído por **que caberia**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 40.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos “cânones” são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

40. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto III, o pronome isso, em “A partir disso” (L. 7, 3º§), refere-se:

a) à história do surgimento do grafite no Brasil.

b) ao contexto histórico brasileiro na década de 70 do século XX.

c) a “arte transgressora” (L. 5).

d) às características do grafite.

e) a “paredes da cidade” (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que "pusessem de lado" seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem "exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar". O dilema com que se defronta o mundo é "claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?".

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de "autodefesa antecipada" sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos – uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. *Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

41. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, a forma pronominal

a) "nos" (l. 10) retoma "outros países" (l. 9).

b) "consigo" (l. 3) refere-se a "membros" (l. 3).

c) "lhes" (l. 2) refere-se a "Bertrand Russell e Albert Einstein" (l. 1).

d) "se" (l. 2) refere-se a "povos do mundo" (l. 1).

e) "cujo" (l. 4) retoma "membros de uma espécie" (l. 3).

42. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais".

Entre os elementos abaixo, aquele que NÃO se relaciona semanticamente a um termo anterior é:

a) que;

b) as;

c) o;

d) as imagens;

e) um câncer.

43. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham"; a frase abaixo em que o vocábulo *onde/aonde* foi mal empregado é:

a) "Muitos suicidas se detiveram no limiar da morte ao pensar no café aonde vão todas as noites para sua partida de dominó" (Balzac);

b) "Onde há casamento sem amor, vai haver amor sem casamento" (Franklin);

c) "Circo é o lugar onde se permite a cavalos, pôneis e elefantes verem homens, mulheres e crianças bancarem idiotas" (Ambrose Bierce);

d) "As pessoas onde é difícil achar defeitos devem ser difíceis de achar" (Nouailles);

e) "*Os Lusíadas* se tornaram para nós um pesadelo, porque ninguém sabia onde o diabo escondia o sujeito da oração naqueles versos retorcidos" (Fernando Sabino).

44. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

As opções a seguir apresentam pensamentos em que os pronomes sublinhados estabelecem coesão com elementos anteriores.

Assinale a frase em que esse referente anterior é uma oração.

a) "*Um diplomata é um sujeito que pensa duas vezes antes de não dizer nada*".

b) "*A minha vontade é forte, mas a minha disposição de obedecer-lhe é fraca*".

c) "*Não existe assunto desinteressante, o que existe são pessoas desinteressadas*".

d) "*A dúvida é uma margarida que jamais termina de se despetalar*".

e) "*Se você pensa que não tem falhas, isso já é uma*".

45. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Considerem-se os períodos abaixo.

I – Antigamente era usado esse conceito.

II – As ciências sociais hoje discordam desse conceito.

Unindo-se esses períodos em um só, suprimindo-se as repetições e respeitando-se a norma-padrão, tem--se o seguinte período:

a) Antigamente era usado esse conceito, ao qual as ciências sociais hoje discordam.

b) Antigamente era usado esse conceito, com o qual as ciências sociais hoje discordam.

c) Antigamente era usado esse conceito, pelo qual as ciências sociais hoje discordam.

d) Antigamente era usado esse conceito, do qual as ciências sociais hoje discordam.

e) Antigamente era usado esse conceito, para o qual as ciências sociais hoje discordam.

46. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A combinação do pronome relativo com a preposição exigida pelo verbo em destaque está de acordo com a norma-padrão em:

a) Os elevadores modernos em que se **refere** o texto possuem música ambiente.

b) Os elevadores antigos com que nos **lembramos** ainda possuíam portas pantográficas.

c) Os termos de que se **limita** a maioria dos ascensoristas são “sobe” e “desce”.

d) A profissão pela qual **trata** o Texto II é uma das mais tediosas.

e) O ascensorista de quem se **fala** no texto parece sempre bem-humorado.

47. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que se refere o termo destacado está expressa adequadamente entre colchetes em

a) “a produção de bens era limitada e feita por famílias **que** trocavam seus produtos” [sociedades primitivas]

b) “poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas **que** se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas” [as portas]

c) “com o intuito de facilitar a circulação de mercadorias, **que** tinham como lastro elas mesmas.” [moedas]

d) “Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, **que** depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo.” [Amsterdã]

e) “uma aberração no mundo financeiro, **que**, não obstante isso, tem valor.” [mundo financeiro]

48. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O emprego dos termos destacados e do sinal indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão em:

a) Sei que para **mim** chegar **onde** cheguei a luta foi dura, frente à frente com muitas dificuldades.

b) Sempre soube que em **mim** existe uma tendência à vencer, que me leva **aonde** eu desejo.

c) O homem sabe que vai **aonde** quiser, graças à ação de um poder maior que **lhe** conduz os passos.

d) Agimos à partir da hora em que deixaram **nós** sozinhos, naquele escritório **aonde** não havia nada.

e) Foi à luta, pensando que **onde** fosse estaria sem amigos que **lhe** apoiassem.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Em conformidade com a norma-padrão, na passagem “O Garcia não se revoltava contra a passividade **a que era submetido pela mulher**...”, a parte em destaque pode ser reescrita da seguinte forma:

a) ... a que era imposto pela mulher.

b) ... que era infligido pela mulher.

c) ... que lhe era imposta pela mulher.

d) ... de que era imposta pela mulher.

e) ... em que era infligida pela mulher.

50. (FCC – TRT 3ª Região – Analista Judiciário Área Adm. – Jul./2015)

É adequado o seguinte comentário:

a) A frase “**Este é o jovem cujo trabalho li com atenção**” pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma padrão, assim: “O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este”.

b) “Os meninos **por cujos destinos** tanto lutamos andam já por conta própria” é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por “cujos os destinos”.

c) Em “Os meninos por cujos destinos tanto lutamos **andam já por conta própria”,** a substituição do segmento destacado por “andam já por si só” mantém a correção e o sentido originais.

d) Em “A orientadora do grupo, **a qual** é excelente, faltou hoje”, emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra “que”, em seu lugar, originaria.

e) A frase “Maria e Solange machucaram se” evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: “uma machucou a outra?”; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria “reciprocamente”.

51. (FCC – TRT – 16ª Região (MA) – Médico – 2014)

As lacunas da frase **Um prefácio ...... nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades ...... força é impossível resistir** preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

a) para o qual – a cuja

b) ao qual – de cuja a

c) com o qual – por cuja

d) aonde – de que a

e) por onde – as quais a

52. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2014)

A construção da frase *eu pressuponho esse futuro* *com o qual nada me autoriza a contar* permanecerá correta caso se substitua o elemento sublinhado por

a) perante o qual não sei avaliar.

b) em cujo nada posso desconfiar.

c) de cujo pouco posso prever.

d) por quem nada posso antecipar.

e) do qual nada me é dado esperar.

53. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a expressão que, nas relações de coesão, não é usada para se referir ao autor das palavras transcritas no fragmento abaixo.

“Precisamos melhorar bastante o transporte coletivo. Muito, muitíssimo”, enfatiza o professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luis Antonio Lindau. Ele não vê a realização de grandes obras viárias como uma solução para o problema. “Não tem como resolver fazendo isso. Se hoje dispuséssemos de uma fortuna para investir em obras, isso não resolveria o problema, pois ele cresce de uma forma muito maior que nossa capacidade de fazer obras”, destaca. O especialista enfatiza que a criação de corredores exclusivos para os ônibus e de uma rede de transporte coletivo de alta eficiência são caminhos para se resolver o problema. “Precisamos de uma solução de maior intensidade. Vamos nos concentrar no transporte coletivo”, diz ele.

(Adaptado de Juliano Tatsch – *Jornal do Comércio*, Solução para problemas no trânsito está no transporte coletivo. Disponível em: http://portoimagem.wordpress.com/2011/03/24, acesso em 5 dez. 20012)

a) “professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”(l. 1 e 2)

b) “Ele”(l. 2)

c) “ele”(l. 5)

d) “O especialista”(l. 5)

e) “ele”(l. 8)

Leia o texto a seguir para responder à questão 54.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos *black blocs*; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18/02/2014.)

54. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O pronome “elas” (l. 9) retoma o antecedente “cenas de preconceito” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

55. (Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

No trecho “abertas por elas” (l. 6), o pronome “elas” retoma “novas feições” (l. 2).

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora.

Com o neoliberalismo, é frequente o abandono da ideia do nacional brasileiro, com a sedução de um imaginário influenciado por forte apelo da técnica e aceitação tranquila da força totalitária dos fatores da globalização. Em todos os casos, avulta como corrente condutora e força propulsora e indiscutível a modernidade alienígena e alienante.

Que seria uma modernidade à brasileira e como poderemos alcançá-la? Cumpriria, em primeiro lugar, não enxergar a modernidade como um dogma, uma obrigação, um credo.

Em duas palavras, isso implicaria não seguir o conselho do poeta Rimbaud, para quem a modernidade era algo a tomar a qualquer preço. Ao contrário, o que se postula é uma modernidade guiada por um objetivo nacional brasileiro.

Se antes isso já era possível, agora o é muito mais, embora nos façam crer que há apenas uma opção, um caminho, com vistas à construção do futuro.

A grande originalidade do presente período histórico é a visibilidade, em todos os cantos do mundo, das novas possibilidades oferecidas por ele e a consciência de que é possível uma multiplicidade de combinações.

Essas não têm que ser obrigatoriamente condutoras de alienação, podendo construir-se a partir de um modo de ser característico da nação considerada como um todo, uma edificação secular onde as mudanças não suprimam a identidade, mas renovem o seu sentido a partir das novas realidades. Não se trata, assim, de recusar o mundo, mas de assegurar um movimento conjunto, em que o país não seja exclusivamente tributário, mas soberanamente partícipe na produção de uma história universal.

Disponível em: <http://www.oocities.org/br/madsonpardo/ms/artigos/msa03.htm>. Acesso em: 04/01/2016
(Milton Santos, com adaptações).

56. (ESAF – ANAC – Analista Administrativo – 2016)

(Adaptada) Após leitura do texto acima, julgue certa ou errada a questão a seguir:

A substituição de “alcançá-la” (l. 7) por “alcançar-lhe” provoca erro gramatical ou incoerência textual.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

57. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O uso da preposição em “em que” (l. 3) torna-se desnecessário se, no lugar de “que”, o pronome utilizado for “a qual”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

O filósofo e doutor em educação Mário Sérgio Cortella, 61 anos, começa a entrevista dizendo: “Hoje, o Boko Haram matou cem pessoas no norte de Camarões… Todo dia há notícias assim”. O grupo fanático que ele menciona tenta fazer da Nigéria, vizinha de Camarões, uma república islâmica. E usa a barbárie para suplantar a marginalização política, econômica e social a que fora relegado pelos últimos governos. Essa facção sanguinária tornou-se conhecida do público ao sequestrar 200 meninas nigerianas numa escola, em 2014. Muitas foram estupradas. Disputam o noticiário as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês *Charlie Hebdo*, com a rejeição generalizada aos que professam o islamismo, a religião maometana que não prega o ódio – muito menos a matança.

(Adaptado de Patrícia Zaidan. Fonte: http://www.contioutra.com/todo-preconceituoso-e-covarde-o-ofendido-precisa-compreender-isso-afi rma-mario-sergio-cortella/. Acesso em 30.07.2015)

58. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) As expressões “O grupo fanático que ele menciona” (l. 2-3) e “Essa facção sanguinária” (l. 5) referem-se a Boko Haram (l. 2).

b) O termo “Muitas” (l. 6) da oração “Muitas foram estupradas” retoma “cem pessoas no norte de Camarões” (l. 2).

c) O pronome “ele” (l. 3), na oração “que ele menciona”, refere-se a Mário Sérgio Cortella (l. 1).

d) O sujeito de “Disputam o noticiário” (l. 6) é “as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês Charlie Hebdo” (l. 6 a 8).

e) O travessão, antes da expressão “muito menos a matança” (l. 9), serve para enfatizar essa expressão e pode ser substituído por vírgula sem causar erro gramatical.

59. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve **esse** (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação **tornou-se** (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento **expontâneo** (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso **às** (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão.

O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação **a partir** (5) do final dos anos 60.

(Adaptado de Acesso em: 17 mar. 2014.)

a) (1)

b) (2)

c) (3)

d) (4)

e) (5)

Gabarito: 1. d; 2. d; 3. c; 4. b; 5. c; 6. C; 7. C; 8. C; 9. e; 10. d; 11. b; 12. c; 13. e; 14. e; 15. E; 16. E; 17. E; 18. d; 19. a; 20. a; 21. b; 22. c; 23. b; 24. C; 25. E; 26. C; 27. C; 28. E; 29. b; 30. e; 31. a; 32. a; 33. b; 34. d; 35. E; 36. b; 37. b; 38.

b; 39. E; 40. e; 41. c; 42. e; 43. d; 44. e; 45. d; 46. e; 47. c; 48. c; 49. c; 50. d; 51. a; 52. e; 53. c; 54. errada; 55. errada; 56. certa; 57. errada; 58. b; 59. c.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.
-

> Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem

se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).

• Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto

• Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.

• Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).

• O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do “onde”, “quando”, “quem.

• Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.

• Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona

como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição (“na qualidade de”).

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva (“de acordo com”) e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

<u>Necessito</u> **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho <u>necessidade</u> **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho <u>a</u> lápis. (instrumento)

Chegou <u>com</u> a namorada. (companhia)

Estremeceu <u>com</u> a notícia. (causa)

Falar <u>de</u> futebol. (assunto)

Viver <u>de</u> renda. (meio)

Correr <u>de</u> medo. (causa)

Ir <u>para</u> a rua. (direção)

Treina muito <u>para</u> vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão
4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) “Para seres amado, ama.”

Comentários: É o mesmo que “*a fim de* seres amado”.

Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a

parceria com os pais.

Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) “Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo.”

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) “declino minha solidariedade em relação a sua preocupação” / no que concerne a.

b) “o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença” / sem embargo de.

c) “Tento entender a posição do paciente diante de sua doença” / em face de.

d) “Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia” / adiante de.

e) “devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas” / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se

substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes <u>de</u> forma inacreditável" / modo.

b) "conviver <u>com</u> incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos <u>sem</u> desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir <u>sobre</u> o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar <u>para</u> a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa forma* – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia,

por entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade”, a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que “*porque* entendo que a morte, assim como a vida...”). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C, anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso

específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. (FCC) Em “**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...”, a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar

contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só*...

mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda. Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante.* Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui". Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja*. O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo), *portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste*. É a sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o

valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

Comentários: Ordem seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: “não só, mas ainda”.

Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

Comentários: Apesar de a conjunção “e” ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o

resultado, a conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*:

oposição, contraste.

Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento “... podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição...” expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja

tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas*, *porém*, *contudo*, *todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. “Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras.”

   a) A expressão “uma vez que” pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

   Comentários:

   Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

   Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. “Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2

milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40.” (O Globo, 18/12/2008.)

a) O termo “no entanto” pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa “no entanto”, mas prejudicaria a correção gramatical do período.

Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas

conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que, que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

As **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É

a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:

1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.

2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o

efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto...

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que: 1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes. 2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:

1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.

2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se*, *contanto que*, *salvo se*, *desde que*, *a menos que*, *a não ser que*, *caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro, em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade, de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que*, *porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

As **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica*: quanto mais o preço fica caro,*

mais os produtos escasseiam. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão...), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

> Atenção:
>
> 1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
>
> 2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço,* o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que* antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*.

E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o

fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*. Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções:

isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo, portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que* antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas*, *contudo,*

todavia. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

- **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

  Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

  Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

  Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

- **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada,

será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

- **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. (“os professores” corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

- **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

- **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

• **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

- Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

- Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.
- Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).
- Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.
- Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.
2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.

3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.

4. ( ) “Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa.”

5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.

6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.

7. ( ) “Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores.”

8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?

9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.

10. ( ) “A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras.”

11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.

12. ( ) “Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade.”

13. ( ) “Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações.”

14. ( ) “Tanto ele como o irmão são meus amigos.”

15. ( ) “Não achou os documentos nem as fotocópias.”

16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.

17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.

18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.

19. ( ) “Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?”

20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.

2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.

3. ( ) “Se você sentir saudade, por favor não dê na vista.”

4. ( ) “Como escreveu o divino Dante: ‘Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno’.”

5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.

6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.

7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.

8. ( ) “Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas.”

9. ( ) “A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia.”

10. ( ) “Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem.”

11. ( ) “A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova.”

12. ( ) “Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV.”

13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. ( ) ( ) “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente.”

15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor.”

16. ( ) “Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas.”

17. ( ) “Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à

forma.”

18. ( ) “Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores.”

19. ( ) “Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada.”

20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.

21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.

22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) “A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo.”

25. ( ) “Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos.”

26. ( ) “Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados.”

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) “Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava.”

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locução prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, ______________, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. ______________ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. ______________ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____________ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. ______________ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmo que)

6. ______________ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê.______________, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, ______________ vai ao encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o

setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, ______________ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase “mudamos de vontade como muda de cor o camaleão”, o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação (*"mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. **(FCC/TRT – 18ª Região)** Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que,

embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido,* confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que

a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) ... *ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se “nossa história e nosso passado não são nem cargas

indesejadas, nem determinações absolutas” é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar, adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração

(conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. **(FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.)** ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra

A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos **e** contra*

borboletas, pássaros e outras formas de vida).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) “Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas”.

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo...*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Metrô-SP – Técnico em Mecânica – 2014)

Nascido no bairro do Pari, em uma São Paulo em construção após o levante constitucionalista de 1932, Germano Mathias compõe a santíssima trindade do samba paulistano, ... Adoniran Barbosa e Geraldo Filme.

(Adaptado de: DINIZ, André, op. cit.)

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) *em face à*

b) *lado a lado*

c) *ao lado de*

d) *lado* à *lado com*

e) *junto à*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

2. (TCE-SC – Aud. Fiscal – Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho “de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz” (l. 4-5), detalha-se e explicita-se o que se deve entender por “buscando otimizar o seu funcionamento” (l. 4).

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a

implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

3. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto II caso o trecho “por não reciclar” (L. 19) fosse substituído por:

a) quando não recicla

b) se não reciclar

c) sem reciclar

d) para não reciclar

e) porque não recicla

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano--americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários

trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da

proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

4. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a expressão “contar nos dedos das mãos” (l. 3) poderia ser substituída por **contar pelos dedos**.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“que terão grande impacto sobre a medicina”; nessa frase está corretamente empregada a forma “sobre”. Assinale a frase abaixo em que ocorreu confusão entre sob/sobre:

a) “Se tudo está sob controle é porque não se está indo suficientemente rápido” (Mário Andretti);

b) “A interpretação é a vingança do intelecto sobre a arte” (Susan Sontag);

c) “Filosofar: pôr tijolos sobre tijolos sem construir uma casa” (anônimo);

d) “Infância é vida sob uma ditadura” (Graham Greene);

e) “Nada de novo sobre o sol” (Horácio).

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento de texto abaixo em que a preposição *para* tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) “Para Topol, o futuro está nos smartphones” / opinião;

b) “Está para chegar ao mercado um apetrecho” / direção;

c) “os hospitais caminhem para uma rápida extinção” / tempo;

d) “Dando algum desconto para as previsões, “The Patient” / concessão;

e) “...é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina” / causa.

7. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve troca ***indevida*** entre *sob/sobre*.

a) “*Infância é vida sob uma ditadura*”.

b) “*Falar sobre música é como dançar sobre arquitetura*”.

c) “*O verso é uma vitória sobre os limites da linguagem*”.

d) “*A interpretação é a vingança do intelecto sob a arte*”.

e) “*Se tudo está sob controle é porque não se está indo suficientemente rápido*”.

8. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a preposição “de” expressa sentido de origem.

a) Mas existem outras figuras capazes **de** chamar a atenção.

b) “Agora posso realizar um sonho que trago **da** infância”.

c) Nada surpreendente, não fosse a idade **do** Takeshi...

d) ... pensam em desistir por causa **de** um fracasso.

e) E aí **de** novo ele dá um exemplo.

9. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia a charge.

(www.folha.uol.com.br/colunas/mercadoaberto,01.12.2015. Adaptado)

Assinale a alternativa cujos termos preenchem, respectivamente, as lacunas da charge, garantindo-lhe a coesão e a coerência; e cujo sentido estabelecido entre eles está corretamente indicado entre parênteses.

a) sob ... sobre (causa)

b) em ... sem (modo)

c) sem ... com (oposição)

d) sob ... em (lugar)

e) sobre ... em (consequência)

10. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco. ____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre. Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

a) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

b) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

c) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

d) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

e) Portanto, poder tributário tinha a Assembleia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

11. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, <u>mesmo que</u> esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo

positivo.

Outra redação para o segmento acima manterá o sentido e a correção se o elemento destacado, e apenas ele, for substituído por:

a) conforme.

b) ainda que.

c) embora.

d) conquanto que.

e) sempre que.

12. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo fugiu de Roma ao ser comunicado que, antes de produzir as estátuas da futura tumba do papa Júlio II, deveria pintar o teto da Capela Sistina. Só a muito custo foi convencido a se aventurar na pintura, meio que julgava não dominar tão bem quanto a escultura. ...... , ao ser tirado da zona de conforto, o artista criaria sua obra máxima.

Mantendo-se as relações de sentido e a correção gramatical, preenche corretamente a lacuna acima o que se encontra em:

a) Porquanto

b) Embora

c) Contudo

d) Uma vez que

e) Conquanto

13. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

a) contudo.

b) apesar de.

c) quando.

d) porque.

e) já que.

14. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Mantendo-se o sentido original, na frase *Como não conseguiram achar Miracanguera*... (5º parágrafo), o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) De modo que

b) Uma vez que

c) Por mais que

d) Conforme

e) Ainda que

15. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

No contexto da frase, o segmento sublinhado tem seu sentido expresso entre colchetes em:

a) *Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos*... [finalidade]

b) *Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos.* [proporção]

c) ... *fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis.* [partição]

d) ... *outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica*... [afirmação]

e) ... *podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana* [...], *cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários.* [condição]

16. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas

de dados abertos, que não <u>prestem</u> conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que <u>disponham</u> dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, <u>encontraremos</u> condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle...

Preservando-se a correlação entre as formas verbais, os elementos destacados podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) pensaremos − envolviam − prestavam − disponham − encontremos

b) pensamos − envolvem − prestam − dispunham − encontrávamos

c) pensemos − envolveriam − prestariam − disporiam − encontrássemos

d) pensássemos − envolvessem − prestassem − dispusessem − encontraríamos

e) pensávamos − envolveram − prestaram − disporam − encontramos

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco − não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do

tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: “Antonio?!”. Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. “Uma braçada”, disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, “duas braçadas e... três”. Então encarei, seguro, meu possível verdugo: “Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no fim em que essa paineira é importante”.

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml>. Acesso em: 18.01.2016.)

17. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O início do terceiro parágrafo expõe uma consequência para o que se conta no segundo.

II. O quarto parágrafo apresenta uma ressalva para o que se relata no quinto.

III. O sexto parágrafo enuncia uma consequência do que se revela no quinto.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 a 20.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O

esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

18. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Em relação à primeira parte da frase, o segmento ... *orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café* (1º parágrafo) expressa:

a) finalidade.

b) causa.

c) decorrência.

d) conformidade.

e) proporcionalidade.

19. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A oração ... *de tal modo se sucedem em espiral*... (último parágrafo):

a) expressa a consequência da oração precedente, além de introduzir matiz de intensidade.

b) além de introduzir a causa da oração anterior, expressa certo grau de intensidade.

c) além de introduzir complemento de modo ou instrumento, expressa uma consequência.

d) expressa condição, aliada a certo grau de proporcionalidade.

e) expressa concessão, resultante de uma relação de proporcionalidade.

20. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Uma redação alternativa para o segmento "... mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial" (3º parágrafo), sem prejuízo da correção e do sentido, está em:

a) conquanto seja a fragilidade mesma do colorido, aliada à graciosidade fugaz, em contraposição à riqueza consolidada da outra, que contribui para a formação de um clima primaz.

b) não obstante a própria instabilidade da coloração, à sua gratuidade pode-se comparar o fausto despreocupado da outra, que contribui para instaurar um ambiente primevo.

c) todavia, é devido à própria fragilidade do tom − à sua graciosidade irrequieta − posta em paralelo com o fausto inabalável da outra, que contribui para inventar um ambiente primordial.

d) mas é, no entanto, a própria delicadeza do matiz, sua gratuidade inconstante, que, comparada ao luxo estável da outra, contribui para a conformação de um meio ambiente ancestral.

e) é, todavia, porque a própria fragilidade da coloração e a sua graciosidade instável, comparada ao fausto tranquilo da outra, contribuem para conformar uma ambientação primitiva.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: “Ordem e um Novo Progresso”. Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

21. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, a substituição do vocábulo “entretanto” pelo vocábulo “portanto” não acarretaria mudança de significado no período em questão.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “situado e temporalizado”. A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse “ser situado e temporalizado” e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

22. (MEC – Nível Superior – Cespe – Abril/2014)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto.

O termo "porque" (l. 11) poderia, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, ser substituído por **por que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

"O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico".

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto O oxente e o ok, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: "O lugar em que vivo".

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

23. (FUB – Téc. Administrativo – Cespe – Março/2015)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O elemento coesivo "mas" (l. 4) inicia uma oração coordenada que exprime a ideia de concessão em uma sequência de fatos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-

americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei nº 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

24. (MPU – Analista/Técnico – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E), acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto III.

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir a expressão “uma vez que” (l. 5) por qualquer um dos seguintes termos: porque, já que, pois, por conseguinte.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu “corredor cultural”, que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem

eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

25. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto I, a conjunção “entretanto” (l. 2) introduz, no período em que ocorre, uma ideia de:

a) condição.

b) causa.

c) consequência.

d) oposição.

e) adição.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da

chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos "cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

26. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto III caso a palavra "Portanto", no trecho "Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor" (l. 13), fosse substituída por:

a) Pois.

b) No entanto.

c) Logo.

d) Entretanto.

e) Porquanto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas,

cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a

Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

27. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após "janelas" (l. 1) poderia ser substituída pelo conector **e**.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo "caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – se não corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, "caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é "o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de

certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de

uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

28. Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do trecho "se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis" (l. 36 e 37), caso a expressão "se bem que" e a forma verbal "sejam" fossem substituídas, respectivamente, pelo termo **porquanto** e pela forma verbal **são**.

29. O trecho "se não corrente" (l. 2 e 3) poderia ser corretamente substituído por **se não for corrente**, preservando-se o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 30 e 31.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos smartphones. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes

que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, "The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

30. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"A crer no médico e "geek" Eric Topol"; essa oração reduzida equivale semanticamente a:

a) embora creiamos;

b) quando cremos;

c) se crermos;

d) à medida que cremos;

e) para que crêssemos.

31. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, / mas que terá impactos positivos para os pacientes".

O emprego da conjunção "mas" supõe uma oposição entre o primeiro e o segundo segmento desse trecho do texto 1.

Tal oposição se verifica entre os seguintes termos:

a) estar no forno / ter impactos positivos;

b) revolução / impactos positivos;

c) médicos / pacientes;

d) não escapar / ter impactos;

e) médicos não escaparão / impactos positivos para os pacientes.

32. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades”.

Os dois elementos ligados pela conjunção E são fatores bastante diferentes; o pensamento abaixo em que os termos ligados por essa conjunção podem ser considerados sinônimos é:

a) “A Academia Francesa é como a Universidade: uma e outra eram necessárias num tempo de ignorância e de mau gosto; hoje são ridículas” (Voltaire);

b) “A agulha é pequena e delgada; no entanto sustenta uma família toda” (Steinberg);

c) “O amor e a amizade excluem-se mutuamente” (La Bruyère);

d) “A amizade de alguns homens é mais funesta e danosa do que o seu ódio ou aversão” (Marquês de Maricá);

e) “Todo bajulador tem de ser forçosamente um malévolo e um ingrato” (Nestor Vítor).

33. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Todos os pensamentos a seguir são construídos por dois blocos.

Assinale a opção que indica o conectivo que uniria um desses dois blocos de forma conveniente.

a) “*A única coisa sem mistério é a felicidade: _____ ela se justifica por si só.*” – **portanto**.

b) “*Milhares de velas podem ser acesas de uma única vela e a vida da vela não será encurtada; _____ a felicidade nunca diminui ao ser compartilhada.*” – **por isso**.

c) “*Felicidade é um modo de viajar, _____ não um destino.*” – **embora**.

d) “*Felicidade é um como, _____ não um quê.*” – **porém**.

e) “*Felicidade é como um beijo: _____ você deve compartilhar para aproveitá-lo.*” – **porque**.

34. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que a substituição do conectivo sublinhado foi feita de forma

inadequada.

a) “*Nenhuma moralidade pode fundar-se na autoridade, mesmo que a autoridade fosse divina*”. – **malgrado**

b) “*Se os teus princípios morais te deixam triste, pode estar certo de que estão errados*”. – **quando**

c) “*A honestidade é elogiada por todos, mas morre de frio*”. – **no entanto**

d) “*Tudo acontece conforme manda a natureza*”. – **segundo**

e) “*Tudo é artificial, uma vez que a natureza é a arte de Deus*”. – **visto que**

35. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

O conectivo sublinhado nas frases a seguir – da autoria de Machado de Assis – que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) “*A fantasia é um vidro de cor, um óculo brilhante, porém mentiroso.*” / conclusão

b) “*Nada está perdido enquanto o coração espera alguma coisa.*” / proporção

c) “*Quando dois corações se querem entender, ainda que falem hebraico, descobrem-se logo um ao outro.*” / concessão

d) “*Aprofunde mais os corações alheios, se quiser encontrar a verdade.*” / causa

e) “*Conquanto a credulidade seja eterna, é preciso fazer com ela o que se faz com a moda: variar o feitio.*” / tempo

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a expressão “sociedade de informação” transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial”, como forma de transmitir o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “fator-chave” não mais os

insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou “informacional”, as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivo-cado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados Membros na definição de políticas de integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e “infoestrutura” para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de

conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à informação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/ index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

36. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Para construir o sentido do texto, diferentes relações lógicas se estabelecem entre as ideias que o compõem.

A relação entre os trechos está adequadamente expressa entre colchetes em:

a) “A expressão ‘sociedade da informação’ passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de ‘sociedade pós-industrial’” / “como forma de transmitir o conteúdo específico do ‘novo paradigma técnico-econômico’”. (l. 6-8) [contraposição]

b) “a informação é sua matéria-prima” / “no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias” (l. 16-17) [condição]

c) “os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade” / “a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva” (l. 17-19) [causalidade]

d) “Nada mais equivocado” / “processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa” (l. 26-27) [finalidade]

e) “As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem” / “Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar” (l. 34-37) [explicação]

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere o trecho: “Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades”.

Se essa frase, mantendo-se o sentido original, for construída substituindo-se a conjunção **mas** por uma forma equivalente subordinativa, o resultado adequado será:

a) Você pode até achar que é coisa de criança, porém o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

b) Embora você possa até achar que é coisa de criança, o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

c) Talvez você até ache que é coisa de criança, pois o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

d) Admitamos que você até ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, algo instrutivo e divertido para todas as idades.

e) Caso até você ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, garanto ser instrutivo e divertido para todas as idades.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o trecho "Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões."

Se o trecho for reescrito em um só período, mantendo-se seu sentido original, as duas orações poderão ser relacionadas por meio da conjunção

a) consoante

b) contanto

c) embora

d) entretanto

e) porque

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

A relação lógica expressa pela palavra em destaque está indicada adequadamente entre colchetes em:

a) "Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, **conforme** o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel." [concessão]

b) "Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, **mas**, no final das contas, a

maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional.” [condição]

c) “**Para** resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana.” [causa]

d) “Por quê? **Porque** a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante.” [finalidade]

e) “**Portanto**, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional.” [conclusão]

40. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

A expressão abaixo que substitui a palavra **Mas** em: “Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo. Quando perguntassem ‘Sobe?’, responderia ‘É o que veremos...’ Ou então, ‘Como a Virgem Maria’.”, modificando o sentido original do trecho em que ela está empregada é:

a) Contudo

b) Embora

c) Porém

d) Todavia

e) No entanto

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

A frase que está adequadamente reescrita entre colchetes, de modo a manter a relação lógica entre suas ideias, estabelecida pela palavra ou pela expressão destacada, é:

a) “Foi necessária essa pequena exegese **para** refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.”

[Foi necessária essa pequena exegese à medida que refletimos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.]

b) “**Se** a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.”

[Quando a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.]

c) “o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, **com o intuito de** facilitar a circulação de mercadorias”

[o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, embora facilitasse a circulação de mercadorias]

d) “A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada **tão** grande **que** transformaria o próprio dinheiro em mercadoria.”

[A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma grande quantidade de riqueza acumulada, para transformar o próprio dinheiro em mercadoria.]

e) “Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, **não obstante isso**, tem valor.”

[Apesar de se tratar de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, tem valor.]

42. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016 – Adaptada)

No trecho – As pessoas [...] que buzinam **assim que o sinal fica verde** – o trecho destacado expressa, em relação ao verbo que o antecede,

a) lugar da ação.

b) modo da ação.

c) finalidade da ação.

d) comparação das ações.

e) tempo concomitante das ações.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri “Garruchas e punhais” – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: “O mosteiro de tijolos de feltro”. Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: “Uma noite no mar Cáspio”. Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, 26.01.2016. Adaptado)

43. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A relação de sentido estabelecida entre as orações no trecho do segundo parágrafo – ... recusei algumas, aceitei outras. – também está presente em:

a) Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me...

b) ... que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

c) Pensando na atual crise política, sugeri “Garruchas e punhais”...

d) A moça riu mas não gostou.

e) Ela não gostou – nem eu.

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

No trecho – Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, **como** outra qualquer –, o termo destacado estabelece relação de sentido de

a) causa e equivale a **porque**.

b) tempo e equivale a **enquanto.**

c) condição e equivale a **caso**.

d) comparação e equivale a **tal qual**.

e) finalidade e equivale a **para**.

45. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Observe a relação de sentido entre os trechos (I) e (II): (I) Os governos taxavam-no a mais não poder, (II) de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga.

É correto afirmar que

a) o trecho (I) expressa o tempo em que ocorre o que se afirma no trecho (II).

b) o trecho (II) expressa a maneira como ocorre o fato afirmado no trecho (I).

c) o trecho (II) expressa o efeito do que se afirma no trecho (I).

d) o trecho (I) expressa o modo como ocorre o fato afirmado no trecho (II).

e) o trecho (II) expressa a causa determinante do que se afirma no trecho (I).

46. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Mantendo-se as ideias do texto original, a passagem do 6º parágrafo – O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos... – pode ser reescrita da seguinte forma:

a) O indivíduo perde a capacidade de pagamento e enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

b) O indivíduo só perde a capacidade de pagamento, mas não enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

c) O indivíduo perde a capacidade de pagamento, portanto também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

d) O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento, porém enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

e) O indivíduo ou só perde a capacidade de pagamento ou também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

47. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Na oração – **Já que** tenho um peixinho dourado como mascote… –, o sentido expresso pela conjunção em destaque é de

a) oposição e, nesse contexto, pode ser substituída por “Mas”.

b) explicação e, nesse contexto, pode ser substituída por “Pois”.

c) causa e, nesse contexto, pode ser substituída por “Como”.

d) conclusão e, nesse contexto, pode ser substituída por “Portanto”.

e) conformidade e, nesse contexto, pode ser substituída por “Conforme”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 48.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

48. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe as passagens do 3º parágrafo do texto:

– ... não sendo **formosa** que o inquietasse, nem **feia** que lhe repugnasse...;

– ... era mais inteligente e instruída **que** ele.

O par de adjetivos em destaque, na primeira passagem, e a conjunção em destaque, na segunda, estabelecem entre as informações do texto, respectivamente, as seguintes relações de sentido:

a) equivalência e conclusão.

b) equivalência e comparação.

c) oposição e comparação.

d) oposição e causa.

e) equivalência e consequência.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Nos versos – as minhas mãos **sob** a nuca – e – **mas** o tato me dá –, o sentido expresso pela preposição **sob** e o expresso pela conjunção **mas** são, respectivamente, de

a) posição paralela e explicação.

b) posição superior e adição.

c) posição contígua e comparação.

d) posição inferior e oposição.

e) posição lateral e conclusão.

50. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Um termo que introduz uma exemplificação no enunciado está em destaque na seguinte passagem:

a) Frequentemente desprezadas **por** terem um aspecto que não está de acordo com os “padrões de beleza” impostos pela indústria… (1º parágrafo)

b) Vender uma maçã com um rótulo **cujo** logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores… (3º parágrafo)

c) … os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, **inclusive**, mais baratos. (4º parágrafo)

d) Agora, engloba também outros produtos, **como** queijos e cereais ingeridos no café da manhã. (5º parágrafo)

e) ... aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção **que**

51. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

O segmento destacado em – **Se uma despesa avança** em velocidade incompatível com a receita usada para bancá-la, só há dois caminhos para corrigir a distorção… – estará corretamente substituído, preservando-se o sentido e a correção gramatical, por:

a) Caso uma despesa avance…

b) Ainda que uma despesa avance…

c) Contudo uma despesa avança…

d) Pois uma despesa avança…

e) Para que uma despesa avance…

Leia o texto a seguir para responder à questão 52.

O Senado Federal aprovou em plenário, em 31/10/2012, o projeto de lei originário da Câmara dos Deputados (PL nº 2.793/2011) que tipifica como criminosas algumas condutas cometidas no meio digital, sobretudo a invasão de computadores. A imprensa tem noticiado como se fosse a primeira aprovação desse tipo no Brasil e alguns setores comemoraram como se a existência de uma lei para os crimes eletrônicos fosse tudo o que faltava para diminuir a delinquência cibernética. Sendo o Brasil um país de tradições positivistas e sendo vedada a aplicação de analogia para criar tipos penais, não resta dúvida da necessidade de aprovação da lei. Talvez com a previsão dessas condutas específicas, haja melhores resultados punitivos.

A falta de estrutura na maioria das delegacias civis do país e a ausência de previsão legal que estabeleça a obrigatoriedade da guarda de logs acabam por inviabilizar a investigação dos crimes digitais, em muitos casos. Com o Marco Civil da Internet (PL nº 2.126/2011), o legislador poderia sanar esse problema ao prever o armazenamento de tais registros, sem dar margem à violação da privacidade, evidentemente. No entanto, no último parecer ao projeto, no mês julho, o deputado relator retirou a obrigatoriedade do armazenamento dos dados pelos provedores de aplicações à Internet, os chamados provedores de conteúdo, deixando essa previsão apenas aos 5 provedores de conexão. O fato é que os registros de conexão nem sempre são suficientes para uma eficiente coleta de provas. O certo seria obrigar também os provedores de conteúdo a fazer esse registro, o que permitiria investigar e punir não só os crimes digitais como também

outros, tais como os de difamação, calúnia e injúria, tão comuns nas redes sociais.

Rafael Fernandes Maciel. In: *Consultor Jurídico*, 9/11/2012. Disponível em: <www.conjur.com.br> (com adaptações).

52. (TJ/Acre – Téc. Administrativo – Cespe – Dez./2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantendo-se a relação de sentido estabelecida entre os períodos, a expressão "**No entanto**" (l. 11-12) poderia ser substituída, corretamente, por **Com tudo**.

53. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No terceiro quadrinho, a expressão "Sendo assim" poderia, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, ser substituída por qualquer um dos seguintes conectores: Portanto, Por conseguinte, Conquanto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 54 e 55.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. "Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre", lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. "É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o

pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

(ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Julgue os próximos itens como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto.

54. Com a devida alteração de maiúscula e minúscula, o ponto final imediatamente após a palavra "colegas" (l. 7) poderia ser substituído por vírgula, seguida do elemento articulador **visto que**.

55. O vocábulo "mas" (l. 8) é um elemento coesivo que introduz relação de conclusão entre a informação expressa no período de que faz parte e a informação expressa no período que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram – ou que se decompõem de uma forma "verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

56. (ICMBIO – Nível Superior – Cespe – Maio/2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto acima e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão “no entanto” (l. 12) poderia ser substituída pelo vocábulo **entretanto**, sem que houvesse prejuízo à correção gramatical e ao sentido do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

Tem um personagem de Voltaire que um dia descobre, encantado, que falou em prosa toda a sua vida, sem saber.

Estamos metidos em muito mais coisas do que nos damos conta. Pertencemos, simultaneamente, a vários sistemas que mal compreendemos, começando pelo nosso próprio corpo e terminando pelo sistema solar, que, por sua vez, faz parte de outro sistema ainda maior e mais incompreensível. Coisas espantosas acontecem conosco, a cada segundo, pelo simples fato de existirmos. Agora mesmo, enquanto escrevo – ou enquanto você lê –, fatos fantásticos e dramáticos se desenrolam dentro de nós. Células se reproduzem aos milhões. Bando de bactérias percorrem nossas vias interiores, procurando encrenca. Nossos sucos se encontram e se misturam em alquimias inacreditáveis. E giramos em torno do Sol, que, por sua vez, se desloca pelo espaço, em alta velocidade, cuspindo fogo. Não podemos pedir dispensa do Universo e de suas explosões por razões de consciência. Estamos todos na mesma louca aventura. Você, eu e o vizinho. E, ainda por cima, falamos em prosa.

(Verissimo, Luis Fernando. *Orgias*. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1989, p.80-1, Adaptado).

57. (ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – 2013)

(Adaptada) Com relação ao desenvolvimento das ideias do texto, julgue a assertiva a seguir como “certa” ou “errada”.

No período “Coisas espantosas (...) existirmos” (l. 5-6), o autor estabelece uma relação de causa e efeito em que a causa é inerente à própria existência humana, o que torna o efeito irreversível.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

Em um regime democrático, todo poder emana do povo, prevalecendo a vontade da maioria sobre a vontade de indivíduos ou de grupos. Desse modo, o bom governante é aquele que compreende as demandas da população e se empenha em atendê-las. No entanto, numa democracia saudável, é também responsabilidade

dos dirigentes tomar medidas que podem eventualmente desagradar a uma parte dos eleitores, pois eles devem administrar pensando no conjunto da sociedade que governam, e não na estridência de interesses insatisfeitos ou contrariados.

(Adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 9/2/2014)

58. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como “certa” ou “errada”.

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical do período ao se substituir “No entanto” (l. 3) por qualquer um dos seguintes termos: Contudo, Entretanto, Porquanto, Uma vez que.

Leia o texto a seguir para responder à questão 59.

Ônibus lotados, alguns em péssimo estado, engarrafamentos, demora em chegar ao local desejado. A péssima qualidade do transporte coletivo é um problema que atinge muitas capitais brasileiras. Para especialistas em planejamento urbano, o crescimento desordenado pode ser apontado como o responsável por essa situação. Isso gera uma fragmentação de espaços que exige que as pessoas façam longos deslocamentos. Consequentemente, a maioria das grandes cidades hoje no Brasil, por terem essa característica, geram esses problemas de congestionamentos e transporte públicos lotados. Resolver estes problemas é alguns dos grandes desafios dos prefeitos nas médias e grandes cidades. Cabe a eles garantir a mobilidade das pessoas nos lugares onde elas vivem. O transporte público coletivo é responsabilidade das prefeituras e o usuário espera que funcione.

(Adaptado de http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/08/veja-o-papeldas-prefeituras-quanto-aos-problemas-do-transporte-coletivo.html, acesso em4/12/2012)

59. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a estrutura sintática que, no texto, tem valor significativo de causa.

Parte superior do formulário

a) “demora em chegar ao local desejado”(L. 1)

b) “que atinge muitas capitais brasileiras.”(L. 2)

c) “pode ser apontado como o responsável por essa situação.”(L. 3-4)

d) “que as pessoas façam longos deslocamentos.”(L. 4-5)

e) “por terem essa característica”(L. 5)

Gabarito: 1. c; 2. C; 3. a; 4. e; 5. e; 6. a; 7. d; 8. b; 9. c; 10. d; 11. b; 12. c; 13. b; 14. b; 15. a; 16. d; 17. a; 18. c; 19. b; 20. e; 21. E; 22. e; 23. E; 24. E; 25. a; 26. c; 27. C; 28. E; 29. C; 30. c; 31. b; 32. d; 33. d; 34. b; 35. c; 36. c; 37. b; 38. e; 39. e; 40. b; 41. e; 42. e; 43. d; 44. d; 45. c; 46. a; 47. c; 48. c; 49. d; 50. d; 51. a; 52. E; 53. E; 54. C; 55. E; 56. C; 57. certa; 58. errada; 59. e.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP): causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e

concessivas são paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: “Os dias, os meses, os anos correm”. O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os

respectivos verbos, e não objeto:

c) “entre as ruelas” (= adjunto adverbial de lugar);

d) “ferido” (= predicativo do sujeito); “ao hospital” (= adjunto adverbial de lugar);

e) “bastante” (= adjunto adverbial de intensidade); “ontem” (= adjunto adnominal de tempo);

f) “bastante” (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação, movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

“sua demissão” (= objeto direto)

“a verdade” (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

“*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)”

“*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)”

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação, movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica, qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C, *feliz, cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.

Observe que mostramos isso com o verbo falar:

Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)

Falei a verdade. (verbo transitivo direto)

Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)

Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

“... deu um brinde...” (sem preposição – objeto direto)

“... deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

“Márcia deu um brinde a cada participante.”

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição (“Confiei em suas palavras”).

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em “Ficamos contentes”, o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado, qualidade, característica* do sujeito é *predicativo*.

Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

“Ofereci uma recompensa...” (sem preposição – objeto direto)

“Ofereci aos funcionários...” (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: “Pedi a conta...”, “... saí do restaurante”. Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: “Sentimentos verdadeiros não existem mais”. Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto

adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela ligou o ferro silenciosa.

2. ( ) Impecável, transitava o marido pelo tempo.

3. ( ) Paulo está adoentado.

4. ( ) Paulo está no hospital.

5. ( ) As discussões continuaram pela noite.

6. ( ) Permaneciam abertas as listas de adesão às emendas.

7. ( ) Um congressista compareceu à sessão preocupado.

8. ( ) Deve chover bastante.

9. ( ) Eu sou sempre a estrela matutina.

10. ( ) Surgiu, pela esquina, assobiando.

11. ( ) Os operários perfuravam a rocha com suas brocas e picaretas.

12. ( ) Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro.

13. ( ) Contou-me um amigo uma história exemplar.

14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.

15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.

16. ( ) Ela parece triste.
17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.
18. ( ) Chegamos alegres.
19. ( ) José caiu doente.
20. ( ) "Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) ... *elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) ... mas que chegaram ao Brasil...

c) ... e aqui encontraram espaço...

d) ...o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) ... e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu

adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "... o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

> Importante!
>
> Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e (4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão

preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

C**omentários:** O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: “termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome.” Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo

coração, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial

Objeto indireto

Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.

Ex.: Lembrou-se do ocorrido.

Adjunto adverbial

Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).

Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto

Complemento nominal

Sempre preposicionado.

Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.

Ex.: Reforma da praça.

(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)

Adjunto adnominal

Aparecendo preposição, a ideia é ativa.

Ex.: Construção do arquiteto.

(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)

Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto

Adjunto adnominal

Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.

Ex.: Fizeram perguntas tolas.

Predicativo do objeto

Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.

Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome

substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade <u>de afeto</u>.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram <u>apressados ao local da prova</u>.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência <u>do marido</u>, a mulher responderá pela dívida.

2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.

3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.

4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) “Brasil, mostra a tua cara.”

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) “Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.”

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da “solucionática”.

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) “Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes.”

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) “Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais.”

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) “Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife

longamente.”

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!” (D. Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1);

5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) “A utilização de qualquer um deles.”

b) “A queima do petróleo.”

c) “Inundação de vastas áreas.”

d) “A fauna aquática dos rios.”

e) “Construção de barragem.”

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta

reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima*, *inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código de trânsito.

b) educação para o trânsito.

c) formação do magistério.

d) treinamento de professores.

e) atender a mais esta nova exigência.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da “formação”, *recebe* essa “formação”). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: “Parecia muito preso à vida de rei” é a mesma de:

a) Duvido <u>de sua capacidade</u> profissional.

b) Apenas <u>nos</u> víamos em festas rurais.

c) Ficaria encantado com a novidade.

d) Achava-se apto para o trabalho.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Três vezes voltou Saint-Hilaire ao interior do Brasil...

O elemento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o segmento grifado em:

a) “Os livros de Auguste Saint-Hilaire (...) leem-se aos quinze anos como...”

b) Nenhum estrangeiro deixou entre nós lembrança mais simpática.

c) Pelo desconforto dos nossos dias, apesar das estradas de ferro e do automóvel, podemos avaliar as

dificuldades e fadigas...

d) A fama de Auguste Saint-Hilaire não teve a projeção da de seu irmão Geoffroy, o continuador de Lamarck...

e) “...exposta com tanta clareza e simplicidade que a profundeza do julgamento parece apenas bom senso”.

2. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

...antes de fazer o túmulo, resolveu reconstruir a Catedral de São Pedro.

O elemento que possui a mesma função sintática do sublinhado acima se encontra também sublinhado em:

a) Recém-chegado a Roma em 1505...

b) ... havia uma forte insegurança.

c) O corpo humano foi o campo de batalha artística de Michelangelo.

d) Como definiu o pintor futurista Umberto Boccioni...

e) Mas Júlio II mudou de ideia...

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

E por isso, porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Para além do Tejo há a América

E a fortuna daqueles que a encontram

3. (2015 – FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo)

E o Tejo entra no mar em Portugal

O elemento que exerce a mesma função sintática que o sublinhado acima encontra-se em

a) a fortuna. (4ª estrofe)

b) A memória das naus. (2ª estrofe)

c) grandes navios. (2ª estrofe)

d) menos gente. (3ª estrofe)

e) a América. (4ª estrofe)

4. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

O jogador busca o sucesso pessoal...

A mesma relação sintática entre verbo e complemento, sublinhados acima, está em:

a) É indiscutível que no mundo contemporâneo...

b) ... o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas...

c) ... e funciona como escape para as pressões do cotidiano.

d) A solução para muitos é a reconversão em técnico**...**

e) ... que depende das qualidades pessoais de seus membros.

5. (FCC – DPE-RS – Defensor Público – 2014)

Há na vida das nações um período em que ainda não **lhes** foi revelado o papel que deverão desempenhar.

Sobre o pronome destacado acima, afirma-se com correção, considerada a norma padrão escrita:

a) está empregado em próclise, mas poderia adequadamente estar enclítico à forma verbal.

b) pode ser apropriadamente substituído por “à elas”, posicionada a expressão após a palavra revelado.

c) constitui um dos complementos exigidos pela forma verbal presente na oração.

d) está empregado com sentido possessivo, como se tem em “Dois equívocos comprometeram-lhe o texto”.

e) dado o contexto em que está inserido, se sofrer elipse, não altera o sentido original da frase.

6. (FCC – TRF – 4ª Região – Analista Judiciário – Informática – 2014 – Adaptada)

... o culto que a aristocracia do seu país dedicava a tudo o que era francês...

O segmento que possui a mesma função sintática do grifado acima está também grifado em:

a) ... *a morfologia e a sintaxe alemãs teriam afinidades com as gregas*.

b) ... *a afirmação é geralmente atribuída a Heidegger, filósofo cujo tema precípuo é o ser*.

c) *Estranho é que haja franceses ou brasileiros*...

d) *O latim foi a língua da filosofia e da ciência na Europa*...

e) ... *a superficialidade que atribui ao pensamento ocidental moderno*...

7. (CNMP – Téc. Adm. – 2015)

... ***facilita*** *o surgimento econômico e político de uma classe média*...

O verbo que, no contexto, possui o mesmo tipo de complemento que o do sublinhado acima está empregado em:

a) Mas nada assegura que a configuração de fatores...

b) ... o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico.

c) A democracia surge historicamente em sociedades...

d) ... o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes...

e) ... certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte...

Leia o texto a seguir para responder às questões 8 e 9.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr.

Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

8. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 18, a oração introduzida pela preposição “por” remete a uma ação anterior ao estado descrito na oração “Estamos ansiosos”.

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, o termo introduzido pela preposição “para” exerce a função de complemento do verbo “pedir”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

10. (FUB – Médio – Cespe – Mar./2014)

Em relação ao fragmento de texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “como sempre” (l. 9) está entre vírgulas porque constitui aposto explicativo.

Leia o texto a seguir para responder às questões 11 e 12.

Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca. Observou os movimentos das estrelas, manuseou o fogo, aprendeu a usar ferramentas em seu favor, buscou respostas para os fenômenos da natureza. Independentemente dos mitos, lendas e crenças que moldaram as culturas mais primitivas, o pensamento humano sempre esteve, de alguma forma, atrelado ao conhecimento científico, que se renovou e se disseminou com o passar dos séculos.

Mesmo com todo o aparato tecnológico, que tem possibilitado o acesso praticamente instantâneo à informação, questionam-se tanto aspectos quantitativos como qualitativos dos conteúdos sobre ciência veiculados pelos meios de comunicação de massa. A divulgação, por meio do jornalismo científico, está longe do ideal. Na grande mídia, a ciência e a tecnologia ficam relegadas a segundo plano, restritas a notas e notícias isoladas, em uma cobertura que busca sempre valorizar o espetáculo e o sensacionalismo. A televisão aberta, principal veículo condutor de conteúdos culturais, não contribui como deveria para o processo de “alfabetização científica”, exibindo programas sobre o tema em horários de baixa audiência.

Mas até que ponto é relevante incluir a sociedade de massa na esfera de discussão de um grupo seleto de estudiosos? A promoção da informação científica contribui para o processo de construção da cidadania, quando possibilita a ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e de sua lógica, no momento em que constrói uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico sobre a sociedade e quando permite a ampliação da possibilidade e da qualidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas, especialmente em um país onde a grande maioria dos investimentos na área são públicos.

Luiz Fernando Dal Pian Nobre. Do jornal para o livro: ensaios curtos de cientistas. Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br> (com adaptações).

11. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A vírgula imediatamente após “aberta” (l. 12) foi empregada para separar dois termos de mesma função sintática, uma vez que tanto “aberta” quanto “principal veículo condutor de conteúdos culturais” (l. 12) exercem a função de adjunto adnominal do nome “televisão” (l. 11-12).

12. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em “o cerca” (l. 3), o pronome “o”, que se refere ao termo “o homem” (l. 2), exerce a função de complemento da forma verbal “cerca”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser “fiel” ao trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chama a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e,

consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

13. (FUB – SUPERIOR – Cespe – Mar./2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, o pronome "aqueles" exerce a função de sujeito das formas verbais "lerão" e "têm", o que justifica o emprego do plural nessas formas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. "Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre", lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. "É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

14. (ICMBIO – Médio – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

O complemento da forma verbal “passei” (l. 12) não está explicitamente expresso no texto, devendo ser inferido pelo leitor.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A correspondência de Mário de Andrade é uma das fontes sobre os sentimentos que abateram a intelectualidade paulista, sobretudo no trauma de 1932, quando São Paulo foi invadido por tropas federais, que ocuparam a capital e se alastraram pelo interior (“Disputam esfomeadamente a presa sublime, e desgraçadamente está certo, essa é a lei dos homens. Dos homens selvagens”, desabafa Mário em carta a Paulo Duarte). As consequências dos expedientes da ditadura abateram um estado cujos habitantes eram considerados por Mário como “diferentes mesmo”. O que se fizesse naquele estado, apostava, se irradiaria como política e como orientação pelo país, uma reedição, por via da cultura, do velho slogan: “São Paulo, a locomotiva puxando os vagões”.

“Minha pátria é São Paulo. E isso não me desagrada”, confessa o poeta paulista a Drummond no calor de um conflito que os encontrou em lados opostos. Drummond já estava na chefia de gabinete do secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais, aliado ao poder central naquele momento, e Mário era partidário da causa da Revolução Constitucionalista de 1932. O paulista sabia que estava acometido de um estado extraordinário de mobilização, frustração e abatimento, como revela o seguinte trecho de carta a Drummond.

“Você, Carlos, perdoe um ser descalibrado. Este é o castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em 25 qualquer minuto, que é o sentido da minha vida. No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil. Não meço consequências, não tenho doutrina, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue...”

Helena Bomeny. Um poeta na política – Mário de Andrade, paixão e compromisso. 1ª ed., Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 71-2 (com adaptações).

15. (IRB – Superior – Cespe – Abr./2014)

No que concerne a aspectos gramaticais do texto acima, julgue (**C** ou **E**) o próximo item.

Na linha 16, a forma preposicional contraída “pra” introduz um dos complementos da forma verbal “daria”.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 e 17.

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral — o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

16. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015 – Adaptada)

De acordo com as informações apresentadas no texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Se a preposição a presente na contração “aos” (l. 11) fosse suprimida, a função sintática da expressão “requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral” (l. 11) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

17. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015)

Na linha 12, o sujeito da forma verbal “elegia” é o termo “o Tribunal Superior”.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 e 19.

“O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o

preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico”.

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto *O oxente e o ok*, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: “O lugar em que vivo”.

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

18. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2014)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O termo “o brasileiro” (l. 2) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.

19. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Os trechos “especialista no assunto” (l. 1 e 2), “o linguístico” (l. 3) e “primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro” (l. 5) exercem a mesma função sintática, a de aposto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de

temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez./2014, p. 14 (com adaptações).

20. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item subsecutivo como Certo (C) ou Errado (E).

A retirada do termo “o” em “o que sugere” (l. 4) preserva a relação entre as ideias, bem como a correção gramatical do texto, com a vantagem de ressaltar o paralelismo com o período sintático anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu “corredor cultural”, que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras,

mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

21. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Assinale a opção que apresenta um termo que exerce a função de objeto direto na oração do Texto I que ocorre.

a) “o berço histórico da cidade” (L. 7-8)

b) “vestígios materiais do passado” (L. 4)

c) “muita coisa” (L. 24)

d) “cidades” (L. 2).

e) “esse título” (L. 14)

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como “palhaço feio”, um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

22. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Na oração em que é empregado no texto CG1A1CCC, o termo “surdos, mudos ou cegos” (l. 1) exerce a função de

a) predicativo do sujeito.

b) objeto direto.

c) adjunto adnominal.

d) sujeito.

e) adjunto adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos

confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

23. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Os termos “trágico” (l. 10), “de Uirá” (l. 10) e “deste século” (l. 11) exercem a mesma função sintática, na oração em que ocorrem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por

onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças,

mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

24. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No sintagma "os 'irônicos estrangeiros'" (l. 16), o vocábulo 'irônicos' é o núcleo do sujeito, o que é confirmado pelo emprego de "irônico" em "desafio qualquer irônico" (l. 38).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo "caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, "caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é "o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

25. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

No trecho "É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático" (l. 32-33), tanto o termo "certo" quanto o termo "axiomático" caracterizam, respectivamente, referentes que constituem sujeitos oracionais.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"A veiculação de informações, a oferta de serviços e a venda de produtos médicos na Internet têm o potencial de promover a saúde...".

Os termos sublinhados podem ter a função de agentes ou pacientes dos termos anteriores; exerce(m) a função de agente:

a) todos eles;

b) nenhum deles;

c) somente o primeiro;

d) somente o segundo;

e) somente o segundo e o terceiro.

Leia o texto a seguir para responder às questões 27 e 28.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso

tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades”.

Nesse primeiro período do texto 1, o termo que se liga sintaticamente a um termo anterior, de forma diferente dos demais, é:

a) concentração de renda;

b) espaço das cidades;

c) falta de planejamento;

d) promoção de políticas;

e) crescimento das cidades.

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado

e continuidade de estado. A frase do texto 1 que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:

a) “áreas que antes eram baratas e de fácil acesso”;

b) “tornam-se mais caras”;

c) “habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários”;

d) “Além disso, à medida que as cidades crescem”;

e) “a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes”.

29. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio - Ago./2015 – Adaptada)

No trecho “as transformações em direção **à sociedade da informação**, em estágio avançado nos países industrializados”, a expressão em destaque tem a função de completar o sentido da palavra **direção**, sendo, portanto, essencial à construção da frase.

A mesma função pode ser observada na expressão destacada em:

a) “alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular **do cidadão**.”

b) “decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas **de desenvolvimento**.”

c) “A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas **dos Estados Membros**”

d) “as ações **desse organismo internacional** estão concentradas em duas áreas principais:”

e) “métodos e estratégias para a construção **de uma sociedade** de informação global e justa.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a

perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de S. Paulo,* 02 de agosto de 2015)

30. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que concerne às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como “certa” ou “errada”:

A expressão “uma distorção” (l. 21) funciona, sintaticamente, como objeto direto de “A distopia” (l. 21).

Leia o texto a seguir para responder às questões 31 e 32.

Os cristãos enfrentam uma perseguição cada vez maior em todo o mundo, alimentada principalmente pelo extremismo islâmico e por governos repressivos, o que levou o papa a advertir sobre “uma forma de genocídio” e ativistas a falarem em “limpeza étnico-religiosa”. A escala dos ataques a cristãos no Oriente Médio, na África Subsaariana, na Ásia e na América Latina alarmou organizações que monitoram a perseguição religiosa. A maioria relata uma deterioração significativa nos últimos anos.

Em sua recente viagem à América Latina, o papa Francisco disse ter ficado decepcionado “ao ver como no Oriente Médio e em outras partes do mundo muitos de nossos irmãos e irmãs são perseguidos, torturados e mortos por sua fé em Jesus”. Ele continuou: “Nesta terceira guerra mundial, travada em capítulos, que hoje

experimentamos, ocorre uma forma de genocídio, que tem de terminar”.

(Harriet Sherwood, “Com os leões, sem Daniel”. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. *Carta capital*, 05 de agosto de 2015. Ano XXI. n.861)

(ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que diz respeito às estruturas linguísticas do texto, julgue as assertivas a seguir como “certa” ou “errada”::

31. Na expressão “uma deterioração significativa” (l. 5), “deterioração” é o núcleo do objeto direto.

32. A expressão “nos últimos anos” (l. 5) tem a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. b; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. E; 9. E; 10. E; 11. E; 12. C; 13. E; 14. E; 15. e; 16. C; 17. c; 18. C; 19. C; 20. E; 21. e; 22. a; 23. C; 24. C; 25. E; 26. b; 27. b; 28. b; 29. e; 30. errada; 31. certa; 32. errada.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los... Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.

- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.

- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.

- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.

- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.

- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.

- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade...), será aposto, e não adjunto adnominal.

- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.

- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure

reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz**

passiva com auxiliar. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo... Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se*, são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo: • Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VOZ À OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

O professor **o** recomendou.

Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

O professor **recomendou** o livro.

*verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

O livro **foi recomendado** pelo professor.

*locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o

auxiliar do tempo composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

O professor **tem recomendado** o livro.

*locução verbal de tempo composto

O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

*Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa,

precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!

1. Destacar, na frase, o *núcleo* do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.

2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.

3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da passiva.

4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.

5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa

a) Retire o pronome apassivador da frase.

b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica

a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica.

b) Acrescente o verbo auxiliar *ser*, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica.

Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás... estão sendo esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando...

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

____

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

____

4. Assaltou-se uma senhora.

____

5. Arrumou-se para o jantar.

____

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

____

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

____

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

____

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

____

10. Os resultados foram divulgados via TV.

____

11. “A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis.” (Albert Einstein)

____

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

____

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

____

3. “O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência.”

____

4. “O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria.”

____

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

___

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

___

9. Obedeceu-se às ordens.

___

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

___

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

___

2. Contaram a verdade.

___

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

___

4. Esconderam armas de destruição maciça.

___

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

___

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

____

8. Recusou-se o convite.

____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

____

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PARA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (...)

b) (...) detestamos a hipocrisia e a falsidade (...)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas “regras de convívio” supõem, sempre, algum “mascaramento”.

e) (...) que nos olhe nos olhos (...)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (...).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece*.

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala*. Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar*, *obedecer*, *assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:

• Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.

• Há verbos transitivos diretos que *não* admitem voz passiva (*ter, haver, poder, querer...*).

• Há verbos transitivos *indiretos* que admitem voz passiva (*obedecer, pagar, responder, assistir...*).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa*

idolatria e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto, não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades <u>crescem</u> sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já <u>mora</u> em cidades.

c) A vida em cidades <u>depende</u> de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades <u>está</u> sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana <u>ultrapassará</u> o número de moradores das áreas

rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. **(FCC/TRF – 18ª Região)** Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (...).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (...).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (...).

d) (...) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (...) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples

1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias*. Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional parece hoje mais estável.

b) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase

transmiti o respeito de meus pais pelas ficções, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) ... a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura carioca* vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. **(TRT – 2ª Região – Anal. Judic.)** Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. **(TRF – Taquigrafia)** Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal

corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam*, você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: *os homens*; objeto direto: *a verdade*)

2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar *ser, estar, ficar* + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso exista na frase): A verdade será dita pelos homens.

3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.

4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava *a si mesma*)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em “se a mãe for bem alimentada”, se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) “O corpo humano necessita de alimentos”.

b) “para se manter ativo”.

c) “a fim de que tenha energia suficiente”.

d) “se não for atendida essa necessidade”.

e) “para se desenvolver fisicamente”.

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador *se* (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.

Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem *valor passivo*. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:

Esperei por você a vida inteira.

A criança *recebeu* o merecido castigo.

Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) “Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?”

b) “Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que

pensam?”

c) “Quantos lutaram pela libertação dos escravos?”

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais...”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos/*(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância...

Transpondo-se para a voz passiva o verbo sublinhado, a forma resultante será:

a) contemplavam-se.

b) foram contemplados.

c) contemplam-se.

d) eram contemplados.

e) tinham sido contemplados.

Leia o texto a seguir para responder às questões 2 e 3.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alteração da voz do verbo poder, nas duas vezes em que ocorre no último parágrafo, deverá resultar nas seguintes formas, respectivamente:

a) se poderia – se pode

b) poder-se-ia – podem-se

c) poderiam-se – pode-se

d) se poderiam – podem-se

e) se poderiam – se pode

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

a) *... o acesso das obras a um* status *estético que as exalta.* (2º parágrafo)

b) *... elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes...* (1º parágrafo)

c) *Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas...* (1º parágrafo)

d) *O museu, por retirar as obras de sua origem...* (3º parágrafo)

e) *... a crítica mais comum contra o museu apresenta-o...* (3º parágrafo)

4. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O segmento reescrito corretamente com a forma verbal sublinhada na voz passiva correspondente está em:

a) *A vida na Terra <u>enfrenta</u> perigos astronômicos...* / Perigos astronômicos são enfrentados pela vida na Terra...

b) *Não é sábio <u>manter</u> todos os novos ovos em uma cesta frágil...* / Não é sábio que se mantesse todos os novos ovos em uma cesta frágil...

c) *Mas antes de <u>projetar</u> naves espaciais...* / Mas antes que projetarão-se naves espaciais...

d) *Uma prioridade é <u>desenvolver</u> câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.* / Uma prioridade é ser desenvolvido câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

e) *... mas ainda <u>enfrenta</u> barreiras tecnológicas.* / ... mas ainda enfrentaram-se barreiras tecnológicas.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Os revestimentos das paredes isolam o calor.

Essa oração está corretamente reescrita na voz passiva em:

a) Isola o calor os revestimentos das paredes.

b) O calor é isolado pelos revestimentos das paredes.

c) Isolam-se o calor ao ser revestido as paredes.

d) O calor é que isola os revestimentos das paredes.

e) Os revestimentos das paredes são isolado do calor.

6. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O marechal organizou o acervo...

A forma verbal está corretamente transposta para a voz passiva em:

a) estava organizando

b) tinha organizado

c) organizando-se

d) foi organizado

e) está organizado

7. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Transpondo-se para a voz passiva a frase **Um dos guardas seguia a velhinha para que a flagrasse como contrabandista**, as formas verbais resultantes deverão ser

a) era seguida – fosse flagrada

b) tinha seguido – vir a flagrá-la

c) tinha sido seguida – se flagrasse

d) estava seguindo – se tivesse flagrado

e) teria seguido – tivesse sido flagrada

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Transpondo-se para a voz **ativa** a frase ***Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos em suas culturas de cereais***, a forma verbal resultante deverá ser

a) seriam utilizados.

b) teriam utilizado.

c) foram utilizados.

d) utilizaram-se.

e) haveriam de utilizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no **Jornal do Comércio**, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça **O Juiz de Paz na Roça**. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima, como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição de “destacou-se” (l. 6) por foi destacado prejudicaria o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes

criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta

desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

10. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Mantendo-se a correção gramatical do texto, o segmento “fora transformado em filme” (l. 7) poderia ser reescrito da seguinte forma: “foi transposto para o cinema”.

11. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o seguinte trecho, que está construído na voz ativa e tem verbo transitivo: “Eu olhava tudo”

O mesmo tipo de construção ocorre em:

a) O apelido de Clarice Lispector era Flor-de-Lis.

b) Clarice virou cidadã brasileira no ano de 1943.

c) Clarice é uma das escritoras mais importantes de nossa literatura.

d) O prêmio literário Jabuti foi duas vezes concedido a Clarice Lispector.

e) Os editores da época recusaram os textos muito reflexivos de Clarice.

Leia o texto a seguir para responder à questão 12.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle de exportações e importações. “Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque

é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%”.

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas encontram-se produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

12. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como “certa” ou “errada”.

Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir “foram realizadas” (l. 9) por **realizaram-se**.

Gabarito: 1. b; 2. d; 3. b; 4. a; 5. b; 6. d; 7. a; 8. b; 9. C; 10. C; 11. E; 12. errada.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um “se” na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o “se” será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.

- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> *Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.*
>
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período?

Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si: adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito*

– cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

> As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

> As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

> Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) “Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.”

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo*.

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade*.

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao

outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente*.

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a outra que se relaciona com ela será a

subordinada (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

> Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

• **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob forma de oração.

• **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo).

Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte*.

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada*.

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na

oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: “que todos entendam o problema”. Isto é, “É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse*.

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na

oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem*.

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas **conjunções subordinativas adverbiais** (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

• **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

• **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, “perder a voz” e o *resultado* de ter “gritado tanto”, ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

• **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção, aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de “chover muito” não evitou a “ida à escola”. Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

• **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só “darei a festa” na *condição*, na *hipótese* de “vires”.

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

• **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a “inteligência do filho” com a “do pai”. Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: “É inteligente como o pai (é)”.

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

• **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu*. Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

• **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

• **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

• **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar:

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.)

Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal.

Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.).

Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente.

Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A “tomada de decisão” se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) “Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias.”

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) “Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*.”

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que, à proporção que*, *ao passo que,* o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) “Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim.”

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que “eu iria escrever”.

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de “ele estar descontente” não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O “mercado se estabilizou” *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de “os juros terem baixado” que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O “silêncio” é a consequência de “a comida estar saborosa”, ou seja, foi por causa disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O “esforço” vai ser feito com a *finalidade* de “não haver conflitos.”

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

“A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam.”

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:

1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. “As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas.”

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: “a gente ama as pessoas”. *Pessoas* é objeto direto do

verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: “as pessoas tomavam chá **no lugar**”. Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde* indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: “ia vestir *as roupas*”. A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. “Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade.”

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo

antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o <u>que se ouvia</u> era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse <u>que os alunos mostram pelo livro didático</u>.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o <u>que ele foi</u> ao <u>que ele é</u>.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*". Ora, diante do verbo de ligação *foi*,

temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: “ele é *aquilo*”. De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: “tenho medo *da coisa*”. A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. “Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens.”

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: “Os deuses amam *àqueles*.” Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a

frase destacada, na ordem direta, ficaria: “Andas *com a amiga*”. A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa <u>por quem fui representado</u>.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: “fui apresentado *pela pessoa*”. Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal “Chegou a pessoa”. **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, <u>cuja repercussão vara os tempos</u>, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel.* Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas

variações (*cuja*, *cujos*, *cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida.

(iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que *desenvolver uma oração* é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo.

Assim, teríamos: “Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*”.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: “Há muitos alunos que estudam com afinco”.

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora*, *conquanto*, *ainda que*, *se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. “Não desejo nada, não temo nada. Sou livre.”

____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

____

3. “Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta.”

____

4. “Apaguei as luzes do carro e acelerei.”

____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

---

11. “As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal.”

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

---

2. Sou favorável a que o aprovem.

---

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

---

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

---

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

---

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

---

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

---

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

9. “Muito acerta quem suspeita que sempre erra.”

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

13. Vejam como é bom ser feliz.

14. Viu chegarem os convidados.

15. “Lembre-se de que Deus está do lado.”

16. Não sei se a história é verdadeira.

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

---

18. "Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português."

---

19. Não imaginava onde estava entrando.

---

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

---

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

---

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

---

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

---

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

____

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

____

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

____

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

____

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

____

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

____

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

____

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

____

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

____

7. Falou alto para que todos escutassem.

____

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

____

9. “O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga.”

____

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

____

2. Quem tem a palavra detém o poder.

____

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

____

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

____

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do

mar.

---

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

---

7. Não sei no que pensa.

---

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

---

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

---

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis.

---

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

---

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

---

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

---

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

---

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

---

16. “Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um.”

---

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

---

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

---

19. A verdade é que preciso deste emprego.

---

20. “Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém.”

---

21. “Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder

achar o elo perdido em seu interior."

---

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

---

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração

subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que

estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. (NCE/Eletrobras) "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

a) sujeito / sujeito.

b) sujeito / objeto direto.

c) objeto direto / objeto direto.

d) objeto direto / sujeito.

e) objeto direto / objeto indireto.

Comentários:

Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada “desejando conhecer a história da humanidade”. Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei do Oriente*. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: “*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes”. Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: “Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio”? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) “... 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara...” – ano / adjunto adverbial.

b) “... deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo”... – Terceiro Mundo / sujeito.

c) “... habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala.” – lugar / adjunto adverbial.

d) “Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País...” – espoleta / sujeito.

e) “... é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível...” – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria “O Brasil mostrou a sua cara *no ano*”. A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo*. Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que*, pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos “O irmão siamês do Terceiro Mundo leva o outro irmão consigo”. O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo*, e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar*. Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final.* Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira...". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar.*

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo

(*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área*, da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA)*. Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. **(Cespe-UnB – Inca/2010)** *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho “que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição” está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere

a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e “abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios”.

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas “que as penitenciárias somente acolham presos”, “que tomou” e “que irá recorrer ao Tribunal de Justiça” desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações “se dependesse só dele” e “se Alicia estivesse ao seu lado” estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração “Se a humanidade quiser a paz efetiva” estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção “Contudo” estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração “como se fizesse um não em câmera lenta” expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia mover a família, e outra vez não.

6. No trecho “ele se indagava”, o termo “se” estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição “para” introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em “A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos”, observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* (“as medidas que tomou”). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* (“... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça”). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma

atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

No primeiro período do segundo parágrafo, as duas orações que não se subordinam a nenhuma outra contêm os seguintes verbos:

a) conserva – experimento

b) terem ocorrido – conserva

c) tornaram – penetra

d) tornaram – experimento

e) conserva – penetra

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As orações reduzidas ... para encontrarmos igual a ela... (4º parágrafo) e ... estendendo-se perante o meu olhar... (último parágrafo), no contexto em que ocorrem, podem ser distendidas da seguinte forma:

a) para que tivéssemos encontrado igual a ela / de modo que se estendem perante o meu olhar

b) para que encontremos igual a ela / as quais se estendem perante o meu olhar

c) para que encontrássemos igual a ela / que se estendem perante o meu olhar

d) para que encontrássemos igual a ela / quando se estendem perante o meu olhar

e) para que encontremos igual a ela / desde que se estendam perante o meu olhar

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: “Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?”. Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. “Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia...” Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber “que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha”.

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as afirmativas abaixo.

I. O termo “coisa” (1º parágrafo) pode ser substituído por “o” com função de pronome, uma vez que, no período, retoma o segmento que o antecede.

II. As orações “de atacar os outros” (1º parágrafo) e “de defender a tradição” (2º parágrafo) servem de complemento ao sentido do verbo a que se referem.

III. Na frase *Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu*... (2º parágrafo), o pronome “que” retoma “samba”, além de ser elemento subordinante a introduzir uma nova oração.

Está correto o que consta de

a) II e III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social.

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, caso a segunda frase seja subordinada à primeira, o período resultante será:

a) Como a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

b) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, de maneira que o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

c) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida; portanto, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

d) O museu parece desempenhar um papel de pacificação social, uma vez que a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

e) Conquanto o museu pareça desempenhar um papel de pacificação social, a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

5. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

Na frase *Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado*, a oração sublinhada complementa o sentido de

a) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

b) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

c) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

d) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

e) um advérbio, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

6. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 11, o vocábulo “que” classifica-se como conjunção e introduz o sujeito da oração “Consta-nos”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

A soberania popular pode ser exercida, juridicamente, por meio de três modelos: democracia participativa ou direta, democracia representativa ou indireta e democracia semidireta. Na democracia direta, o povo participa diretamente da vida política do Estado, exercendo os poderes governamentais, fazendo leis, administrando e julgando. É, pois, aquela em que o povo exerce de modo imediato as funções públicas. Na democracia indireta ou representativa, o povo não exerce seu poder de modo imediato, mas por meio de seus representantes, eleitos periodicamente, a quem são delegadas as funções de governo. A democracia representativa pressupõe um conjunto de instituições que disciplinam a participação popular no processo político, que formam os direitos políticos que qualificam a cidadania, como, por exemplo, as eleições, o sistema eleitoral, os partidos políticos; enfim, mecanismos disciplinadores para a escolha dos representantes do povo. Na democracia semidireta, são assegurados instrumentos de participação direta do povo nas funções de governo. Esses instrumentos de participação dão ao povo, conservadas, embora em parte, as formas representativas, a palavra final relativa a todo o ato governativo. Como exemplo desses instrumentos, podem ser citados o referendo e o plebiscito.

Disponível em: <www.planalto.gov.br> (com adaptações).

7. (TRE/MS – Técnico – Cespe – Jan./2013)

O sujeito da oração cujo núcleo do predicado é a forma verbal “formam” (l. 8) é

a) o pronome “que” imediatamente antecedente.

b) oculto.

c) indeterminado.

d) a expressão “um conjunto de instituições” (l. 7).

e) a expressão “os direitos políticos” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Se a Dinamarca tivesse seguido a corrente rodoviária dominante desde a década de 60 do século passado, nunca viraria um modelo de planejamento urbano. Em uma época em que parecia fazer mais sentido priorizar o trânsito de carros, Copenhague apostou na criação da primeira rua para pedestres do país. Antes de se tornar o maior calçadão da Europa, com um quilômetro de extensão, a Strøget era uma rua comercial dominada por automóveis, assim como todo o centro da cidade. O arquiteto por trás da iniciativa, Jan Gehl, acreditava que os espaços urbanos deveriam servir para a interação social. Na época, foi criticado pela

imprensa e por comerciantes, que ponderavam que as pessoas não passariam muito tempo ao ar livre em uma capital gélida. Erraram. As vendas triplicaram, e a rua de pedestres foi ocupada pelos moradores. A experiência reforçou as convicções de Gehl, que defende o planejamento das cidades para o usufruto e o conforto das pessoas.

Camilo Gomide. Cidades prazerosas. In: *Planeta*, fev./2014 (com adaptações).

8. (ICMBIO – Superior – Cespe – Maio/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências "acreditava que os espaços urbanos" (l. 6) e "ponderavam que as pessoas não passariam" (l. 7), o "que" introduz complementos oracionais para as formas verbais "acreditava" e "ponderavam".

9. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Em todos os segmentos abaixo há exemplos de formas de gerúndio; o valor semântico de uma dessas formas que está corretamente indicado é:

a) "Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, <u>realizando</u> mais de 50 exames a uma fração do custo atual" / finalidade;

b) "Também é possível, <u>adquirindo</u> lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio" / meio;

c) "..., fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, <u>recorrendo</u> ao médico em menor número de ocasiões" / modo;

d) "<u>Dando</u> algum desconto para as previsões,..." / concessão;

e) "<u>Concordando</u> com as linhas gerais do pensamento de Topol" / tempo.

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas <u>para negociar armas e drogas</u>."

A oração reduzida sublinhada teria como forma nominalizada equivalente:

a) para que se negociem armas e drogas;

b) para a negociação de armas e drogas;

c) para que sejam negociadas armas e drogas;

d) para que se negociassem armas e drogas;

e) para o negócio de armas e drogas ser realizado.

11. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Muitas orações se estruturam na forma reduzida – com formas verbais no particípio, gerúndio ou infinitivo; nas frases a seguir, pretendeu-se reescrever as formas reduzidas de infinitivo sublinhadas em forma de orações desenvolvidas.

Assinale a opção que indica a frase em que essa reescritura foi feita de forma adequada.

a) "*É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.*" / o acendimento de uma vela.

b) "*Não é preciso acender uma vela para o sol.*" / que se acenda.

c) "*Hipótese é uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver como seria se ela fosse.*" / para que víssemos.

d) "*A última função da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam.*" / o reconhecimento de.

e) "*A sutileza do pensamento consiste em descobrir a semelhança das coisas diferentes e a diferença das coisas semelhantes.*" / na descoberta da semelhança.

12. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que apresenta a frase em que a substituição da oração adjetiva sublinhada pelo termo em destaque é ***inadequada***.

a) "*O que é a felicidade além da simples harmonia entre o homem e a vida que ele leva?*" – **vivida por ele**.

b) "*Sucesso é conseguir o que você quer e felicidade é gostar do que você conseguiu.*" – **desejado**.

c) "*Você não será mais feliz com mais até ser feliz com o que você já tem.*" – **já obtido**.

d) "*A felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido.*" – **multiplicável**.

e) "*Felicidade é como uma flor que não se deve colher.*" – **recolhida**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

É preciso considerar a direção que devem tomar as políticas públicas para alcançar maior eficiência. Primeiramente, deve-se pensar em maneiras para motivar o servidor de carreira, incentivando-o a empreender ações que propiciem melhoras na administração pública. Isso inclui tanto a oferta de

treinamento adequado, quanto uma maior interação entre órgãos de controle: Controladoria-Geral, Tribunal de Contas, Ministério Público e o restante da administração pública. Outra ideia para motivar os servidores públicos de carreira é a regulamentação da possibilidade de ascensão funcional, das atividades de nível médio para outras de nível superior, por meio de concursos internos.

(Adaptado de http://www.brasil-economia-governo.org.br/2012/11/21/gestao-publica-mais-eficiente/)

13. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada", em relação às estruturas linguísticas do texto.

O segmento "que propiciem melhoras na administração pública" (l. 3) tem natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Um estudo demonstrou que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra. A estratégia pode ajudar a tornar exames de rotina mais acessíveis em regiões isoladas, com pouco acesso por estrada, por exemplo. A pesquisa que chegou a essa conclusão – feita pela Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos – foi publicada na revista científica *Plos one* nesta quarta-feira (29).

O que os cientistas queriam avaliar era se as amostras não perdem a qualidade depois de jornadas de até 40 minutos a bordo do drone. Além do tempo do percurso, preocupava os pesquisadores a aceleração no lançamento do veículo e o impacto quando o drone pousa em seu destino. "Tais movimentos poderiam destruir células do sangue ou fazer com que o sangue coagulasse, então eu pensava que todo o tipo de teste de sangue poderia ser afetado, mas nosso estudo mostra que eles não foram afetados e isso foi legal", disse o médico patologista Timothy Amukele, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins.

(Fonte: http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2015/07/drone-pode-transportar-amostra-de-sangue-para-exame-em-zonasremotas.html. Acesso em 30.07.2015)

14. (ESAF – ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada".

A oração "que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra" (l. 1-2) tem função de objeto direto.

Gabarito: 1. a; 2. c; 3. d; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. C; 9. b; 10. b; 11. b; 12. e; 13.

errada; 14. certa.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las... Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).
- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por “isto”) ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número com todos os substantivos ou com o mais próximo).
- *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

- Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

- A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (*olhos* negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo *governantes*, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda

com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*

2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*

3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*

5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*

6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número,

masculino plural (*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn*., a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:

Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:

Homem *triste* / mulher *triste*

Homens *tristes* / mulheres *tristes*

O adjetivo *triste* varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo *inesquecíveis*.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem anteposto. Nesses casos, o verbo indica se o predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou

posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes ________________. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. ________________ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história ________________ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou ________________ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se ________________. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se ________________ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se ________________ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso,

o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei ________________ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne ________________ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos ________________ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*,

azul-celeste e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos, surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*, *amarelas*, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza*, *gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: “Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas”. Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: “A carta e a procuração vinham inclusas”. Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda

com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal* e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões *menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro*...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta*.

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: “Naquele momento, todos tinham os sentidos *alertas*”.

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões *só, meio, bastante, caro, barato*...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável. Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre

certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= *sozinho*) ou palavra denotativa de exclusão (= *somente*). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.

Meio pode ser numeral (= *metade*) ou advérbio (= *um pouco*). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.

Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (=

suficiente). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros/baratos.*

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode--se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões *o mais possível, a olhos visto, haja vista*...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível*.

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis*.

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis*.

Atitudes *as* mais modestas *possíveis*.

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê

(sujeito da frase). Na frase acima, têm--se, então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As literaturas *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas línguas *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A literatura *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: “As joias foram remetidas anexas àquela carta”.

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não

poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar

com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*...

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*". *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso*

refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer “Todos os soldados do quartel estavam alerta”.

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: “A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso”.

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração “distinguir duas tendências fundamentais”. Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá:

"Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha __________________ / __________________. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época __________________ / __________________. (tedioso)
3. Amor e agradecimento __________________ / __________________. (eterno)
4. Códigos e senhas __________________ / __________________. (alterado)
5. Mãe e pai __________________ / __________________. (moderno)
6. Argumentos e justificativas __________________ / __________________. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes __________________. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço __________________. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne ____________________ (bovino)
10. Vendia pães e frutas ___________________. (maduro)
11. ___________________ clima e terra. (desconhecido)
12. ___________________ faca e navalha. (afiado)
13. ___________________ atitudes e gestos. (belicoso)

14. ___________________ cores e tamanhos. (variado)

15. Os ___________________ Gil e Caetano. (famoso)

16. As ___________________ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram ___________________. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é ___________________. (justo)

19. A crise financeira deixou ___________________ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna ___________________ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram ___________________. (branco)

22. Eram ___________________ a neve e o jardim. (branco)

23. Era ___________________ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _________________ / _________________. (aberto)

25. Encontrei _________________ / _________________ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _________________, _________________ e ________________. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _________________, a _________________ e a ________________. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _________________ e ________________. (inglês e alemão)

29. A gramática _________________ e a ________________. (inglês e alemão)

30. Conselhos _________________ e ________________ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é ___________________. (necessário)

32. É ___________________ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é ___________________. (necessário)

34. É ___________________ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas ___________________. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas ___________________. (possível)

37. Deve ser um bom livro, ___________________ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos ___________________. (visto)

39. Um e outro ___________________ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro ___________________ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra ___________________. (hipótese)

42. Os filhos são _________ __________ a mãe. (tal qual)

43. _________________ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do

decreto x. (anexo)

44. Vão _________________ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _________________ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _________________ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _________________ com todos vocês. (quite)

48. Muito _________________, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _________________ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _________________-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _________________. (junto)

52. Elas _________________ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _________________ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _________________ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _________________. (alerta)

56. Ficou _________________ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _________________ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _________________ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _________________. (só)

60. _________________ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _________________ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _________________ estranhas. (meio)

63. Há _________________ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _________________. (bastante)

65. Comprou livros _________________ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _________________ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _________________ entenderão o recado. (mesmo)

68. _________________ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _________________. (caro; barato)

70. O camelô vendia _________________ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _______________________________. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _______________________________. (público-privado)

73. Grupos _______________________________. (hispano-argentino)

74. Crianças _______________________________. (recém-nascido)

75. Ternos _______________________________. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _______________________________. (surdo-mudo)

77. Crianças _______________________________. (surdo-mudo)

78. Blusas _______________________________. (verde-garrafa)

79. Vestidos _______________________________. (vermelho-sangue)

80. Calças ______________________________. (cinza-chumbo)

81. Tecidos ______________________________. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.
18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.
19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.
20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.
21. ( ) Seguem em anexo as fotos.
22. ( ) Seguem anexas as fotos.
23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.
24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.
25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.
26. ( ) As questões serão tais qual o programa.
27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.
28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.
29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.
30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.
31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _________________ providenciaram os atestados, que enviaram _________________ às procurações, como instrumentos _________________ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _________________ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _________________ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas. (promovido)

4. Tornam-se muito _________________ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _________________ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _________________ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _________________ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _________________ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _________________ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _________________. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _________________. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _________________. (sujo)

13. Encontrei _________________ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _________________ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _________________ para resolver o problema da

agricultura. (bastante)

16. Tinha _________________ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _________________ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _________________ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _________________________. (brasileiro e português)

20. Veio _________________ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _________________ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _________________. (possível)

23. Julgamos _________________ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _________________. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _________________ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _________________. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _________________ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _________________ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _________________ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _________________ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _________________ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _________________ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _________________ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _________________. (solto/impossível)

32. Seria _________________, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _________________ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _________________ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _________________. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _________________ guardar,

revelaram-se de importância absolutamente ________________ para eles. (inútil/vital)

35. ________________ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões “haja vista” e “olhos vistos” podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável, independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo “alerta”, como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, “alerta” pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante

(advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e ("Óculos" leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e ("Milhar" é palavra masculina.); 8. c ("Conformes", nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e ("Anexas". Refere-se a "joias".); 10. e ("Bastante" modifica "preciosas", advérbio, pois.); 11. e ("Ilegais". Refere-se a "nomeações".); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e ("Meia" é numeral, concorda com a palavra "hora", subentendida.); 16. e ("Inaceitáveis" são as "gírias".); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E ("Anexos" vão os "documentos".); 28. E; 29. C; 30. C ("Monstro", como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras ("ofertas tentadoras"); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31. soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a “senhora”, erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, “Haja visto” está errado, pois o termo é “vista”, sempre. A letra D mostra o adjetivo “feliz” no singular se referindo a “eles” no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem “...somos responsáveis por nós mesmos”, o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra “bastante” se referindo a “pessoas”, que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, “meio” e “caro” são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo “só” com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta “visto” de uma forma errada, pois na expressão “Haja vista” essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento “os povos egípcio e israelita”, o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular (“povos” existem vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, “estranho” se refere a “pesquisa”, então estaria errado (“...considero a pesquisa dos universitários estranha”). Na B, o “empréstimo” é que foi “feito”. Na C, a “parte” do texto foi “compreendida”. A letra D traz o adjetivo “rasgados” concordando com “textos”, o que também caracteriza um erro, pois “rasgadas” seriam as “páginas”. Na opção E, “clara” é a “posição”, concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alternativa em que a expressão sublinhada pode ser substituída pelo que se apresenta entre colchetes, respeitando-se a concordância, e sem quaisquer outras alterações no enunciado, é:

a) *A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo...* [viável]

b) *A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.* [relacionado]

c) *Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana...* [são possíveis]

d) *...desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais...* [pública]

e) *Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados...* [bastaria]

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase cuja redação está inteiramente correta é:

a) Obtido pela identificação por radiofrequência, os dados das placas de veículos são passíveis em oferecer informações valiosas acerca dos motoristas.

b) Na cidade inteligente, a automatização da gestão de setores urbanos são facilitadores de serviços imprecindíveis, como saúde, educação e segurança.

c) Londres e Barcelona estão entre as cidades que mais destaca-se em termos de inteligência, com avançados centros de operação de dados.

d) São necessários viabilizar projetos de cidades inteligentes, amparados em políticas públicas que salvaguardam os dados abertos dos cidadãos.

e) O aprimoramento de técnicas de informatização de dados permitiu que surgisse um novo conceito de cidade, concebido como espaço de fluxos.

3. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

Expressões utilizadas no texto motivaram a redação de outras frases. A frase que respeita as orientações da norma-padrão da língua, no que se refere à concordância, é:

a) Parece muito óbvio, de acordo com o noticiário, a intenção de os artistas de ópera pugnarem por melhores condições de trabalho e por melhores salários.

b) No planejamento constam várias cotações para a compra dos instrumentos, e nota-se que é bastante caro os de corda, como o violino e a harpa.

c) De acordo com o especialista, são muito fugaz, mesmo, as variações de tom no canto inicial, mas é exatamente essa diversificação que dá brilho ao trecho.

d) Foram realmente débeis, por confrontos com outras encenações, a série de entradas do tenor em cena, mas isso foi atribuído à insegurança de um iniciante.

e) A ópera, considerados sua concepção e entendimento atuais, pode ser tida como uma arte menos exótica, mas sempre transformadora.

4. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:

a) Quem escrevia nos jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de boas mães e esposas virtuosas, pois reproduziam o que já fazia parte do imaginário ocidental, e podia ser encontrado na literatura, nos sermões das missas e nas tradições locais.

b) Formadas por casais oriundas das ilhas dos Açores e da Madeira, a população que ocupou parte do Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XVIII, tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento econômico da região.

c) A escolha de numerosas imagens de mulher denota uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos, mas é difícil saber como eram vividas, experimentadas no cotidiano, essas imagens que os jornais reproduziam.

d) Em cada capital do Sul, os grupos de pessoas mais abastados assumiram diferentes configurações, porém foi principalmente os comerciantes e pequenos industriais ligados à população de imigração recente que

ditou as características das novas elites urbanas.

e) O surgimento de inúmeros conflitos regionais levaram ao estabelecimento de costumes diferenciados do restante do país, e registra-se vários testemunhos de viajantes sobre o modo de vida familiar nessa época, destacando o papel de mulheres que comandavam pequenas propriedades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

5. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referentes às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Com o uso do pronome masculino "eles" (l. 4), excluem-se da argumentação as mulheres, razão pela qual são citadas no período final do texto.

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos".

Sobre a concordância nesse segmento do texto 2, a afirmação <u>inadequada</u> é:

a) "muitos" concorda com "sites";

b) "interessados" deveria ser substituído por "interessadas";

c) "editorial" concorda exclusivamente com "linha";

d) "médicos" se refere a "produtos e equipamentos";

e) "farmacêutica" concorda com "indústria".

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Considere-se este trecho: “Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria.”

Há um desvio de concordância na seguinte reescritura desse trecho:

a) Mas essas viagens diárias enchiam de alegria aquela criança.

b) Como me tornava uma criança completa de alegria essa viagem diária!

c) Mas essas viagens diárias me tornavam uma criança completa de alegria.

d) Essa viagem diária me tornava uma criança, completo de alegria.

e) Eu me tornava uma criança completa de alegria por causa dessa viagem diária.

8. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A palavra destacada apresenta a concordância nominal de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Várias agências bancárias estão implementando a biometria, nos caixas eletrônicos, **baseados** nas características físicas dos clientes.

b) O avanço dos serviços bancários e sucesso das moedas virtuais, **ocorridas** nos últimos anos, oferecem aos usuários conectados experiências prazerosas.

c) O aumento do uso dos cartões **fornecido** por vários bancos representa um dos elementos mais importantes e característicos na área financeira do século XX.

d) A construção estratégica de curto e médio prazos, **compatível** com os padrões de competitividade do mercado bancário, tornou os mecanismos de prevenção mais eficientes.

e) As tecnologias de mobilidade e a competência dos funcionários são **característicos** da rede bancária na atualidade.

9. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que reescreve passagem do texto respeitando a norma-padrão de concordância verbal e nominal.

a) Bastava cinquenta anos para que fosse descoberto no país produtos novos, que acabava sendo a riqueza do país.

b) Os mandatos de senador e deputado durava tempo diferente, sendo mais longos o dos primeiros.

c) Na Bruzundanga haviam Senado e Câmara de Deputados, que o povo, em massa, apoiavam confiantes.

d) Naquele ano, isto já faziam dez anos, surgiu um deputado muito bem falante em assuntos financeiros.

e) Todas as repúblicas que se prezam possuem Senado e Câmara escolhidos pelos cidadãos, o mais possível confiantes em seus representantes.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. e; 4. c; 5. E; 6. b; 7. d; 8. d; 9. e.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

- adjunto adnominal;
- predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);
- predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é: TOTAL	Segue a concordância verbal
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. Simples: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. Composto: aparecem dois ou mais núcleos.

Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. Indeterminado: representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

Ex.: Trabalha-se muito aqui.

(verbo intransitivo)

Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. Oração sem sujeito: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

Os casos mais comuns:

• expressões que indicam fenômenos da natureza;

• verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: *“A noite começava a cair”*. O responsável pela flexão da locução verbal *“começava a cair”* é a ***“noite”*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido. Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que “os aplausos” é que “faltaram”. Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, “três horas deram/bateram/soaram no relógio”, ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, “O relógio deu/bateu/soou três horas”.

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800

calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós, essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

> Resumindo:
>
> Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos.../Vai para...). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa...

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro...

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se...

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, “Parece que ela chega hoje”, não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, “Convém insistir no pedido”, temos o

mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____________ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _______________ 50 anos que os índices de felicidade _______________ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, ____________ as possibilidades de maior felicidade.

(acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a “As possibilidades foram acentuadas”, voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _______________ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – “que as pessoas encontrem a felicidade é possível”, ou seja, “Isto é possível”. Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _______________ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto “meu irmão e meu sobrinho” aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _______________ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta

e o núcleo do sujeito é “disseminação”.

Resposta: constitui.

7. Aquilo __________ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: **é** ou **são**.

8. Os representantes ___________ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos ________ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. __________ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. __________ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo ser concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.

2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.

4. Meu orgulho são os meus filhos.

5. Ela era os meus sonhos.

6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a

concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** não varia com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de horas, datas ou distâncias vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular (frase 12). Na frase “Hoje são 12 de abril” há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: “Hoje é dia 12 de abril”.

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações:

1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo.

2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada*/*estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase “A carta **com** o anexo estão

extraviados”, a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse “A carta **e** o anexo estão extraviados”. É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase “A carta com o anexo está extraviada”, o que se quer é realçar o núcleo “a carta”. A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse “A carta, em companhia do anexo, está extraviada”.

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase “O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão”, o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: “O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes” (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma:

A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro).

A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões *um ou outro, um e outro, nem um nem outro*

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem ...*

nem...: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

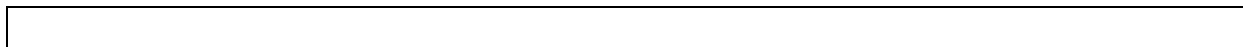
Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por

isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar

com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome

relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

... **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):

Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.

Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no**

singular, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

   Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

   Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

   Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando

o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar + se + infinitivo + nome no plural*:**

esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

   Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram*. *Pilhas estavam chovendo*.

   Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

   Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

   Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

   Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer “Não *devem* existir ciúmes...”

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: “Acabaram as aulas, começaram as férias”.

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1*%.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos.*

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-

se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer “Cada um de nós seis comprará...”.

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer “V. Exª. *irá* viajar amanhã?”

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer “Mais de um abacate apodreceu..., menos de duas peras foram comidas”.

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância (“passarão”).

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância (“passaram”).

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer “Nem um nem outro caçador conhece...”.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: a frase está certa e teria outra possibilidade de concordância (“esteve”).

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _________________ valores supérfluos. (contém/contêm)

2. “A ordem social e humana nem sempre se _________________ sem o grotesco.” (alcança/alcançam)

3. _________________ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)

4. _________________ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)

5. _________________ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)

6. Vossa Excelência _________________ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)

7. Vossas Excelências _________________ tristes com a repercussão

(ficaram/ficastes)

8. _________________ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)

9. _________________ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)

10. _________________ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

11. Embora _________________ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)

12. Eles _________________ entender o problema (parecia/pareciam)

13. _________________ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _________________ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _________________ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _________________ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _________________ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _________________ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _________________ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _________________. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _________________. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _________________. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _________________ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _________________ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _________________ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _________________ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _________________ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _________________ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _________________ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _________________ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _________________ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _________________ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _________________ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _________________ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _________________ perversamente _________________ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _________________ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _________________ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _________________ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _________________ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _________________ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _________________ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _________________ para jantar. (saíram/saímos)

42. _________________ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _________________ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _________________ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _________________. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _________________ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _________________ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _________________ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _________________ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _________________ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _________________. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _________________ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _________________ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _________________ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _________________ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _________________ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _________________ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _________________ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _________________ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _________________ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _________________ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _________________ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _________________ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _________________ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _________________ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _________________ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _________________ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _________________ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _________________ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _________________ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _________________ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _________________ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _________________ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _________________ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _________________ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _________________ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _________________ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _________________ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _________________ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _________________. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _________________ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _________________ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _________________ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _________________ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _________________ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _________________ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _________________ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _________________ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _________________ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. “Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _________________ na ilha de Santa Helena.” (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _______________ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _________________ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _________________ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _________________ eu. / Eu _________________ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_________________ nós. / Nós _________________ os

responsáveis. (são/somos)

96. Quem ________________ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que ________________ conectores? (é/são)

98. Os homens ________________ complicam as coisas. (é que/são que)

99. ________________ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos ________________. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas ________________. (é suficiente/são suficientes)

102. ________________ dez horas. (É/São)

103. ________________ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje ________________ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa ________________ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam ________________ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos ________________ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os ________________ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os ________________ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los ________________. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes ________________. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem ________________. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para ________________ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se ________________ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas ________________ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. ________________ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.

2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado “comum”.

3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer adversidade que se lhes apresentasse.

4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.

5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.

6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.

7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.

8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.

9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.

13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.

14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.

15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os

aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.

41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.

42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.

43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.

44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.

45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.

46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.

47. ( ) Não podia haver mais complicações.

48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.

49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.

50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.

51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _________________ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)

2. Brasileiros e latino-americanos _________________ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)

3. _________________ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)

4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _________________ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)

5. _________________ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)

6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _________________ botões de computador. (é/são)

7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _________________ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)

8. Nem a criança nem o adulto _________________ deixar de continuamente exercer o poder de criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _________________ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _________________ convencidos de que _________________ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _________________ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _________________ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _________________ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _________________ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _________________, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _________________ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _________________ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _________________ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _________________ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _________________ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _________________ suficiente. (é/são)

22. Já _________________ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. “E quanto enfim cuidava e quanto via, _________________ tudo memórias de alegria.” (Camões) – (era/eram)

24. _________________ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _________________ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _________________ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _________________ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _________________ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _________________ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _________________ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _________________ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. “Os sentenciados _________________ do poder público a comutação da pena.” (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _________________ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _________________ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _________________ realizando as frágeis democracias _________________, _________________ e _________________

é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _________________ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _________________, nem jamais _________________, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _________________ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _________________ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _________________ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _________________ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _________________ para a educação, e os 99% restantes ____________________________ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _________________ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _________________ sido _________________, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _________________ acompanhando pelos jornais as

notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _________________ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _________________. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _________________ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _________________ primeiro. (cheguei/chegou)

50. “Um dos soldadinhos que me _________________ chorava como um desgraçado.” (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _________________ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _________________ o problema. (entendeu/entenderam)

53. “Aqui _________________ a burguesia, o mercador, a população.” (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _________________ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _________________ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _________________ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _________________ em seu poder prevenir.

(estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _________________ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _________________-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _________________ evitar. (convém/convêm)

61. “O conselho se reuniu, e _________________ recomeçar a guerra.” (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _________________ nexos lógicos entre “tom de documentário” e “convenção de novela”, por se _________________ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _________________ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. “Mas não _________________ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação.” (E. Franchi) – (é/são)

65. “Mas, para Adélia, nem tudo _________________ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica.” (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _________________ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _________________ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores, _________________ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _________________ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _________________ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _________________ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _________________ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _________________, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. “Mas _________________ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou.” (houve/houveram)

75. “Nem os olhos nem o gesto _________________ poesia nenhuma.” (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta,

devido à crise recessiva, _________________ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _________________ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de “Uma relação tão delicada” foi chamado o ator R. Adruim, a quem _________________ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _________________ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _________________ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _________________ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo “chover”, aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é “propostas”); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala /

Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado; 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz; 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os

dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79. atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E – Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se – Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências ... reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C; 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E – tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E – Convém/descobrir... sujeito oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é

perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35. vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome “quem” como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse*...). Na B, o verbo “haver” é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador (“Alimentavam-se muitas ilusões” é o mesmo que “Muitas ilusões eram alimentadas”, verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos ______________ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito

(letras A, D e E). Como o sujeito é “muitos gritos”, esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo “haver” é impessoal, equivale a “ocorrer”, por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é “Mais de um jornal”, cujo núcleo é “jornal”, verbo no singular.

(“Mais de um jornal comentou...”). Na letra B, a ordem direta da frase seria “Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem”, verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de exclusão (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a

expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a

D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é “reparação”, singular (“A reparação... é possível”). Na C, “as falhas são investigadas” (“Investigam-se as falhas”). Na letra E, o sujeito é o número de horas (“Oito horas soaram no relógio”).

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E, os verbos teriam de aparecer no plural (*representam*/*são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O verbo que pode ser indiferentemente flexionado no singular ou no plural encontra-se em:

a) *... enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia...*

b) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação*.

c) *Veja, os Beatles, foram à Índia...*

d) *O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco*.

e) *... onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos...*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cada um no seu *tablet*: conheça o perfil das crianças brasileiras na web

Há tempos a internet não é lugar frequentado apenas por adultos. As crianças aprendem a navegar na web antes mesmo de amarrar os cadarços. Um levantamento da AVG Technologies comprova que 57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos em *smartphones*, mas só 14% são capazes de dar um laço nos cordões dos sapatos.

Além de ter acesso a dispositivos eletrônicos cada vez mais cedo, o público infantil tem uma tendência ao uso privativo da internet. As informações são do relatório mais recente da ICT Kids Online Brazil. O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos, e indica que meninos e meninas acessam a rede principalmente de casa. E o Brasil é onde as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets* – um terço delas estão conectadas.

Apesar do amplo acesso à web dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar. A pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras.

(Adaptado de: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/04/interna_tecnologia,497349/cada-um-no-seutablet-conheca-o-perfil-das-criancas-brasileiras-na-we.shtml. Acessado em: 05.09.2015)

2. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase redigida corretamente e em conformidade com as informações do texto é:

a) Grande parte das crianças brasileiras aprende a usar a internet logo cedo, devido à falta de restrição do acesso à rede nas escolas.

b) Um terço das crianças brasileiras têm acesso à internet em seu domicílio, enquanto não há computadores em suas escolas.

c) A maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis, por isso ainda há pouco uso da rede nas escolas.

d) As crianças brasileiras tendem a usar a internet em casa, ainda que as escolas ofereçam amplo acesso à rede.

e) Muitas crianças brasileiras utilizam a internet em suas casas, ao passo que o acesso à rede é escasso nas escolas.

3. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Já faz anos que as crianças vêm usando a internet, e é admirável a rapidez com que elas aprendem a lidar com os aplicativos que surgem a cada dia.

b) Hoje parecem haver crianças que já nascem com uma predisposição para usar os recursos tecnológicos, que lhe atraem desde cedo.

c) Muitos adultos que se mantém alheio à comunicação virtual são excluídos do diálogo com os mais novos, o que acarreta conflitos intergeracionais.

d) É possível que ocorra alguns desencontros entre as gerações, mas muitos jovens estão consciente da importância de ajudar os mais velhos a usar as novas tecnologias.

e) São úteis, nos dias de hoje, utilizar ferramentas de comunicação virtual para se manter bem informado e estar próximo de quem mora em lugares distantes.

4. (FCC – TRE-SE – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Vincula-se ao nosso antigo complexo de povo colonizado hábitos como o que nos leva ao emprego

indiscriminado de termos estrangeiros.

b) Somente no caso de haverem razões plenamente justificáveis admite-se, na opinião do autor do texto, o uso de vocábulos estrangeiros.

c) Constam nos programas de congressos acadêmicos, como se fosse natural, chamamento em inglês para o nosso brasileiríssimo cafezinho.

d) O emprego de termos estrangeiros cujas acepções originais não têm tradução adequada conta com o respaldo do autor do texto.

e) Aquilo que os estrangeiros parecem dizer melhor, com palavras mais apropriadas, quase sempre encontram perfeita tradução em nosso idioma.

5. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na seguinte frase:

a) A rejeição que demonstra Coutinho a preconceitos sociais (**distinguir**) sua obra da de outros documentaristas.

b) Grupos ou classes sociais, numa visão a distância, não (**merecer**) desse cineasta qualquer atenção especial.

c) Não (**dever**) satisfazer-se um bom documentarista com os paradigmas já cristalizados.

d) Aos tipos sociais já reconhecidos (**faltar**) a imprescindível singularização dos indivíduos.

e) Sertanejos nordestinos e peões de fábrica são designações que não (**derivar**) senão de uma mera tipologia.

6. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

a) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa história.

b) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

c) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

d) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

e) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

7. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

a) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava****...*

b) *... com um número que hoje* ***oscila*** *entre os 13 milhões...*

c) *Pessoalmente,* ***interessam****-me duas.*

d) *A escravidão que* ***denunciava*** *com dureza..*

e) *... o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* ***merece****...*

8. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

A forma verbal que pode ser flexionada indiferentemente no singular e no plural encontra-se em:

a) *...a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou...*

b) *De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas.*

c) *... as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.*

d) *Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição mais elevada...*

e) *...o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região...*

9. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Considere as alterações propostas nas alternativas abaixo para alguns segmentos do texto. Mantém-se a correção gramatical no que consta em:

a) *Não basta um estado de espírito.* Não basta algumas decisões tomadas nesse sentido.

b) *Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.* Essa é uma das exigências que se impõem tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

c) *É preciso algo mais.* Faz-se necessário as mudanças de visão e de atitudes.

d) ... *para que ela tenha um sentido.* ... para que as metas estabelecidas a cada um tenha um sentido.

e) *Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido* ... Na raiz da palavra resisterese encontra algumas indicações de seu significado ...

10. (FCC – CNMP – Técnico – Administração – 2015)

O elemento que justifica a flexão verbal em destaque está sublinhado em:

a) *... **é** hoje <u>dominante</u> o entendimento de que democracia...*

b) *Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a <u>estabilidade</u> **permanecerá** a mesma até, digamos, a metade do presente século...*

c) *... não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica <u>a consolidação da democracia</u> como sistema em casos concretos **possa passar** ao largo...*

d) *De fato, <u>certa tensão</u> entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas **articula-se** de maneira específica...*

e) *Mesmo democracias que no início pareciam <u>débeis</u> **foram se robustecendo**...*

11. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, numa forma do PLURAL para integrar de modo adequado a seguinte frase:

a) Aos guardas da fronteira não (**despertar**) suspeitas o que era mais evidente nos pertences da velhinha.

b) Muitas vezes nos (**escapar**) a unidade dos detalhes expostos, ao atentarmos para a singularidade de cada um.

c) Às fabulas tradicionais (**caber**) desenvolver narrativas cujo sentido moral reste plenamente exemplificado.

d) Tantas vezes nos (**desorientar**) a evidência dos detalhes que perdemos o sentido do conjunto.

e) A revista que (**fazer**) da bolsa da velhinha não esclarecia os guardas quanto à natureza do contrabando.

12. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

As normas de concordância verbal encontram-se plenamente atendidas na seguinte frase:

a) Não cabe aos responsáveis pelo mau funcionamento do mundo quaisquer tipos de sanção, uma vez que sequer logramos identificá-los.

b) O desleixo e a improvisação, que na ordem humana constitui um defeito incorrigível, estão perversamente implicados na política e na economia.

c) Torna-se difícil projetar as imagens de um mundo natural que fosse administrado pela consciência humana, à qual se devem as decisões mais injustas.

d) Acabam por tornar visíveis as falhas do mundo natural o desequilíbrio injusto na distribuição dos favores e das desgraças que acometem a humanidade.

e) Os liberais dizem que se devem confiar nas vantagens do livre mercado, cujo funcionamento por si só se responsabilizariam pela estabilidade da economia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

13. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

A forma verbal “teria” (l. 1) está flexionada na terceira pessoa do singular, para concordar com “apartamento” (l. 1), núcleo do sujeito da oração em que ocorre.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 14.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está “completa, inteira, perfeita, sã”, no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

14. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

A coesão e a correção gramatical do trecho “e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos” (l. 12 e 13) seriam mantidas caso a forma verbal “violem” fosse flexionada no singular, passando, então, a concordância a restringir-se ao termo “risco”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das

vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

15. (Câmara dos Deputados – Técn. legislativo – Cespe – 2014)

Em relação ao texto acima, julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E).

Os termos “eleitores” (L. 8), “gente” (L. 9), “fraudes” (L. 10), “restrições” (L. 14) e “Brasil” (L. 15) são núcleos do sujeito da oração em que se inserem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Na organização do poder político 1 no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, “todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder”.

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: “só

se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos”. Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Disponível em: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

16. (MPU – Analista – Cespe – 2015)

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

A flexão plural em “eram identificadas” (l. 10) decorre da concordância com o sujeito dessa forma verbal: “as esferas de abrangência dos poderes políticos” (l. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros, o verão não é sinônimo apenas de praia, corpos à mostra e pele bronzeada. O calor extremo provocado por massas de ar quente – fenômeno comum nessa época do ano, mas acentuado na última década pelas mudanças climáticas – traz desconfortos e riscos à saúde. Não se trata somente de desidratação e insolação. Um estudo da Faculdade de Saúde Pública de Harvard (EUA), o maior a respeito do tema feito até o momento, mostrou que as temperaturas altas aumentam hospitalizações por falência renal, infecções do trato urinário e até mesmo sepse, entre outras enfermidades. “Embora tenhamos feito o estudo apenas nos EUA, as ondas de calor são um fenômeno mundial. Portanto, os resultados podem ser considerados universais”, diz Francesca Domininci, professora de bioestatística da faculdade e principal autora do estudo, publicado no jornal Jama, da Associação Médica dos Estados Unidos. No Brasil, não há estudos específicos que associem as ondas de calor a tipos de internações. “Não é só aí. No mundo todo, há pouquíssimas investigações a respeito dessa relação”, afirma Domininci. “Precisamos que os colegas de outras partes do planeta façam pesquisas semelhantes para compreendermos melhor essa importante questão para a saúde pública”, observa.

Internet: <www.correioweb.com.br> (com adaptações)

17. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "há" (l. 10) por **existe**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –,queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

18. (TRE-GO – Analista/Técnico – Cargos 1 e 2 – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

O trecho "votaram 2,2% da população" (l. 12) poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

A crônica não é um "gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

"Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque, sendo assim, ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição.

Antonio Candido. A vida ao rés do chão. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993,p. 23 (com adaptações).

19. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2014)

Ainda em relação ao texto, julgue (C ou E) o item subsequente. As formas verbais "imagina" (l. 1), "atribuir" (l. 2) e "servir" (l. 6) foram utilizadas como verbos transitivos indiretos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste

século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*.

São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

20. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Na oração que inicia o segundo parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.

21. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção em que a lacuna da frase deve ser corretamente preenchida com a forma **há**.

a) "*Não há profissão mais bela do que _____ de tio da América.*"

b) "*Onde é necessária a astúcia não _____ lugar para a força.*"

c) "*O mérito tem seu pudor, como _____ castidade.*"

d) "*Há lugares em que emana _____ inteligência.*"

e) "*Não existe pecado, exceto _____ estupidez.*"

22. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*Em geral os arquitetos <u>temos</u> de nos ater às plantas que nos <u>apresentam</u> os proprietários. Nisso nos parecemos com os médicos. Há quem os <u>chame</u> para que <u>diagnostiquem</u> a enfermidade que deseja ter, e lhe <u>receite</u> o regime que deseja seguir.*" (**Jacinto Benavente**)

Nesse pensamento há um erro de forma verbal, no que diz respeito à concordância. Assinale a opção em que esse erro é adequadamente corrigido.

a) temos/têm.

b) apresentam/apresenta.

c) chame/chamem.

d) diagnostiquem/diagnostique.

e) receite/receitem.

23. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

A concordância verbal dos termos destacados obedece às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) As ações dos dirigentes políticos para que a tecnologia afete positivamente a população **parece** crescer cada vez mais nas sociedades modernas do século XXI.

b) Em algumas instituições, **concentram**-se cérebros responsáveis por estabelecer os novos parâmetros da sociedade da informação, essencial ao debate público sobre desenvolvimento.

c) **Têm** gerado consequências indiscutíveis no processo educacional o desenvolvimento tecnológico dos países que investem em pesquisas avançadas na área de informática.

d) **Buscam**-se, nos países industrializados, espírito empreendedor para que os avanços na produção e na transmissão de informação beneficiem uma grande parcela da população mundial.

e) É essencial que se **considere** essas características da sociedade de informação como um novo paradigma técnico-econômico relacionado às transformações técnicas e organizacionais.

24. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho "Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca", o verbo **criar** foi utilizado no plural para adequar-se às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa.

O verbo destacado abaixo foi utilizado adequadamente no plural em:

a) Com o desenvolvimento da internet, **delegam**-se aos países produtores de conteúdo a missão de estabelecer as características da nova cultura de massas.

b) Nos países em desenvolvimento, **assistem**-se a inúmeros programas de popularização do acesso aos meios de comunicação digital.

c) Nos filmes de ficção científica do século XX, **previam**-se inúmeras sociedades comandadas pelos computadores superpoderosos.

d) Para evitar a manipulação das redes sociais nessa era de globalização, **necessitam**-se de leis severas de utilização da internet.

e) Para conquistar posição de vanguarda na atual guerra cultural, **obedecem**-se aos princípios básicos de criatividade e inovação tecnológica.

25. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo em destaque está adequada à norma-padrão em:

a) A agricultura de famílias **cria** estratégias capazes de melhorar a realidade dos produtores.

b) O agricultor, assessorado pelos órgãos responsáveis, **são** mais bem atendidos.

c) A predominância de mão de obra familiar **apresentam** um papel relevante para o desenvolvimento do país.

d) Os empreendimentos rurais desenvolvidos em estabelecimento rural **compreende** papel relevante para o desenvolvimento do país.

e) A geração de empregos e de rendas **promovem** a permanência do homem no campo.

26. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A concordância do verbo destacado obedece ao que determina a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) O financiamento de imóveis populares a baixo custo **caracterizam** a missão social dos bancos estatais.

b) **Necessitam**-se de muitas iniciativas para ampliar a informatização do acesso bancário de modo a aumentar sua eficiência.

c) A criação de moedas digitais que tem ocorrido na internet **devem** provocar relevantes mudanças sociais.

d) A política de desenvolvimento social das comunidades carentes **podem** promover melhorias na vida de sua população.

e) Na última década, **criaram**-se muitas oportunidades de negociação para consumidores endividados.

27. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo destacado está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Os moradores são cadastrados para que **possa** utilizar o dinheiro local nas lojas da comunidade.

b) A melhoria do nível de vida dos moradores **demonstra** que o sistema bancário local funciona.

c) Uma solução para comprar roupas baratas **são** observadas nas liquidações anuais das grandes lojas.

d) Muitos empréstimos aos moradores nos bancos comunitários **é** de valores pequenos.

e) Todo mundo que frequenta os bancos comunitários **conseguem** fazer um empréstimo.

28. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Se da frase – A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos (...) atraiu o interesse de arquitetos de renome – for eliminada a expressão “A soma entre”, a concordância entre o verbo e o sujeito se dará pelo mesmo motivo que na frase:

a) Trata-se de um desejo indelével de justiça social, apoio mútuo entre os cidadãos e respeito.

b) Havia nas terras descobertas por Cabral riquezas em abundância e nativos para a catequese.

c) Depois de muito viajar pelo mundo, em competições, retornou à terra natal o tenista e sua esposa.

d) A ética e a probidade fazem do profissional um agente do bem social, ou seja, um promovedor da cidadania.

e) A guerra e a batalha constante entre os povos consome a todos intensa e indistintamente.

29. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho destacado na passagem – Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que **existem mais horas do que coisas para se fazer com elas** –, reescrito, apresenta concordância e correlação de tempos verbais de acordo com a norma-padrão.

a) ... têm mais horas do que coisas que se faça com elas.

b) ... há mais horas do que coisas que se façam com elas.

c) ... haviam mais horas do que coisas que se faziam com elas.

d) ... podia existir mais horas do que coisas que se faziam com elas.

e) ...houveram mais horas do que coisas que se fez com elas.

30. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a frase está redigida de acordo com a norma-padrão de concordância nominal e verbal.

a) Só existia nas lojas de brinquedo pias rosas e lilases.

b) Os avós dele achou estranho o presente até eu levá-los à reflexão.

c) Basta-nos pensar que nossos filhos são figuras únicas.

d) As vendedoras alertaram que nenhum desses brinquedos eram de meninas.

e) E só daí foi percebido por meu pai as bobagens que fazia.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal e verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Ainda que se viva tão espremido nos centros urbanos, existem muita gente isolada, pois, cada vez menos,

se faz contatos humanos.

b) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existem muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, ocorrem contatos humanos.

c) Ainda que viva tão espremida nos centros urbanos, se vê muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, acontece contatos humanos.

d) Ainda que se vivam tão espremidas nos centros urbanos, há muita gente isolada, pois, cada vez menos, tem contatos humanos.

e) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existe muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, se estabelecem contatos humanos.

32. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) A mudança de direção da economia fazem com que se altere o tamanho das jornadas de trabalho, por exemplo.

b) Existe indivíduos que, sem carteira de trabalho assinada, enfrentam grande dificuldade para obter novos recursos.

c) Os investimentos realizados e os custos trabalhistas fizeram com que muitas empresas optassem por manter seus funcionários.

d) São as dívidas que faz com que grande número dos consumidores não estejam em dia com suas obrigações.

e) Dados recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito mostra que 59 milhões de consumidores não pode obter novos créditos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 33.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo

da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta, disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Em norma-padrão e com base nas informações apresentadas, outro título possível ao texto é:

a) Deverá servir de referencial para parceria entre Minas Gerais e Japão as tragédias ocorridas.

b) Para enfrentar tragédias, ocorrerá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão.

c) Troca de experiências para enfrentar tragédias nortearão parceria entre Minas Gerais e Japão.

d) Haverá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão para enfrentar tragédias.

e) Para enfrentar tragédias, Minas Gerais e Japão se une na troca de experiências.

34. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Ao empregar no plural o termo destacado na frase – Não haverá mágico que consiga mudar essa realidade –, a redação correta, conforme a norma-padrão, será:

a) Não haverá mágicos que consigam mudar essa realidade.

b) Não haverá mágicos que consiga mudar essa realidade.

c) Não haverão mágicos que consigam mudar essa realidade.

d) Não haverão mágicos que consiga mudar essa realidade.

e) Não haverão mágicos que consigam mudarem essa realidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Para muitos, a vida pulsa no compasso das notificações que o *smartphone* recebe. Enquanto a tela pisca e mais um símbolo de aplicativo se enfileira no *display*, o usuário desempenha as suas atividades diárias. Com um olho no aparelho e outro no trabalho ou no estudo, ele trava uma luta para manter a produtividade

e não se render às tentações dos compartilhamentos ou do grupo de bate-papo instantâneo. Há quem participe dessa disputa até enquanto dirige. A conexão permanente – facilitada pelos celulares com acesso à rede – já altera hábitos e modifica as relações sociais. Tanto que o termo *vício* tornou-se comum para definir as repetitivas conferências de postagem. Para alguns, pode se tratar, de fato, de uma patologia. Aos casos comuns, bastam algumas mudanças de hábito para evitar que o tempo, literalmente, escorra pelas mãos. Uma das etapas desta tomada de consciência é voltar à proposta inicial da tecnologia – a de agilizar tarefas para que se tenha mais tempo para se dedicar ao que realmente importa.

(Adaptado de Correio Braziliense, Sempre conectados, 4 de fevereiro de 2014)

35. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Assinale a opção que não justifica corretamente o uso da flexão verbal.

a) Em “render” (l. 4) para concordar com “ele” (l. 3).

b) Em “dirige” (l. 5) para concordar com “quem” (l. 5).

c) Em “tratar” (l. 7), para concordar com “patologia” (l. 7).

d) Em “bastam” (l. 8), para concordar com “algumas mudanças” (l. 8).

e) Em “voltar” (l. 9), para concordar com “Uma das etapas” (l. 9).

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. a; 4. d; 5. a; 6. d; 7. b; 8. b; 9. b; 10. d; 11. e; 12. c; 13. E; 14. E; 15. C; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. C; 21. b; 22. e; 23. b; 24. c; 25. a; 26. e; 27. b; 28. d; 29. b; 30. c; 31. b; 32. c; 33. d; 34. a; 35. c.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo

Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "... obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o

verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos “Artur procederá à leitura...”.

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece (“... procedeu ao levantamento...”).

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, “Sucedeu ao professor”.

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa*... (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa*... (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos indiretos*.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto direto ou objeto indireto.

Podemos dizer: *Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo* a alguém ou alguém de algo.

O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.

- CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar)
- MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM)
- PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A)
- SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A)
- USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**.

No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando **lugar**. Logo, na frase 21, a forma correta seria “Fomos à cidade...” (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria “Cheguei ao colégio...”.

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; “Moro na rua dos Lírios” e “ O colégio São Martins, sito na rua da União...”.

A frase 27 segue a norma padrão: “Resido na rua...”

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A:

Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório.

Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM:

Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, “presidir a ...” e “presidir à...” estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, “Satisfez aos desejos...” e “Usufruiu das coisas..”. Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: “Desfrutou as coisas...” ou “Desfrutou das coisas...”.

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais)

T.D. (= acarretar)
IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar)
Pronominal (prep. em)
T.D. (= coisa)
PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa)
T.D.I.
T.D. (= ter vontade de, desejar)
QUERER T.I. (= amar, estimar)
T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde)
RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)
T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço)
SERVIR T.I. (= ser útil, convir)
T.D.I. (oferecer algo a alguém)
Intransitivo (= prestar serviços militares)
T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto)
VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar.."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)

2. Chamei Antônio de desonesto.

3. Chamei a Antônio desonesto.

4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.

2. Chamei-o de ignorante.

3. Chamei-lhe ignorante.

4. Chamei-lhe de ignorante.

> Atenção: *“desonesto”*, *“de desonesto”*, *“ignorante”*, *“de ignorante”* não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto (predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o

sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões

elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido... Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar (“Aspirava a um cargo público”). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto (“Ia para a montanha para aspirar o ar puro”).

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: “Eu custo a...”. No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois

“eu não custo nada”, não tem sentido.

A forma considerada correta é “Custou-me acreditar...” ou, usando um nome no lugar do pronome, “Custou ao pai acreditar na tua história”, já que o que custa, é difícil, é “acreditar na tua história”, ou seja, “Acreditar na tua história custou a mim papai”.

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição (“O livro custa trinta reais”).

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a (“... queria ao pai”).

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de “oferecer algo a alguém”, é T.D.I., na 64, “É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve” traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("... visa ao bem..." ou "visa o bem..."), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:

Assisti e gostei do filme E.

(Assisti a ... gostei de)

Por isso, o certo é dizer:

"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.

2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.

3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.

4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.

5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.

6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.

7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.

8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não __________ chamei de louco, porque __________ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-__________ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não __________ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-__________, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e __________ inteiraram

de sua decisão de ________________ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _________________ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós __________ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-__________ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não __________ satisfez. (o/lhe)

10. Eu __________ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que __________ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure __________ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, __________ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para __________ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-__________ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - __________ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _______________ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____________ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____________ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____________ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____________ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____________ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____________ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____________ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____________ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____________ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____________ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____________ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____________ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____________ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____________ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____________ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____________ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____________ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____________ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____________ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____________ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____________ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____________ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____________ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____________ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____________ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____________ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____________ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____________ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____________ nome pretendo não referir. (cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____________ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____________ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____________ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____________ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____________ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____________ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____________ podemos contar. (que/quem/com

que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____________ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____________ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____________ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____________ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____________ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____________ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C; 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23.

a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara*, e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos

indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu*, e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que

passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos à mesa". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. **(Fundação João Goulart)** No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. **(Vunesp/Fiscal de Rendas-SP)** O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ...

só o faz o (= aquilo) de que gosta. A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam*... A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.).*

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra

A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. **(Fundação Carlos Chagas)** Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema

está, então, na falta da preposição. Na opção A ("... vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem* ***em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas...". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("... a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, __________ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, __________ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, __________ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, __________ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, __________ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

... a escola deve-se preocupar com.

... a escola deve refletir sobre.

... a escola deve ser responsável **por**.

... a escola deve cuidar de.

... a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso

tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na letra A, “esconde e omite o essencial” (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, “consumado no” e “transformar o esporte... em negócio” seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto (“atingimos o ideal...”). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: “(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso”. Por isso, o certo seria dizer: “... para o jogo perigoso **a** que se entregam”.

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. (“Informei-a de que o período...”). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto (“Assistia **à** derrota...”). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** (“... chegou **a**o seu limite”). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto (“... todos reivindicam tranquilidade”). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto (“A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou

sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("... pagou **a**o seu amigo..."). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto ("...implicam benefícios futuros"). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto ("... aspiravam **à** derrota..."). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto ("... respeitaria os princípios...").

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim:

Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem "... assistir os debates...", porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e correção, quanto à norma-padrão da língua portuguesa, é:

a) O público infantil vem se apropriando a dispositivos eletrônicos cada vez mais recentemente, e estes têm dado preferência do uso privativo da internet.

b) Enquanto muitas crianças demonstram destreza em usar aplicativos em celulares, uma pequena porcentagem delas estão aptas a dar um laço nos cordões dos sapatos.

c) O estudo foi direcionado em pessoas de 9 a 16 anos, e se propôs de mostrar os hábitos que tais desenvolveram com a dedicação no uso de dispositivos eletrônicos.

d) Muitas crianças brasileiras têm a possibilidade em se conectar na internet, um terço às quais já portam de dispositivos móveis, que se comunicam com eficácia.

e) Além de averiguar ao comportamento domiciliar de adolescentes e crianças diante da internet, a pesquisa também deu enfoque no uso que os mesmos faziam da rede.

2. (TRF – 3ªR – Anal. Jud. – Biblio/2014)

Em nossa cultura, ... experiências ...... passamos soma- se ...... dor, considerada como um elemento formador do caráter, contexto ...... pathos pode converter-se em éthos.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) às – porque – a – em que

b) às – pelas quais – à – de que

c) as – que – à – com que

d) às – por que – a – no qual

e) as – por que – a – do qual

3. (TJ-AP/ Anal. Jud. – 2014)

A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) Há lugares em nossa casa ...... nos ensejam uma sensação maior de familiaridade.

b) O homem que não consegue afastar-se da terra ...... lhe serviu de berço é, em princípio, um fraco.

c) É como se houvesse naquele cantinho da sala um apelo ...... não conseguimos nos esquivar.

d) O monge medieval ...... o autor do texto alude demonstra grande sabedoria ao avaliar os homens fortes e os fracos.

e) A interpretação ...... o autor do texto dá às palavras do monge pode e merece ser discutida.

4. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Quando se dizia “*livro*”, todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens. A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

a) As janelas sob as quais foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

b) As folhas rubricadas, as quais entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

c) As urnas <u>em que</u> foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

d) Os rapazes <u>de quem</u> foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

e) O livro <u>de onde</u> retirei a citação está emprestado.

5. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

a) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

b) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

c) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

d) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

e) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

6. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Procurador Legislativo – 2014)

Ao formular uma proposta educacional .... centro estaria a ecologia, o autor do texto ressalta a importância ...... se vêm revestindo os estudos do meio.

Preenchem adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) de cujo – em que

b) pela qual no – para a qual

c) aonde o – de cuja

d) onde o – pela qual

e) em cujo – de que

7. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

a) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

b) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

c) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

d) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

e) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

8. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Odontologia – 2015)

No contexto dado, possui a mesma regência do verbo presente no segmento *A escravidão que denunciava com dureza*, o que se encontra sublinhado em:

a) *Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos...*

b) *... número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões...*

c) *... antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo.*

d) ... o Global Slavery Index *é um belo retrato da nossa miséria...*

e) *Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão...*

9. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – 2015)

O elemento em destaque está empregado corretamente em:

a) As obras de arte de que se tenta retratar a natureza, emprestam-lhe voz humana.

b) A árvore é símbolo recorrente com que fazemos uso para falar de meio ambiente.

c) A natureza, por cuja preservação lutamos, nega-se, no entanto, a ser domesticada.

d) Natureza e arte não são elementos estanques, esta faz a que melhor compreendamos aquela.

e) Cada vez mais o mundo tecnológico nos afasta da natureza em que fazemos parte.

10. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito ...

A expressão sublinhada acima preenche corretamente a lacuna existente em:

a) O novo acadêmico demonstrou grande afeição ...... compartilha das mesmas ideias literárias e aborda os mesmos temas.

b) O discurso de recepção do novo integrante do grupo deveria ser pronunciado ...... apresentasse maior afinidade entre ambos.

c) Aqueles ...... caberia manifestar apoio aos defensores da causa em discussão ainda não haviam conseguido chegar à tribuna.

d) O acadêmico, ... todos esperavam um vigoroso aparte contrário ao pleito, permaneceu em silêncio na tumultuada sessão

e) Em decisão unânime, os acadêmicos ofereceram dados da agremiação ...... desejasse participar da discussão daquele dia.

11. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip *usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra.*

Esse trecho está corretamente reescrito, respeitando-se o sentido original, em:

O projeto apoiado pelo físico

a) visa à produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos com o intuíto em lançar-lhe na órbita da Terra.

b) tem a intenção por produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à fim de lançá-los na órbita da Terra.

c) busca à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à vista de lançar-lhes na órbita da Terra.

d) aspira à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos para lançá-las na órbita da Terra.

e) objetiva à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos com o proposito a lançá-lo na órbita da Terra.

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Quanto à **regência** e à **concordância**, considere:

I. Os mal-entendidos que nem se imaginavam existir no que concerne da universalidade da música devem-se à confusão criada entre o fenômeno e a linguagem da música.

II. Constam que todos os povos cultivam formas musicais, salientando-se as que apresentam um ritmo mais batido, que nos impelem de dançar.

III. Assiste-se, nos dias de hoje, ao fenômeno da expansão abusiva de músicas comerciais, pela qual são responsáveis os ambiciosos produtores de discos e diretores de rádios.

É inteiramente adequado o emprego de todas as formas verbais SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

13. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados em:

a) O efeito de que as moças pretendem obter em suas fainas, ao fim e ao cabo realizam-se como pretendido.

b) A técnica ilusória com cuja as moças contam acaba por se mostrar favorável diante do batatal.

c) Consiste a magia das moças maoris, a cada plantação, de cantar e dançar para que se alcance os melhores resultados.

d) A magia de um rito, cuja força as moças convocam no plantio, não as deixa frustrar-se.

e) As sementeiras de batatas, de cujo plantio as moças se aplicam, estão sujeitas para com os efeitos do vento leste.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar.

Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

14. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do texto I.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" (l. 11) por **lembrei que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

As primeiras moedas, peças representando valores, geralmente em metal, surgiram na Lídia (atual Turquia), no século VII a.C. As características que se desejava ressaltar eram transportadas para as peças por meio da pancada de um objeto pesado, em primitivos cunhos. Com o surgimento da cunhagem a martelo e o uso de metais nobres, como o ouro e a prata, os signos monetários passaram a ser valorizados também pela nobreza dos metais neles empregados.

Embora a evolução dos tempos tenha levado à substituição do ouro e da prata por metais menos raros ou suas ligas, preservou-se, com o passar dos séculos, a associação dos atributos de beleza e expressão cultural ao valor monetário das moedas, que quase sempre, na atualidade, apresentam figuras representativas da

história, da cultura, das riquezas e do poder das sociedades.

A necessidade de guardar as moedas em segurança levou ao surgimento dos bancos. Os negociantes de ouro e prata, por terem cofres e guardas a seu serviço, passaram a aceitar a responsabilidade de cuidar do dinheiro de seus clientes e a dar recibos escritos das quantias guardadas. Esses recibos passaram, com o tempo, a servir como meio de pagamento por seus possuidores, por ser mais seguro portá-los do que portar dinheiro vivo. Assim surgiram as primeiras cédulas de "papel moeda", ou cédulas de banco; concomitantemente ao surgimento das cédulas, a guarda dos valores em espécie dava origem a instituições bancárias.

Casa da Moeda do Brasil: 290 anos de História, 1694/1984

15. (Cespe – Caixa – Nível Superior – 2014)

No que se refere aos aspectos linguísticos, à classificação tipológica do texto acima e às ideias nele expressas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição da preposição "a", em "a dar recibos escritos das quantias guardadas" (l. 12), pela preposição "de" manteria a correção gramatical do texto, embora acarretasse alteração de sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se

impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto ao lado e a aspectos linguísticos desse texto, como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis" (l. 8-9), a substituição dos elementos sublinhados por **ao** e **a**, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

O fator mais importante para prever a *performance* de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

17. (Cespe – FUB – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Na linha 2, a supressão do termo “em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

18. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto IV, caso a forma verbal “tiveram” (L. 10) fosse substituída por:

a) possuíram.

b) sofreram.

c) realizaram.

d) houve.

e) causaram.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de

políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; Brasil Escola. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

19. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"que vise à promoção de políticas de controle"; nesse segmento de texto 1 emprega-se corretamente a regência do verbo *visar*, que muda de sentido conforme seja transitivo direto ou transitivo indireto.

O verbo abaixo em que NÃO ocorre a mesma possibilidade de dupla regência e duplo sentido é:

a) aspirar;

b) assistir;

c) carecer;

d) chamar;

e) precisar.

20. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

De acordo com as regras de regência verbal estabelecidas pela norma-padrão da Língua Portuguesa, o elemento destacado está adequadamente empregado em:

a) Os inadimplentes infringem <u>aos</u> regulamentos estabelecidos pelas financeiras ao deixar de cumprir os prazos dos empréstimos.

b) Os comerciantes elogiaram <u>aos</u> bancos às medidas tomadas a favor de seus empreendimentos.

c) Vários executivos procuram realizar cursos de especialização porque cobiçam <u>aos</u> estágios mais avançados da carreira.

d) Os funcionários mais graduados das grandes empresas aspiram <u>aos</u> melhores cargos tendo em vista o aumento de seu poder aquisitivo.

e) Algumas grandes empresas responsáveis pelas redes sociais ludibriam <u>aos</u> princípios estabelecidos por lei ao permitir postagens agressivas.

21. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho, adaptado da revista *IstoÉ*, edição de 06.03.2013, está correto quanto à colocação pronominal, à regência e à concordância.

a) No Rio, o que se entende por zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

b) No Rio, o que entende-se de zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

c) No Rio, o que entendem-se por zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

d) No Rio, o que entende-se pela zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

e) No Rio, o que se entendem em zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensos até 2016.

22. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que apresenta, nos parênteses, regência verbal de acordo com a norma-padrão, em substituição à expressão destacada no trecho do texto, é:

a) ... empurram e **atropelam as outras** para entrar primeiro no vagão do trem (pisoteiam nas outras).

b) ...quando chega a casa já está na hora de **ir para o trabalho**. (dirigir-se no trabalho).

c) passou tardes longas **vendo pela milésima vez a segunda temporada** de "Grey's Anatomy" (assistindo pela milésima vez à segunda temporada).

d) ...e ambos **perceberam que a felicidade** é uma questão de tempo (conscientizaram-se que a felicidade).

e) ...se ela não **tivesse tanto tempo** não teria nem tempo para falar do tempo (dispusesse a tanto tempo).

23. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que reescreve a passagem – Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar – apresentando regência de acordo com a norma-padrão é:

a) Ser menino também tende a não ser fácil, principalmente se os pais se puserem a definir aquilo de que ele deve gostar e o que deve sentir.

b) Ser menino também não costuma de ser fácil, principalmente se os pais se dispõem em definir do que ele deve sentir e gostar.

c) Ser menino também corre o risco de não ser fácil, principalmente se os pais decidirem a definir o que ele deve de gostar e sentir.

d) Ser menino também implica em dificuldades, principalmente se os pais se meterem em definir naquilo que ele deve sentir e no que deve gostar.

e) Ser menino também representa dificuldade, principalmente se os pais se intrometerem de definir o que ele deve gostar e do que deve sentir.

24. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Muitos pensam em desistir _______ uma carreira, pois acreditam que não estejam aptos _______ enfrentar o difícil exame do vestibular.

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) de ... à

b) a ... em

c) em ... de

d) de ... para

e) à ... a

25. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Todos perdoavam do defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

b) Todos perdoavam o defeito para o Joaquim por não ser culpa dele.

c) Todos perdoavam ao defeito do Joaquim por não ser culpa dele.

d) Todos perdoavam o defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

e) Todos perdoavam ao defeito no Joaquim por não ser culpa dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta. Disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

26. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à norma-padrão e aos sentidos do texto.

a) As parcerias nipo-brasileiras pautam-se em cooperação para contornar as tragédias.

b) Tanto o Brasil quanto o Japão estão certos que as parcerias nipo-brasileiras renderão bons frutos.

c) A experiência do Japão mostra que não há como discordar com as parcerias nipo-brasileira.

d) A catástrofe vivida em Mariana revela de que são importantes as parcerias nipos-brasileiras.

e) Não se pode esquecer a irrelevância dos momentos de tragédia e das parcerias nipo-brasileira.

27. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes substitui corretamente aquela destacada em negrito, segundo a norma-padrão.

a) Se uma despesa avança em velocidade **incompatível com a** receita... [que não harmoniza-se da]

b) ... só há dois caminhos **para corrigir a** distorção... [que corrige-se a]

c) O orçamento de um governo é **semelhante ao** de uma pessoa comum. [comparável com o]

d) Mas quem já paga tributos (muitos) **não vê com bons olhos** tal alternativa. [não mostra-se favorável de]

e) ... o sistema ativo **é insuficiente para garantir** o funcionamento da engrenagem... [não encontra-se apto à garantir]

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. c; 4. c; 5. a; 6. e; 7. c; 8. c; 9. c; 10. d; 11. d; 12. c; 13. d; 14. C; 15. C; 16. E; 17. E; 18. d; 19. c; 20. d; 21. a; 22. c; 23. a; 24. d; 25. d; 26. a; 27. c.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração

a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).

b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.

c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição ***A*** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:

"*Os universitários leem como se assistissem* [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.

2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.

3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.

4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.

5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.

6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem [a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem... [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:

– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)

(suj.)

– Brasília é a capital do Brasil (e não *A Brasília é...*; logo, Brasília não aceita artigo). No

entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:

"Refiro-me à (= àquela) da direita."

"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

... a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *... à qual me referi*...

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória:
– preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6)
– preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9)
– preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João);

ventar é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo (forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta...")

Na frase 16, a mesma explicação (“Dedicou o prêmio [a] [x] ela”), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 (“Fiz referência à que gesticulava freneticamente”). Na 17 isso não ocorre (“A diretora aquela que me referi?”). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:

1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)

2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)

3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:

1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo *a*;
5. antes de pronomes demonstrativos *este, esta, esse, essa*;
6. com pronomes indefinidos (*alguém, nenhum...*);
7. antes de artigo indefinido (*um, uma*);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
• adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
• prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
• conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

“A medida que tomaste desagradou a todos”.

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** ("ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:

a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a *bordo*) não ocorrerá o acento.

Exemplos:

Retornaram rapidamente a casa.

Quando o navio atracou pudemos ir a terra.

No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:

Retornaram rapidamente à casa dos pais.

Iria à terra dos avós.

b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.

Exemplos:

Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)

Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo (“cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado”), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: “(Eu) fiz alusão a + a qual”. Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo a qual.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a,

mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: “Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal”.

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: “Voltei de Londres”. A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria (“Voltei de Roma”); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: “A reunião vai das cinco às seis horas”.

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa*, *batizado*, *casamento*...). O artigo, portanto, é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.

14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a; à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho “entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul”, está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam*, *permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje <u>as</u> perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria a seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo a vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam a segurança de todos.

e) Cheguei a Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento grave. Na opção A, teríamos em “responder às perguntas”, o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em “a seus flagelados” é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália* aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a*, pois *quem*, *Vossa Senhoria*, *elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _______ beira do leito, assistiu ______amiga. Hora ______hora, minuto ______minuto, sempre ______espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*, como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava ______ felicidade, mas sem ______ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a*. Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade*.

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras*, substantivo feminino, aceita artigo feminino plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de*.

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as*, o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a* + *a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas

alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("... o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o

primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a*. Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante _____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo _____ garantir as condições ideais de sobrevivência _____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a* + *a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a*, mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a*. Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies*. Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita artigo definido *a*. Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a*. Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a*. Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento

indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as*. Falta, portanto, o acento em *as* (*Destinadas a* + *as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a*. Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida*.

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a*. Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a*, o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a*, o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a*. Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _______ alguns dias, _______ diretora apresentará _______ algumas pessoas o programa.

b) _______ vários exemplares de livros _______ disposição dos que _______ secretaria indicar.

c) _______ melhor colocação receberá _______ recompensa _______ que tem direito.

d) _______ dois dias, _______ prova chega _______ banca.

e) _______ tempos, vem _______ jovem visando _______ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a* + *alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a*. Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*, tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá*. O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*, esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a*. Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca*. Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a*. Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem*, pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade*. O adjetivo *submetido*, no entanto, pede preposição *a*, mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a*. Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível*, que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) ... não seguem a instrução à risca...; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães*. Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a*. Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria*.

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a*, por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua

omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho “junto a analistas de 33 instituições”, poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em “a”, pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a*. Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus

respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que antecede o relativo *que*. Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo*, acrescentando--se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O sinal indicativo de crase está empregado corretamente em:

a) Não era uma felicidade eufórica, semelhava-se mais à uma brisa de contentamento.

b) O vinho certamente me induziu àquela súbita vontade de abraçar uma árvore gigante.

c) Antes do fim da manhã, dediquei-me à escrever tudo o que me propusera para o dia.

d) A paineira sobreviverá a todas às 18 milhões de pessoas que hoje vivem em São Paulo.

e) Acho importante esclarecer que não sou afeito à essa tradição de se abraçar árvore.

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. Em ... *presta homenagem às potências dominantes*... (1º parágrafo), o sinal indicativo de crase pode ser suprimido excluindo-se também o artigo definido, sem prejuízo para a correção.

II. O acento em “têm” (2º parágrafo) é de caráter diferencial, em razão da semelhança com a forma singular “tem”, diferentemente do acento aplicado a “porém” (3º parágrafo), devido à tonicidade da última sílaba, terminada em “em”.

III. Os acentos nos termos “excelência” (2º parágrafo) e “necessário” (3º parágrafo) devem-se à mesma razão.

Está correto o que consta em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) II e III, apenas.

3. (2014 – FCC – DPE-RS – Defensor Público)

Considerada a norma-padrão escrita da língua, afirma-se com correção:

a) Em Quanto à China, continua velada na sua longa noite, brilhando apenas para si própria, o gerúndio exprime ideia de condição.

b) Transpondo, para o discurso direto, o discurso indireto presente em ouvi o finado William Gifford Palgrave [...] perguntar ao comandante do navio que vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América, a forma obtida é: “– Comandante, que vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América?”.

c) Transposição da frase “a curiosa questão havia sido proposta seriamente para um prêmio pela Academia de Lyon” para a voz ativa gerará adequadamente a forma verbal “propusera”.

d) Em não passa [...] “de uma declamação oca, onde não há nada a colher”, o pronome “onde” está devidamente empregado, como o está a palavra que se destaca em “Gosta de falar de improviso, é aonde, na maioria das vezes, ele peca”.

e) Em “O livro merece por isso ser conservado, mas a época em que foi escrito, 1787, não permitia ainda que se pudesse avaliar a contribuição do Novo Mundo para o bem-estar da humanidade” é necessário um reparo, pois a forma “à época”, com acento indicativo da crase, é, no contexto, obrigatória.

4. (TRT – 14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

No que se refere ao emprego do acento indicativo de crase e à colocação do pronome, a alternativa que completa corretamente a frase *O palestrante deu um conselho...* é:

a) à alguns jovens que escutavam-no.

b) à estes jovens que o escutavam.

c) àqueles jovens que o escutavam.

d) à juventude que escutava-o.

e) à uma porção de jovens que o escutava.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O eixo norteador da gestão estratégica de recursos humanos é a ênfase nas pessoas como variável determinante do sucesso organizacional, visto que a busca pela competitividade impõe à organização a necessidade de contar com profissionais altamente qualificados, aptos a fazer frente às ameaças e oportunidades do mercado.

Essa construção competitiva sugere que a gestão estratégica de recursos humanos contribui para gerar vantagem competitiva sustentável por promover o desenvolvimento de competências e habilidades, produz e difunde conhecimento, desenvolve as relações sociais na organização.

A gestão deve ter como objetivo maior a melhoria das *performances* profissional e organizacional, principalmente por meio do desenvolvimento das pessoas em um sentido mais amplo. Dessa forma, o conhecimento e o desempenho representam, ao mesmo tempo, um valor econômico à organização e um valor social ao individuo.

Valdec Romero. Aprendizagem organizacional, gestão do conhecimento e universidade corporativa: instrumentos de um mesmo construto. Disponível em: <www.administradores.com.br> (com adaptações).

5. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo às estruturas linguísticas e às ideias do texto.

Na linha 2, a forma verbal “impõe” exige dois complementos: um, introduzido pela preposição “a” – por isso, o acento indicativo de crase em “à organização” –; e outro, sem preposição – de que decorre o não uso da crase em “a necessidade”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso

em 14 de abril de 2016.

6. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

No texto 1, há quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase: “vise à promoção de políticas de controle”(1), “tornando-os inacessíveis à grande massa populacional”(2), “Além disso, à medida que as cidades crescem”(3) e “que às vezes não contam com saneamento básico”(4).

Os casos de crase que correspondem à união de preposição + artigo definido são:

a) 1 e 2;

b) 1 e 4;

c) 2 e 3;

d) 3 e 4;

e) todos eles.

7. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Observa-se o respeito à norma-padrão, no que se refere ao uso do acento indicativo de crase, na seguinte frase:

a) A medicina do trabalho é uma área criada à quase dois séculos.

b) A Revolução Industrial propiciou à criação da medicina do trabalho.

c) À muitas empresas que cuidam bem da saúde dos trabalhadores.

d) Atribui-se aos médicos à responsabilidade pela saúde do trabalhador.

e) As empresas, em geral, visam à manutenção da força de trabalho.

8. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que o acento grave está empregado de acordo com a norma-padrão é:

a) É muito importante lutar contra **à** fome no país.

b) Bastantes pessoas fazem oposição **à** programas de erradicação da pobreza.

c) Temos de ser favoráveis **à** medidas que mudem a vida de todos.

d) **À** muitos anos, luta-se pelo fim da miséria.

e) A taxa de mortes por fome no Brasil é superior **à** de muitos outros países.

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o sinal indicativo da crase é obrigatório na palavra destacada em:

a) Antigamente não existiam **a** comunicação via satélite, a internet e o telefone celular, dificultando a correspondência entre as pessoas situadas em países diferentes.

b) Os processos informacionais e comunicativos dos seres estão relacionados, atualmente, **a** modernas tecnologias da informação.

c) Nos dias de hoje, a rapidez na transmissão da informação está invariavelmente associada **a** evolução da tecnologia, própria da sociedade pós-industrial.

d) Até o século passado, o sentido da palavra informação estava restrito **a** dados que eram transmitidos ao receptor com certa defasagem temporal.

e) O desenvolvimento de *hardwares* e *softwares* garante **a** operacionalização da comunicação e dos processos deles decorrentes em meios virtuais.

10. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Assim como nas locuções **a vapor** e **a bordo**, também não há acento indicativo de crase no seguinte texto de uma mensagem que está contextualizada entre parênteses:

a) Angu a baiana (cardápio de restaurante)

b) Peixe a moda da casa (cardápio de restaurante)

c) Sujeito a guincho (mensagem aos motoristas)

d) Obras a frente (mensagem aos motoristas)

e) Bem-vindo a Bahia (mensagem aos motoristas)

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, o emprego do sinal indicativo da crase é obrigatório no vocábulo destacado em:

a) O telefone celular exerce tal fascínio sobre a população que os aplicativos ligados **a** ele têm mobilizado pessoas, independentemente do nível de escolaridade.

b) O processo de desaceleração econômica mundial não causará impedimento **a** ascensão das novas

tecnologias de comunicação e informação.

c) As pessoas mais jovens (de 16 a 25 anos) assistem a cerca de uma hora **a** menos de televisão por dia do que as mais velhas (acima dos 65 anos).

d) A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2015, considerou **a** televisão o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros.

e) Os meios de comunicação começam **a** criticar o excessivo uso da internet por usuários das diversas classes sociais.

12. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O emprego do sinal indicativo de crase está adequado à norma-padrão na seguinte frase:

a) Os agricultores são expostos **à** riscos de várias naturezas.

b) Faz-se referência **à** uma porcentagem de alimentos advindos da agricultura.

c) A agricultura sustentável evita danos nocivos **à** saúde.

d) A agricultura familiar visa **à** fixar o homem no campo.

e) A agricultura familiar proporciona **à** famílias uma cesta de produtos.

13. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

O sinal indicativo da crase é obrigatório, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, na palavra destacada em:

a) O atendimento **a** necessidades de imediatismo da sociedade justifica o crescimento das formas de pagamentos digitais.

b) Os sistemas baseados em pagamentos móveis têm chamado **a** atenção pela sua propagação em todo o mundo.

c) A opção pelas moedas digitais está vinculada **a** possibilidade de diminuir as operações financeiras com a utilização do papel-moeda.

d) Algumas tendências observadas no comportamento do consumidor e nas tecnologias devem influenciar **a** infraestrutura dos bancos.

e) Os clientes tradicionais dos bancos já se acostumaram **a** utilizar suas agências para efetuar suas atividades de negócio.

14. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. ______ cena se repetiu anteontem _______ noite, _______ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) À ... à ... à

b) A ... à ... a

c) À ... à ... a

d) A ... a ... à

e) A ... à ... à

15. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Comecei ______ conversar com a aluna e entendi que caberia a mim escolher o título de seu estudo. Perguntei ______ ela o que achava de “Garruchas e punhais”. Não gostou. Então, dei outra sugestão _______ moça: “O mosteiro de tijolos de feltro”.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … a … àquela

b) à … a … àquela

c) a … à … aquela

d) à … à … aquela

e) a … à … àquela

16. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase está corretamente empregado.

a) Permite-se **à** toda criança, menino ou menina, escolher com que brincar.

b) Dá-se o direito **às** meninas de praticar caratê, por que não?

c) São crianças: não se negue **à** nenhuma delas a escolha do próprio brinquedo.

d) Não se define **à** partir de que idade se pode brincar com aparelhos eletrônicos.

e) **À** certa altura, crianças começam a jogar jogos violentos.

17. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe:

Acostumados ____________ tragédias naturais, os japoneses geralmente se reerguem em tempo recorde depois de catástrofes.

Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava ____________ viver a sua rotina.

Um tsunami chegou ___________ costa nordeste do Japão em 2011, deixando milhares de mortos e desaparecidos.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … à … à

b) à … a … a

c) às … a … à

d) as … a … à

e) às … à … a

18. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Leia o texto que se segue.

Na área ficcional, opondo-se 1__ inconsciência, ou seja, reagindo 2__ má consciência, haveremos de governar, dentro do possível, a obra em geral e, em particular, as personagens. Negaremos 3 __ personagens, honestamente, qualquer parcela de vontade. Cada uma será assim porque nos pareceu, quase sempre ao cabo de cálculos e ensaios, acréscimos e cortes, que assim devia ser; e está no relato porque foi necessário, porque julgamos oportuno dar-lhe uma função ainda que fosse 4__ de parecer disponível. Nem uma palavra lhes será disponível sem licença ou aprovação. Ainda que alguns dos seus remotos modelos possam existir fora de nós, só existem 5__ partir do momento em que nossas palavras o efetivam.

Quanto ao uso do sinal indicativo da crase, assinale a opção que preenche, de forma gramaticalmente

correta, as lacunas do texto.

a) a (1), a (2), as (3), a (4), a (5)

b) a (1), a (2), às (3), a (4), a (5)

c) a (1), a (2), as (3), à (4), a (5)

d) a (1), a (2), às (3), à (4), a (5)

e) à (1), à (2), às (3), a (4), a (5)

Gabarito: 1. b; 2. a; 3. c; 4. c; 5. C; 6. a; 7. e; 8. e; 9. c; 10. c; 11. b; 12. c; 13. c; 14. e; 15. a; 16. b; 17. c; 18. e.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro "bicho de sete cabeças", mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional. Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio

Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!

4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam “o gerente do banco” você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.
6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.
7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

“O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá.”

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

“Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta

volumes.”

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

“A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.”

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

“O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá.”

“Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.”

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc*. (“... da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc.”), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc. O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("... do maracujá etc."... do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

“Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

“Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos, retificativos, de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

“Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza.”

“O bêbado andava, isto é, cambaleava.”

“Afinal, o que tens a dizer?”

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.

14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.

15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.

16. Saia imediatamente pois quero descansar.

17. “As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

18. “As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

“Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.”

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas

vírgulas:

“Gostava da sociedade, mas não amava os sócios.”

“Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde.”

“Saia imediatamente, pois quero descansar.”

“As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá *antes* da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (*porém, contudo, entretanto, no entanto*) e conclusivas (*por isso, portanto, por conseguinte, assim*) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas,

devidamente pontuadas:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

"Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho."

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações: 1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.) Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não 2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

"Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando."

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais, no meio rural* e *geralmente* vêm deslocados de sua posição original, que é no final do

período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.

26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.

27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.

28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou

para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

“Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos.” (oração adverbial temporal desenvolvida)

“O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.” (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

“Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida.” (oração adverbial temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

“Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga.”

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após “anos”, em “Nos próximos anos, a questão da

melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes”, justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de “trabalhador” é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção “e”: “exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador”.

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade*... e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos “Tejo” e “João”. Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

“O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha.”

“João, que é um grande homem, ajuda a todos.”

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

“Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa.”

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir <u>sem vírgulas</u>. Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, <u>que se tornou uma</u>

solução simples e emblemática contra a desnutrição.

1. O trecho “que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição” está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: “Agir na paixão é embarcar durante a tempestade”.

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no “hall” do hotel.

39. Ele era considerado “persona-non-grata”.

40. Qual a “solucionática” desta problemática?

41. Achei-o muito “careta”.

Comentários:

As “aspas” da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas

nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me “como” direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi “brilhante” ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de “a vida” pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo

ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários*...), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países*, *organizações não governamentais*, *empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você,

por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a

explicação será a mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: “(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: "Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada."

8. "O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende portanto do homem insensato."

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: "O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato."

9. "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a."

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional (“se queres viver tua vida”) *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a.”

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."
2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.
3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.
4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."
5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.
6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."
7. Se dirigir não beba se beber não dirija.
8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco

candidatos.

9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.

5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.

7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.

8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.

9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.

10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.

11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.

12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.

13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "... ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra ... místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não

dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após "árabe". Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após "anfitrião", para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após "nada" é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após "hospitalidade", para intercalar "no entanto". Em "particularmente" temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em "para muitos" é facultativo. 7. E – "portanto", deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C; 14. E – A vírgula após "europeia" separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após "mestres-de-açúcar". 18. C; 19. C; 20. E – "Novamente" entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com "etc.", a tendência é usar vírgula antes do "etc." (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do "etc", a frase continua certa. Obs.2: Após o "etc." devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos*...) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração

adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto...*). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. **(TRT / 3ª Região)** O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

> A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

> O uso da vírgula antes do E
>
> Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e

Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a*

maioria dos estudantes e o da segunda oração é *seus pais.* Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**? Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro

de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência

observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago.* Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto...*).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento

mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto... É claro que erraram... O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..."; a regra

abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: “Vamos cair na real por um momento que seja”. Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo “João; José; Antônio chegaram.” Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende

dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser “uma anomalia”.

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em “é palpável:” justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis dizer com o uso do adjetivo *palpável*. Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de “diferentes” ou “esquisitas”...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser “imigrantes” inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas “naturais”.

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. No segmento *para aprofundar questões referentes à sincronicidade entre arte e ciência*, o sinal indicativo de crase deverá ser suprimido caso se substitua o elemento sublinhado por “sincronização".

II. Sem prejuízo para a correção e o sentido, o sinal de travessão pode ser substituído por dois-pontos no segmento *usufruir uma obra de Tomie Ohtake propicia uma dupla experiência – incita a reflexão...*

III. O segmento sublinhado em *que para a sua elaboração prescinde da intencionalidade* pode ser isolado por vírgulas, sem prejuízo da correção.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) II e III.

c) III.

d) I.

e) I e II.

2. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Embora o meu vocabulário seja voluntariamente pobre – uma espécie de Brasileiro Básico – a única leitura que jamais me cansa é a dos dicionários. Variados, sugestivos, atraentes, não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim.*

[...]

Na minha adolescência, todo e qualquer escritor se presumia de estilista, e isso, na época, significava riqueza vocabular... Imagine-se o mal que deve ter causado a autores novos e inocentes o grande estilista Coelho Neto: grande infanticida, isto é o que ele foi.

* aquilo que é maçante, enfadonho, aborrecedor.

(Adaptado de: QUINTANA, Mario. Dicionários. Caderno H. 7. ed. São Paulo: Globo, 1998, p.176)

Atente para as seguintes afirmações sobre o emprego dos sinais de pontuação:

I. Em *não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo ao sentido original.

II. A substituição por parênteses dos travessões que isolam o segmento *uma espécie de Brasileiro Básico* implicaria prejuízo para a correção da frase.

III. Em *e isso, na época, significava riqueza vocabular*..., a retirada da primeira vírgula acarretaria prejuízo para a correção da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I.

c) I e III.

d) II.

e) I e II.

3. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Para sobreviver, enfim, Michelangelo teve de enfrentar questões que afligem os seres humanos em qualquer tempo. Como no caso de sua resistência a trocar a escultura pela pintura, quem nunca tremeu nas bases ao ser forçado a sair de sua zona de conforto?

Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento *Com o adiamento, Michelangelo recebeu um prêmio de consolação: pintar o teto de uma capela de uso reservado*..., os dois-pontos introduzem um esclarecimento.

II. Sem prejuízo do sentido, podem ser suprimidas as vírgulas do segmento: *O artista, que se considerava um escultor, cortava de forma peremptória*...

III. No terceiro parágrafo, o sinal de interrogação pode ser suprimido por se tratar de uma pergunta retórica.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) II e III.

b) I e II.

c) I.

d) II.

e) I e III.

4. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

a) Já trocamos, uns cinco *e-mails* e uns dez recados, pelo celular.

b) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno.

c) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo.

d) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão.

e) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha.

5. (FCC – Metrô-SP – Agente de segurança – 2015)

Minha hipótese, caso correta, tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio, do outro lado teria que existir o Grand Chef, o criador do menu.

As frases abaixo referem-se à pontuação do texto.

I. Com as devidas alterações, no segmento...*tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio*..., pode-se substituir o ponto final por dois-pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

II. Na frase *Ora, Alfredo, deixe de filosofar e escolha logo o prato*, o termo sublinhado pode ser substituído por uma vírgula.

III. No segmento ...*e estavam na varanda do Bar Lagoa, de onde se pode ver um cantinho de céu*..., pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após estavam.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) I.

c) I e II.

d) II e III.

e) III.

6. (FCC – TJ-AP – Analista Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere as seguintes frases:

I. Ele ama os poemas de cordel, com que teve contato desde pequeno.

II. Respeito os autores de cordel, que normalmente não se preocupam com o grande mercado.

III. Ainda ontem de manhã, passei horas examinando os folhetos expostos na feira.

A supressão da vírgula ALTERA o sentido do que está APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I.

e) II.

7. (FCC – TCE-GO – Analista de Controle Externo – 2014)

O pesquisador explica que os sistemas de integração e de plantio direto promovem benefícios vitais para o solo. Já o sequestro do carbono contribui para diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Quando a terra é arada os restos são incorporados e os micro-organismos que decompõem esses restos morrem sem alimento e o carbono vai para a atmosfera. "Quando se deixam nutrientes no solo, os micro-organismos aumentam para decompor os nutrientes e ficam na terra se alimentando."

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após

a) "carbono", em *Já o sequestro do carbono*...

b) "arada", em *Quando a terra é arada*...

c) "aumentam", em *os micro-organismos aumentam*...

d) "explica", em *O pesquisador explica*

e) "micro-organismos", em *os micro-organismos que decompõem esses restos*

8. (FCC – METRÔ-SP – Administrador – 2014)

Atente para as seguintes frases:

I. Numa viagem de metrô, sentimos que o próprio tempo parece acelerar.

II. Ele prefere evitar o metrô, por conta de sua tendência claustrofóbica.

III. Ele optou pelo horário do metrô, que lhe parece mais conveniente.

A supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido do que está APENAS em :

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

9. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Consultor Técnico Legislativo – Informática – 2014)

Na redação das frases seguintes, a supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido APENAS do que está em:

I. Neste texto, o autor avalia a importância da memória na representação ficcional.

II. As crianças, atingidas por traumas e embaladas por sonhos, guardam consigo a matéria da ficção.

III. A infância, rica como inferno ou como paraíso, tem inspirado contos e romances da mais alta expressão.

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

10. (FCC- TRF – 3ª REGIÃO – Analista Judiciário – Informática – 2014)

Considere as frases abaixo.

I. Ao se suprimirem as vírgulas do trecho *A dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana*..., o verbo deverá ser flexionado no plural.

II. Na frase *Georges Canguilhem acrescenta que ela é um estado de "inconsciência em que o sujeito é de seu corpo"*, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após *inconsciência*, sem prejuízo para a correção.

III. Na frase *De fato, na vida cotidiana o corpo se faz invisível, flexível; sua espessura é apagada pelas ritualidades sociais*..., o ponto e vírgula pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido

original, por dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I e II.

e) I.

11. (FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo – 2015)

O elemento que NÃO é um pronome está sublinhado em:

a) E a fortuna daqueles <u>que</u> a encontram

b) Porque o Tejo não é o rio <u>que</u> corre...

c) Para aqueles <u>que</u> veem em tudo...

d) Ninguém nunca pensou no <u>que</u> há...

e) O Tejo é mais belo <u>que</u> o rio...

12. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O acréscimo de uma vírgula após o termo sublinhado não altera o sentido nem a correção do trecho:

a) A ideia de cidade inteligente sempre <u>aparece</u> relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.

b) Há experiências importantes em cidades <u>brasileiras</u> também.

c) ... uma <u>parte</u> prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto...

d) ...outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de <u>dados</u> abertos por entidades e empresas.

e) Contudo, existem <u>estudos</u> que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

13. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O segmento que se estende de uma planície inundada até uma bruma nacarada (3º parágrafo) constitui explicação do termo antecedente, de maneira que poderia ser iniciado por “que é”, sem prejuízo para o

sentido.

II. Neste mesmo segmento, as vírgulas poderiam ser substituídas por ponto-e-vírgulas, uma vez que se trata de uma sequência de características atribuídas a um mesmo termo.

III. No mesmo período, a oração iniciada por emergindo pode tanto subordinar-se a assemelha-se como a Terra.

Está correto o que consta em

a) III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: “Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?”. Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. “Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia...” Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de

qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber “que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha”.

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

14. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem prejuízo para a correção e o sentido, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após o termo

a) “E”, em E se o rompimento não foi universal... (2º parágrafo)

b) “Mas”, em Mas não é bom usar de qualquer recurso... (3º parágrafo)

c) “e”, em ... se assusta e foge logo (3º parágrafo)

d) “Mas”, em Mas foi com o samba que João Gilberto... (2º parágrafo)

e) “Mas”, em Mas como, Chico, mais um samba? (1º parágrafo)

15. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

a) *Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade*... (2º parágrafo)

b) *Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem*... (1º parágrafo)

c) *Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa*... (2º parágrafo)

d) ... *como precipitada, entre nós, de que estaria morto*... (2º parágrafo)

e) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz*... (2º parágrafo)

16. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere as afirmações acerca da pontuação.

I. O acréscimo de uma vírgula antes do termo sublinhado não altera o sentido do trecho: *Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas* <u>*que*</u> *não tinham contato com a civilização*...

II. O termo sublinhado pode estar entre vírgulas sem prejuízo para a correção gramatical do trecho: *Rondon contribuiu* <u>*também*</u> *para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país*.

III. As vírgulas sinalizam uma enumeração no trecho: ... *levantou dados e informações de mineralogia,*

geologia, botânica, zoologia e antropologia.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) III, apenas.

17. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação empregada no texto:

a) Os travessões presentes no 1º e no 2º parágrafos precisam ser todos substituídos por sinais de dois-pontos.

b) O sinal de interrogação em *até que ponto?* (1º parágrafo) está servindo a uma pergunta retórica, cuja precisa resposta já é sabida.

c) A vírgula na expressão *Ao que tudo indica*, (2º parágrafo) é excessiva e prejudica o sentido da frase.

d) O ponto e vírgula em *"falas" determinadas*; (3º parágrafo) pode dar lugar ao emprego alternativo de uma vírgula.

e) A expressão, *em parte*, (3º parágrafo) não pode ser empregada entre vírgulas, neste contexto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de

encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: “Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227”. Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

18. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item, a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

No período “Tanto que, quando (...) momento de hesitação” (l. 8-9), o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

19. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue.

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após “biblioteca” (l. 4-5) introduz um termo de natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

20. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso o termo “em casa” (l. 11) fosse isolado por vírgulas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está “completa, inteira, perfeita, sã”, no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

21. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Ainda com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente.

O trecho “e também” (l. 15) poderia ser corretamente isolado por vírgulas, recurso que lhe conferiria ênfase.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

22. (CEF – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto.

Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após "centrais" (l. 25) fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

23. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente, relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora,

Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No segundo quadrinho, a retirada da vírgula logo após “felicidade” modificaria a relação semântica e sintática entre essa palavra e o trecho “a qual é meu direito inalienável” e afetaria a coerência da argumentação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

24. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto.

A inserção de vírgula logo após o vocábulo “encontrada” (l. 12), além de preservar a correção gramatical do texto, daria ênfase à informação contida no trecho “as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada” (l. 11-12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora),

ao perceber que a tradução brasileira de seu livro **Um homem** (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em **Um homem**, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto

privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

25. (IRB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (C ou E) o seguinte item.

Na linha 2, as vírgulas que isolam o termo "patética" foram empregadas para enfatizar o atributo de "exclamação", mas a supressão dessa pontuação manteria a correção gramatical do trecho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

26. (CEF – Nível Superior – Cespe – 2014)

No primeiro parágrafo, quatro períodos são iniciados por elemento adverbial, o que justifica a colocação de vírgula logo após "colonial" (L. 1), "seguinte" (L. 3), "1824" (L. 5) e "(1937-1945)" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

27. (FUB – Nível Médio – Cespe – 2014)

Em relação ao fragmento de texto acima, julgue o próximo item.

O emprego de vírgula após “Índia” (l. 5) justifica-se por isolar adjunto adverbial anteposto, deslocado de sua posição tradicional.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: “Ordem e um Novo Progresso”. Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

28. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto acima, julgue o item a seguir.

Na linha 2, o elemento “que” tem a função de restringir o sentido das expressões que o antecedem, a saber, “ideias” e “discussões”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

O conhecimento da especificidade da matriz energética brasileira é importante para o entendimento dos parâmetros que influenciam a visão da indústria brasileira sobre mudança do clima. Isso é particularmente relevante, uma vez que 75% das emissões de gases de efeito estufa (GEE) no Brasil são relacionadas ao uso da terra. A energia consumida no processo de produção industrial representa uma pequena parcela do total de emissões de GEE no Brasil. Esse fato deve ser levado em consideração para o dimensionamento da contribuição do setor industrial brasileiro aos esforços de mitigação.

No Brasil, apenas 8,8% das emissões de GEE são provenientes das atividades industriais. Isso reflete, em boa medida, a composição da matriz energética da indústria e se aplica, inclusive, aos setores industriais identificados na economia global como os de maior potencial de mitigação. A matriz energética brasileira é um ativo; um relevante ponto de partida para a formulação de posições nas negociações de mudança climática. A participação de energias renováveis na indústria brasileira é de 45%, enquanto a média mundial é de apenas 14%. A meta dos demais países é atingir 20% de fontes renováveis em 2020. Os números do Brasil são fatores positivos para a competitividade e a participação do Brasil nas negociações sobre mudança do clima.

Mudança do clima: uma contribuição da indústria brasileira. Brasília: CNI, 2009. Disponível em: <http://arquivos.portaldaindustria.com.br>. (com adaptações).

29. (INPI – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item que se segue, relativo à estrutura linguística do texto.

A inserção de uma vírgula logo após o adjetivo “brasileira” (l. 2) não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais.

Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural – pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor). Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

– Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: *Arte e ciência de roubar galinha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

30. (CGP/PI – Auditor – Cespe – 2015)

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

No trecho “ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho” (l. 7), o elemento “que” introduz oração de natureza restritiva, intercalada por estrutura de valor adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 31.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “situado e temporalizado”. A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse “ser situado e temporalizado” e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

31. (MEC – Nível Superior/Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto acima.

No primeiro parágrafo, a substituição dos travessões por parênteses (l. 4 e 5) manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 32.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados à ciência de dados, em especial ao *big data* e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

32. (FUB – Nível Médio/Superior – Cespe – 2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir.

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical entre as orações ao substituir o sinal de dois-pontos (l. 7) por ponto-e-vírgula ou vírgula.

33. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016 – Adaptada)

Assinale a opção correta a respeito dos aspectos linguísticos e dos sentidos do trecho a seguir: "*Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente*".

a) A substituição de "dar lugar" por **substituir** preservaria o sentido do trecho.

b) O pronome "que", em "que (...) ao menos são locais mais adequados", refere-se a "aterros sanitários".

c) A supressão da vírgula empregada logo após "sanitários" preservaria o sentido do trecho.

d) O sujeito da forma verbal “representam” é a expressão “Os lixões”.

e) Seria preservado o sentido do trecho caso a expressão “ao menos” fosse deslocada para imediatamente após “adequados”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

34. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto IV caso fosse suprimida a vírgula empregada logo após:

a) “demográfico” (L. 7).

b) “renda” (L. 2).

c) “comum” (L. 5).

d) “metrópole” (L. 9).

e) “redemocratização” (L. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que "pusessem de lado" seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem "exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar". O dilema com que se defronta o mundo é "claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?".

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de "autodefesa antecipada" sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos — uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

35. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, o sinal de dois-pontos empregado logo após "incontornável" (l. 5) introduz

a) uma expressão que o autor desejou realçar.

b) uma enumeração.

c) uma citação.

d) um esclarecimento acerca do que foi enunciado anteriormente no período.

e) uma exemplificação.

Leia o texto a seguir para responder às questão 36 e 37.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo "caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, "caráter" tanto é o tipo da

imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é "o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de

Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

36. A inserção de uma vírgula logo após “impossível”, em “um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança” (l. 41), obrigaria à interpretação de que todo mal de amor impossível leva a alma a tal consequência.

37. No período “Ganhou com isso (...) um eco natural” (l. 46-47), o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por um travessão, sem que o sentido do texto e sua correção gramatical fossem prejudicados.

Leia o texto a seguir para responder à questão 38.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

“Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado”.

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez

com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

38. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 6º parágrafo (l. 20), os dois-pontos cumprem o papel de anunciar uma

a) causa

b) distinção

c) enumeração

d) justificativa

e) exemplificação

39. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Uma reescritura possível para o período “Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos”, alterando-se a pontuação, mas preservando-se o seu sentido, está adequadamente apresentada em:

a) Perguntaram-me, uma vez se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

b) Perguntaram-me, uma vez, se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

c) Perguntaram-me uma vez, se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

d) Perguntaram-me uma vez se, eu, saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

e) Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui, a vinte e cinco anos.

40. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em “Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome”, os dois-pontos cumprem o papel de introduzir uma

a) enumeração

b) explanação

c) retificação

d) especificação

e) contradição

41. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

O emprego de duas vírgulas tem, entre outras, a função de isolar expressões que detalham uma informação anterior, como em “o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI”.

As vírgulas foram utilizadas com a mesma função em:

a) “definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica”

b) “seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos”

c) “fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico”

d) “identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las”

e) “aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade”

42. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Do trecho “Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar”, a única reescritura que emprega adequadamente os sinais de pontuação e não altera seu sentido original é:

a) Meu pai acreditava que, todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

b) Meu pai acreditava, que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

c) Meu pai acreditava que todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

d) Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer, uma cura de banhos de mar.

e) Meu pai, acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

43. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

A vírgula foi utilizada de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Nos últimos tempos, nota-se que bens de consumo como celulares e computadores, que eram artigos de luxo estão ao alcance do povo, da maioria da população.

b) É importante que, em todos os bairros das grandes e pequenas cidades a internet seja considerada o principal meio de comunicação existente na atualidade.

c) As novas tecnologias da comunicação e da informação, já existem há algum tempo e só nos últimos anos começaram a expandir e influenciar na vida da sociedade.

d) A internet não pode ser considerada uma ferramenta perfeita porque, se não for utilizada corretamente, acarreta consequências prejudiciais às pessoas.

e) O prestígio da internet é tão grande que, se ela desaparecesse muitas pessoas ficariam desempregadas pois empresas seriam fechadas.

44. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Os seguintes trechos tiveram sua pontuação alterada.

A alteração que **NÃO** respeita a norma-padrão é:

a) responderia "A primeira alternativa". [...] *responderia*: "*A primeira alternativa*".

b) quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno, daqueles com música ambiental, diria [...] *quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno (daqueles com música ambiental) diria*

c) Pode-se imaginar que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio [...] *Pode-se imaginar, que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio*

d) Era certamente a mais tediosa das profissões [...] *Era, certamente, a mais tediosa das profissões*

e) Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo. [...] *Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista, entediado, chegaria fatalmente ao preciosismo*.

45. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A vírgula está empregada de acordo com a língua escrita padrão em

a) As agências, bancárias das pequenas comunidades prestam serviços aos moradores.

b) Os moradores poderão agora pagar as suas contas de água de, luz e gás encanado.

c) As lojas da comunidade vendem roupas, alimentos e material de construção mais baratos.

d) As oficinas de capacitação profissional e economia, doméstica melhoraram a vida de todos.

e) Os trabalhadores fizeram empréstimos para construir, casas de alvenaria de dois andares.

46. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a passagem – Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido – está reescrita sem prejuízo de sentido e com a pontuação de acordo com a norma-padrão.

a) Ele percebeu, ao se conhecerem, que não adiantava correr atrás do tempo, pois o tempo sempre vai correr mais rápido.

b) Tão logo se conheceram, ele percebeu que: não adiantava correr atrás do tempo, portanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

c) Ele percebeu que tendo-se conhecido, não adiantava correr atrás do tempo, visto que, o tempo, sempre, vai correr mais rápido.

d) Assim que se conheceram ele percebeu: que não adiantava correr atrás do tempo; entretanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

e) Conhecendo-se ele percebeu que, não adiantava correr atrás do tempo, contanto que o tempo sempre vai correr mais rápido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 47.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre “As vantagens de ser mãe de menina” ou “Por que é bom ser mãe de menino”: “meninos não têm frescura”, “meninas são mais delicadas”, “eles são mais corajosos”, “elas são mais choronas” e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a

ideia de que os meninos são mais “aventureiros” e “danados” e as meninas mais “cuidadosas”. Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que “tudo bem” as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. “Esse brinquedo é de menina”, alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o “engano” ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade unissex, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: “Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?”. E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: “As vantagens de ser mãe de uma criança feliz”. É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre “coisas de menino” e “coisas de meninas”. Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

47. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Observe as expressões colocadas entre aspas:

“As vantagens de ser mãe de menina”/ “Por que é bom ser mãe de menino”: “meninos não têm frescura”, “meninas são mais delicadas”, “eles são mais corajosos”, “elas são mais choronas” (1º parágrafo); – “Esse brinquedo é de menina” (4º parágrafo).

É correto afirmar que, no contexto em que estão empregadas, as aspas sinalizam

a) a citação das opiniões da própria autora acerca dos fatos narrados.

b) referências a situações concretas que a autora afirma serem verdadeiras.

c) comentários de pessoas não identificadas, os quais sustentam as opiniões da autora.

d) a intenção de expor ideias compatíveis com as atitudes tomadas pela autora.

e) a expressão de pontos de vista não compartilhados pela autora.

48. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de vírgulas e à colocação do pronome destacado.

a) Ali, só havia pias rosa e lilás, o que não deixava-nos dúvida de que o brinquedo era fabricado, para meninas.

b) Cheia de boa vontade a vendedora, alertaria-nos que um certo brinquedo, “era de menina”.

c) Na minha casa lavar louça, é uma atividade unissex, por isso, conclui-se que brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim.

d) O meu filho, uma vez, em uma loja de brinquedos, empolgou-se ao ver uma pia que funcionava de verdade.

e) Como para o meu filho, rosa é, apenas uma cor, ele saiu da loja feliz da vida com a pia, carregando-a nos braços.

49. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma-padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.

c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.

d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.

e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.

50. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à regência, de acordo com a norma-padrão.

a) De forma mais lenta, reagem, o emprego e o mercado de crédito, ante a mudança de direção da economia.

b) O emprego e o mercado de crédito, reagem na mudança de direção da economia de forma mais lenta.

c) O emprego e o mercado de crédito reagem, de forma mais lenta, para a mudança de direção da economia.

d) Reagem à mudança de direção da economia, de forma mais lenta, o emprego e o mercado de crédito.

e) Diante a mudança de direção da economia reagem o emprego e o mercado de crédito, de forma mais lenta.

51. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Na passagem – Casara-se com d. Laura, que [....] era mais inteligente e instruída que ele –, emprega-se a vírgula para indicar uma

a) conversa entre as personagens do conto.

b) conclusão sintetizando as divergências entre as personagens.

c) explicação quanto às qualidades de d. Laura.

d) correção relativa à personalidade de d. Laura.

e) citação contendo o pensamento de Garcia.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. d; 5. c; 6. a; 7. b; 8. e; 9. b; 10. c; 11. e; 12. b; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. d; 18. C; 19. C; 20. E; 21. E; 22. C; 23. C; 24. E; 25. C; 26. C; 27. C; 28. C; 29. E; 30. C; 31. C; 32. C; 33. e; 34. a; 35. c; 36. C; 37. C; 38. c; 39. b; 40. d; 41. a; 42. a; 43. d; 44. c; 45. c; 46. a; 47. e; 48. d; 49. a; 50. d; 51. c.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se deslocadas, devem ficar entre vírgulas. (“João chegou tarde, porém saiu cedo.”/ “João chegou tarde; saiu, porém, cedo.”)

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. (“João saiu cedo, e Maria chegou em seguida”/”João estudou, e não passou”) Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida (“João chegou e ligou para sua mãe”).

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. (“Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar” ou “Ontem meu tio veio com a família me visitar”)

- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. (“Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou”)
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas (“Se chegar cedo, ligue-me”) e as orações adjetivas explicativas (“O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal”).

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

“Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças.” (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

“A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer.”

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

“A crise mostra que a velha esquerda não tem programa.”

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra *se*

Agora vamos ao SE?

1. Pronome reflexivo

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. Pronome recíproco

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. Pronome apassivador

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. Índice de indeterminação do sujeito

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. Parte integrante do verbo

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. Conjunção

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. Substantivo

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. Partícula expletiva (ou de realce)

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode

causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1)

1º que (l.2)

2º que (l.2)

---

que (l.8)

---

que (l.10)

---

que (l.12)

1º que (l.13)

2º que (l.13)

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo “sucateadas”. Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1)

2º se (l.1)

---

se (l.2)

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1)

---

se (l.2)

---

se (l.3)

---

que (l.4)

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(...) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente “as elites”. Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação “da elite”. Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos,

professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de “elite”, os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1)

____

2º que (l.1)

____

que (l.5)

____

Que (l.6)

____

que (l.7)

que (l.9)

que (l.10)

que (l.11)

que (l.12)

1º que (l.13)

2º que (l.13)

que (l.15)

se (l.16)

1º que (l.17)

2º que (l.17)

Se (l.19)

Que (l.20)

---

que (l.21)

Se (l.24)

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.

Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.

Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO

NO FINAL)

1. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Considere os seguintes trechos:

I. *E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo*.

II. *Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos*.

III. *Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora*.

IV. *As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro.*

O termo “que” é pronome e pode ser substituído por “o qual” APENAS em

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e IV.

d) I e IV.

e) III e IV.

2. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando...”; a frase abaixo em que as duas ocorrências do vocábulo QUE pertencem à mesma classe gramatical é:

a) “Alma grande é aquela que percebe que o cachorro está com fome e lhe dá de beber” (La Serna);

b) “O arqueiro que ultrapassa o alvo falha tanto como aquele que não o alcança” (Montaigne);

c) “Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que dentro em breve daí pode resultar” (Maquiavel);

d) “Não há encosta, por mais íngreme que seja, que duas pessoas juntas não possam galgar” (Ibsen);

e) “As pessoas vaidosas dizem o que pensam para os outros pensarem que elas sabem mais” (Nouailles).

3. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

“As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc”.

Nesse segmento, o vocábulo SE apresenta a função de partícula apassivadora; a frase abaixo em que as duas ocorrências desse vocábulo exercem essa mesma função é:

a) “Para o homem só há três acontecimentos: nascer, viver e morrer. Ele não se sente nascer, sofre morrendo e se esquece de viver” (La Bruyère);

b) “O açúcar seria caro demais se não se fizesse cultivar a planta que o produz por escravos” (Montesquieu);

c) “E se Adão não tivesse resistido àquela operação nas costelas a que tão prematuramente se submeteu?” (Eno T. Wanke);

d) “O amor é uma arte que nunca se aprende e sempre se sabe” (Galdós);

e) “Não ensines a teu aluno toda a tua ciência. Quem sabe se ele amanhã não se tornará o teu inimigo”? (Saadi).

4. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

“No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação...”; a função do pronome SE, nesse segmento, se repete na seguinte frase:

a) “Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores” (Marquês de Maricá);

b) “O aborto é perigoso, porque, se fracassa, pode produzir uma criança” (Sofocleto);

c) “Meu desejo sincero seria que nossa Academia Brasileira não se esquecesse tanto de que é também de... letras” (Afonso Arinos);

d) “Envergonhar-nos-íamos frequentemente de nossas ações mais belas se o mundo visse os motivos que as produzem” (La Rochefoucauld);

e) “Ao lermos os grandes autores, temos a impressão de que todos se conheceram uns aos outros” (Elias Canetti).

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. d; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão “é que”.

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a um substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

Na sua mente povoa só maldade.

Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

“Enterrar uma agulha na pele.” (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

Ex.: Morreu o presidente.

Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade expressiva.

Ex.: Ver com os próprios olhos.

A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

Ex.: “No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho.”

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do

pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5. **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7. **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve

picada – as cores brasileiras

da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)

No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:

a) zeugma.

b) pleonasmo.

c) anáfora.

d) elipse.

e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:

a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.

b) Por estar com sede, bebeu três copos.

c) Eu, parece-me que vou mal.

d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.

e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.

b) hipérbole.

c) eufemismo.

d) metonímia.

e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.

b) metáfora.

c) hipérbole.

d) metonímia.

e) silepse.

5. (Cesgranrio) “Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final”, no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.

b) onomatopeia.

c) eufemismo.

d) comparação.

e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos “Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão”, há:

a) antítese.

b) comparação.

c) eufemismo.

d) metáfora.

e) metonímia.

7. (Cesgranrio) “Nike renova com a CBF até 2018.”

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.

b) hipérbole.

c) metáfora.

d) hipérbato.

e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.

c) metonímia.

d) hipérbole.

e) personificação.

9. (Cesgranrio) "Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)"

Há entre os vocábulos grifados uma relação:

a) pleonástica.

b) irônica.

c) metafórica.

d) antitética.

e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição

que pode vir escrita em prosa ou em verso.

2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.
7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história

que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex.[1]: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

“Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!”

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos (“A mulher <u>foi passear</u> na capital. Após um tempo, o marido dela <u>recebeu</u> um telegrama.”) e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. (“O crime ocorreu no domingo. <u>Dias depois</u>, os jornais já noticiavam.”)

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– *Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma*

pensadinha e perguntou: – E o menino?

– Ah! – falou o índio – menino é merenda!”

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo “personagem” se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes (“nós podemos concluir o que ela poderia estar pensando...”), do uso do presente genérico (“sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade”), comentários sobre o fato narrado (“descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava”) ou até interpelando diretamente o leitor (“Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos”). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira (“Já contei algumas vezes esta história”) ou de terceira pessoa (“A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu”).

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A*

história é contada em 1ª *pessoa.*

Ex.: “Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama.”

b) ***Narrador observador****: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em* 3ª *pessoa.*

Ex.: “O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue.”

c) ***Narrador onisciente****: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.”

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A seguir, a análise de cada um deles:

- Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

(“disse”, “falou”...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: “– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d’água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho.”

- Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens (“dizer”, “afirmar”, “perguntar”, “responder” etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: “Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite.”

- Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: “Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve ardor nos olhos. Não quero morrer!”

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo

relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: “Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido.” (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem

na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: "A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.

2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.

3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.

4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.

5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.

6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.

7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: “Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta.” (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: “O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de

almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo.” (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: “Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos.” (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica (“Cheguei em casa...”). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes

(“minha mulher jogando paciência”, “minha filha no quarto treinando empostação de voz”, “a copeira servia à francesa”).

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

- Descrição objetiva

“A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.” (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

- Descrição subjetiva

“Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada.

Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja.” (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: “Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes.”

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: “A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta

vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.” (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: “Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica.” (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas

do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão...).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.: Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades

limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Ex.: “Viver ‘plugado’ a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.”

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo (“melhor”, “insubstituível”). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

“O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus “direitos” de

expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a

ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do

estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal – o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.*

– ***3º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo (“mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários”), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: “o leitor não é figura*

unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.

– **Conclusão do texto***: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".*

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*

2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*

3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*

4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma*

correlação lógica entre os fatos.

5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.*

6. *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: “A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo

estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.” (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: “Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas.”

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – “Noventa e sete por cento das

espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o

Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.

2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.

3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.

5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um

assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.

6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada..."; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por..."; "O texto lido poderia ser classificado como..."; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é..."; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como..."; "A finalidade principal desse texto é a de..."; "O objeto maior do texto é...", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal*.

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: “Entrem imediatamente!”

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX*

e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.

Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

Resposta: texto dissertativo.

3. "*No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. [...] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. [...] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo.*"

Comentários: O autor expõe o que sabe a respeito de um tema – a importância dos gatos na sociedade, no decorrer da história. Apesar de parecer que se está narrando, contando uma história, o que se vê é a análise de um tema, ao longo do tempo.

Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.*

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5. *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina. Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse*

esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. [...] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. [...]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)*

   Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

   Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.*

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial

serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. "*Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias.*"

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. "*A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos*

outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. [...] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende*

certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema*

filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam

no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

    Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam ...com a propaganda ... do efeito das drogas".

    Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

    Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

    Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As*

favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas

que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.*

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar. No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das*

decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.*

    Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no ofício).

    Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais*

aquinhoada em favor dos que têm pouco.

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus*

panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição (“A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça”). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o

projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...*

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor).

Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas...", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.*

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto...é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o*

pensamento.

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café esfrie.*

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um

ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo (“acordo”, “ofereço-lhe café”, “ele suspira exausto”, “começa a barbear-se”).

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo (“entrou em entendimento”, “começou a descascar”), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a “infraestrutura” de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de transparecer características descritivas – "os olhos do velho orvalhados", "um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante".

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça

doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – “assustou-se”, “franziu as ventas”, “estranhou a ausência” – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto aos aspectos externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas (“O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.”).

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – “lançou um olhar”, “quebrou o laço”, “impeliu-a para a terra”, “fendeu rapidamente”. Presença de características descritivas – “um olhar de desespero”, “o laço que prendia a canoa”.

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma

personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – “preto risonho”, “manso por fora” –, mas também psicológicas – “espinhento por dentro”.

Resposta: texto descritivo.

55\. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista (“deve ser sincero como uma religião.”).

Resposta: texto dissertativo.

56\. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57\. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.*

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.*

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com*

os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde

lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí...

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda “A Santa Cruz da Estiva”, quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

   a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

   b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

   c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de

conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*...). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador*/ *rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos. Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

> Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

“Bacanas teus óculos”, falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: “Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de

miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...”, compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar “se achando”.

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) “Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,”

b) “‘Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...’”

c) “Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista.”

d) “ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau.”

e) “É, era ele mesmo – o editor.”

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves*, *classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico

dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos...*), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas*

de pessoas feridas...). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

> Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua.

Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado.

De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí...

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil*. Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo

existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o

texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 ... POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e

países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que “enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo”.

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo “vamos reduzir a perda de espécies”, “reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos”, e “reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras”. Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e

legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm

estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos “não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade”, bem como “a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade”.

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família,

com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) “Há dessas reminiscências.”

b) “Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória.”

c) “A vida é cheia de tais convivas.”

d) “Não, não, a minha memória não é boa.”

e) “Quantas ideias finas me acodem, então.”

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à

produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial-de-liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar--se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO COMENTADO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO

O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:

a) verso / prosa.

b) poesia / informação.

c) sensibilidade / verdade.

d) vocábulos formais / vocábulos informais.

e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO

Fernando Sabino

Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.

b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.

c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.

d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.

e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.

b) da descrição para a narração.

c) do impessoal para o pessoal.

d) do geral para o específico.

e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.

b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.

c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.

d) expressar o ponto de vista do narrador.

e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:

a) comiseração.

b) remorso.

c) revolta.

d) desprezo.

e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como

pergunta retórica é:

a) “Quem nunca viu um menor abandonado?”.

b) “Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?”.

c) “Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?”.

d) “Resolveria o seu problema?”.

e) “(Resolveria) A injustiça social?”.

Texto IV

DA “LIVRE MANIFESTAÇÃO” AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: “Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo”.

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus “direitos” de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão “livre manifestação” aparece entre aspas para:

a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.

c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.

d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.

e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:

a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.

b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.

c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.

d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.

e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) dissertativo expositivo.

d) dissertativo polêmico.

e) dissertativo informativo.

Texto V: "As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: "As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:

a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.

b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.

c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.

d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.

e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;
- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.

b) objetividade e cientificismo.

c) autoridade e sentimentalismo.

d) suspense e negativismo.

e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.

b) denunciar a poluição ambiental.

c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.

d) mostrar soluções para o problema do lixo.

e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.

b) denúncia.

c) acusação.

d) crítica.

e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.

b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.

c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.

d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.

e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação “Agência Nacional de Vigilância Sanitária” em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:

a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.

b) em textos informativos não se usam abreviaturas.

c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.

d) o texto pretende enfatizar o poder legal.

e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos tipos:

a) didático/informativo.

b) informativo/normativo.

c) normativo/publicitário.

d) publicitário/expressivo.

e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:

a) objetividade e precisão.

b) abordagem de algo desconhecido do leitor.

c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.

d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.

e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.

b) todo produto a ser anunciado requer isso.

c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.

d) apela para o gosto estético do leitor.

e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. “Explicar o que é, como funciona...”; os dois tipos de textos a que se alude

nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.

b) publicitário, informativo.

c) informativo, instrucional.

d) instrucional, didático.

e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.

b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.

c) didático, pois ensina o que é um outdoor.

d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.

e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.

b) o livro didático é rico em ensinamentos.

c) o dicionário é rico em definições.

d) a bula de remédio é rica em informações.

e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar

alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .

b) 2º .

c) 3º.

d) 4º.

e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é “Água insalubre”. Sabendo-se que “insalubre” significa “nocivo à saúde”, pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.

b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.

c) o adjetivo “insalubre” contradiz o conteúdo do texto.

d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.

e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.

b) informativo.

c) normativo.

d) preditivo.

e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante

dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. “Nada tem de poética a história que vou contar”; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.

d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.

e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas “primitivas” se encontram, ainda hoje, nesse “grau zero” – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. “Um”, “dois” e... “muitos” constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois “nomes de números” propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: “É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!”

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.

b) comprovar.

c) informar.

d) contradizer.

e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush

ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.

b) expositivo de tom crítico.

c) informativo de base argumentativa.

d) descritivo de situação.

e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era

metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) "Mas agride o que o ser humano tem de melhor".

b) "Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".

c) "Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".

d) "Fico então com as desvantagens".

e) "Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.

b) descritivos.

c) narrativos.

d) dissertativos expositivos.

e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente,

pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.

b) reprovação / aceitação.

c) aprovação / reprovação.

d) indiferença / arrependimento.

e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.

b) realização X arrependimento.

c) aceitação X condenação.

d) primeira pessoa X terceira pessoa.

e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.

b) demonstrar a correção do pensamento da autora.

c) mostrar que a preocupação da autora é universal.

d) indicar que sua preocupação é válida.

e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados

Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.

b) narrativo.

c) informativo.

d) argumentativo.

e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material

combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular.

b) informar.

c) explicar.

d) ensinar.

e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS “IS”

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e

disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.

b) publicitário.

c) didático.

d) informativo.

e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera,

inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.

b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.

c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.

d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.

e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas

primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como “os seis graus de separação”.

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes

mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do “todos conversando com todos”, que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com

mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a “internacionalização da metrópole”, a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.

São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O “tchau” é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) expositivo.

d) argumentativo.

e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: "Saudades não se pagam..."

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.

b) informativo.

c) expositivo.

d) descritivo.

e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.

b) justificar a reação social contra a violência.

c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.

d) mostrar a violência nas grandes cidades.

e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A

autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo “peça para mamãe comprar” ou “faça como eu, use”.

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.

b) proibir é melhor que educar.

c) educar é mais fácil que proibir.

d) educar é proibir.

e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção

excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.

b) narrativo moralizante.

c) expositivo informativo.

d) argumentativo polêmico.

e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a

terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio “ninguém é profeta em sua terra” traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) conversacional.

e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.

b) informar.

c) prever.

d) prevenir.

e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. “Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados.”

II. “Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.”

III. “Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra.”

IV. “Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas.”

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II

b) III – IV

c) IV

d) II – III – IV

e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: “gosto não se discute”. Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.

b) didático.

c) publicitário.

d) instrucional.

e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que "Navegar é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.

e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.

Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.

E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.

b) informativo.

c) argumentativo.

d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.

b) a sucessão temporal.

c) uso do pretérito perfeito do indicativo.

d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.

e) pretende discutir, informar ou expor.

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto “Protesto tímido” é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.

2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.

3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso, eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.

4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração (“escurinho, de seis ou sete anos, não mais”), certa revolta (“vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança”), desprezo (“Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação”) e tristeza (“Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo...”), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso (“Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.”).

5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por

parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.

2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.

3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em “recente documento”, está se falando em “atualidade” e ao mencionar “elaborado pelo IBGE”, quer-se dizer “credibilidade”.

2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em “criticar” e “mostrar soluções”, características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar “poluição ambiental”. Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais

problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.

3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da “marca da morte”, alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão “marca nos cigarros” alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.

2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.

4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é “fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...”. A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.

2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se,

portanto, as outras alternativas.

3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de "vender uma ideia" – o outdoor ("Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.

4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.

2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto "Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia "a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é "fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.
2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: "Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita "ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.
2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre "a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de "fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas,

questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história

sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo “descreve”, a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que “o mais importante são os antecedentes históricos imediatos”.

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito (“dirigia”) ao pretérito perfeito (“foi assaltada”), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo (“o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil”) e retomada ao final do texto (“a imoralidade da cultura da violência”). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir (“Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.”).

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente (“Provavelmente não se descobrirá ainda...”; “... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas”). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas B e E.

Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.

2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que "todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".

2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

− Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

− E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

− Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

1. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que **Medo da eternidade** é uma **crônica** na medida em que se trata

a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.

b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.

c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.

d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.

e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

2. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.

b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.

c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.

d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.

e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está "completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

3. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o próximo item, relativo a aspectos linguísticos e às ideias do texto CB2A2BBB.

Nesse texto, de natureza informativo-argumentativa, busca-se convencer o leitor de que a integridade, como qualidade de órgãos e entidades públicas, contribui para que os agentes do serviço público atuem prevenindo a corrupção e em prol do interesse público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos

desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

4. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

O texto IV

a) é predominantemente narrativo, pois conta uma história cuja personagem central é a cidade de São Paulo.

b) é uma apresentação, pois introduz ao leitor textos fictícios ambientados na metrópole de São Paulo.

c) expressa uma opinião muito particular e pejorativa sobre a região metropolitana de São Paulo, não embasada em estudos ou fatos.

d) é predominantemente descritivo, pois descreve detalhadamente os espaços urbanos da capital paulista.

e) recupera e resume ideias de autores que analisaram a situação da metrópole de São Paulo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e “geek” Eric Topol, autor de “The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, "The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

Segundo esse segmento do texto 1, pode-se inferir que o texto de Topol pertence ao seguinte modo de organização:

a) informativo;

b) histórico;

c) argumentativo;

d) instrucional;

e) injuntivo.

Leia os textos a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “Olhe, um porco de verdade”.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para

ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo, São Paulo,* 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

6. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Comparando-se o conteúdo e a tipologia do Texto I e do Texto II, tem-se que

a) há uma conexão temática entre os dois textos, já que ambos fazem menção ao mar.

b) ambos combinam o domínio literário com o domínio jornalístico.

c) predomina no Texto I a informatividade e no Texto II a narratividade.

d) é natural haver bondes e canais em textos que enaltecem as belezas do mar.

e) a infância é o tempo mais adequado para conhecer embarcações e tomar banhos de mar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos, música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream,* conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: “É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente.

Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

"A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

"Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

"Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

"Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet,

com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

"A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, Globo News. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Esse texto tem caráter argumentativo, porque o sociólogo entrevistado apresenta sua opinião a respeito da guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação.

Para defender a tese de que, apesar da globalização, as culturas nacionais vão sobreviver, ele utiliza como argumento a ideia de que

a) a maior parte da cultura que as pessoas consomem e com a qual se identificam geralmente é local, regional, e não global.

b) o imperialismo cultural, ao contrário do imperialismo político e militar, domina as pessoas sem que elas o percebam.

c) a penetração cultural americana tem origem na produção de cultura de massas que agrada ao grande público.

d) as pessoas criticam os americanos, mas, ao mesmo tempo, utilizam seus produtos, como o tênis Nike nos pés.

e) o mundo hoje é muito mais complicado, com países emergentes que serão fundamentais nas novas relações de poder.

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. C; 4. e; 5. c; 6. a; 7. a.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram

estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA

Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ

É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.

Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.

Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.

Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.

Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, “o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela”. O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo. Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A

pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;

2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;

3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral,

pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e

uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a

verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um contraste (que enfoca as diferenças) ou um paralelo (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: um crescimento horizontal por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; um crescimento vertical, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, mecanismo de maior gravidade, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de

> responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.
>
> (Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições (“há de defini-la para que se distinga”), testemunhos de autoridade (“há de prová-la com a Escritura”), explicações e esclarecimentos (“há de declará-la com a razão”), utilização de exemplos (“há de confirmá-la com o exemplo”), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas – finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor (“e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir”).

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.

2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.

3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.

4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.

5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas

porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana”. Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: “Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto”.

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e

demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: “Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente”.

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Algumas

pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso,

liderança não é para qualquer um, é um dom.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”. Desenvolvimento do parágrafo com

apresentação de enumeração de detalhes: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: “Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados”.

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma

grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que

deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: “O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano”. Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação

de dados estatísticos: “O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano”. Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: “Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz”.

12. Inúmeras hordas “primitivas” se encontram, ainda hoje, nesse “grau zero” – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. “Um”, “dois” e... “muitos” constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

    Comentários:

    Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Inúmeras hordas ‘primitivas’ se encontram, ainda hoje, nesse ‘grau zero’ – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: “É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil”. Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: “‘Um’, ‘dois’ e... ‘muitos’ constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra”.

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede

das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: “O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: “Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam”. Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: “Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões”.

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico”. Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º

objetivo – “Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas”. 4º objetivo – “A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas”. Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: “Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os

maleficios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação”. Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: “A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores”. Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: “O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo

de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E

vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos 'nossos', ou seja, para a modernidade".

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: “Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)”. Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: “por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: “Embora todos esses direitos

sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade".

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será

a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

“O texto se estrutura...”; “Os argumentos do autor se fundamentam em...”; “Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos...”; “O parágrafo que expressa a ideia geral do texto...”; “No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que...”; “O tema do texto é...”; “O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de...”

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

> “O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem

como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo”.

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as “extensões” ou os “prolongamentos” do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. “**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos...”; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo.* Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo)*. Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da

apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

   Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve*.

   Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

   Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um

parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros, sombra das árvores*...

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um

parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de contrastes (que enfocam as diferenças) ou paralelos (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

> *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência,* ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a*

> *plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

> *As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras* ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.*

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se

demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

> *Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas* ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos."

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos

venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.”

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: “*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita”.

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente”.

3. “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.”

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não”. A seguir, fundamenta-se o argumento central por

meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”.

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

> 4. “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.”

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”.

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”.

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

> 5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo,* que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

> Resumindo:
>
> Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

O excerto, que narra a passagem de Lévi-Strauss por Santos, rumo a São Paulo,

a) representa com minúcia uma natureza que foi preservada graças ao desenvolvimento de Santos, impulsionado pelo cultivo do café.

b) descreve a natureza pujante da região, a despeito de seu desenvolvimento econômico, a ponto de recorrer a imagens de cunho religioso para melhor ilustrar seu ponto de vista.

c) tece juízo de valor a respeito do desenvolvimento econômico do Brasil, tendo como pano de fundo sua

riqueza natural inexplorada.

d) compara a natureza litorânea de Santos à encontradiça junto ao leito do rio Bramaputra, com vistas a mostrar, paralelamente, o quão luxuriante é a natureza brasileira.

e) lamenta o comércio que teria destruído praticamente toda a beleza natural, reduzindo-a a pequenos e secretos lugares, observáveis apenas em expedições como a que conduzia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

− E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

− Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

As expressões *reino de histórias de príncipes e fadas, elixir do longo prazer e milagre* (7º parágrafo) são mobilizadas pela autora para

a) deixar entrever como a criança, a partir da descrição do chiclete pela irmã com palavras que sugerem a sua imperecibilidade, acabou por associá-lo ao mundo do maravilhoso e da fantasia.

b) ilustrar o modo como, para uma criança pobre, uma coisa simples e barata como um chiclete pode ser tão difícil de obter que a sua compra é associada à esfera do imaginário ou do miraculoso.

c) sugerir o caráter fictício do episódio, que no entanto é narrado como se realmente tivesse acontecido, o que leva ao embaralhamento entre o que seria próprio da ficção e o que pertenceria à realidade.

d) argumentar que, na infância, a imaginação sempre predomina sobre a realidade, o que faz com que a criança vivencie situações concretas como se estivesse no mundo da fantasia.

e) enfatizar a desconfiança da criança em relação à veracidade do que é dito pela irmã sobre o chiclete, pois antes de experimentá-lo não lhe parecia crível a existência de uma bala que não se acabava nunca.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de "naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. "Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. "Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. "Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. "A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade". Disponível em: www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

3. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Ao afirmar "Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil" (4º parágrafo), Stephen Hawking reforça a tese de que

a) o conhecimento que o homem adquiriu sobre o universo é capaz de prevenir grandes catástrofes.

b) é preciso encontrar um planeta semelhante à Terra para abrigar parte das nossas próximas gerações.

c) a humanidade deveria desistir de enviar pessoas ao espaço, concentrando-se em naves minúsculas.

d) não devemos nos preocupar com o futuro distante, visto que a destruição da Terra está próxima.

e) a viagem interestelar será inviável e os humanos deveriam se ocupar dos problemas internos da Terra.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 4 e 5.

Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar

Bem no meio do deserto, há um lugar onde o calor é extremo. Sessenta e três graus ou até mais no verão. E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.

Os Emirados Árabes estão investindo em fontes energéticas renováveis. Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos. O que pretendem é diversificar e poluir menos. Uma aposta no futuro.

A preocupação com o planeta levou Abu Dhabi a tirar do papel a cidade sustentável de Masdar. Dez por cento do planejado está pronto. Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora. Lá só se anda a pé ou de bicicleta. As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro. É perfeito para o deserto. Os revestimentos das paredes isolam o calor. E a direção dos ventos foi estudada para criar corredores de brisa.

(Adaptado de: "Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar". Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/noticia/2016/04/abu-dhabi-constroi-cidade-do-futuro-com-tudo-movido-energia-solar.html>.)

4. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A construção de uma das maiores usinas de energia solar do mundo em Abu Dhabi se justifica pela preocupação dos Emirados Árabes em

a) eliminar as fontes de calor, especialmente no verão.

b) preservar as minas de petróleo que ainda restam.

c) emitir menos poluentes durante a geração de energia.

d) fornecer energia a baixo custo para a população local.

e) pôr fim imediato à poluição gerada pelo uso do petróleo.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Acerca da cidade de Masdar, é correto afirmar que

a) foi projetada com estratégias para reduzir o calor.

b) permanece no papel, pois sua execução é inviável.

c) partiu de um projeto testado antes em outra região.

d) foi planejada durante uma época anterior aos carros.

e) é bem convencional, inspirada nas grandes metrópoles.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 6 e 7.

Ofertas do Google

Uma das coisas que admiro nas pessoas que sabem muito é o desapego. Elas não se contentam em saber – espalham generosamente o que sabem, vivem prontas a ensinar e fazem isso de graça, pelo prazer de ajudar. O conhecimento não é para ser guardado a ferros, mas dividido – aliás, a única maneira de multiplicá-lo.

Tive a sorte de trabalhar ou conviver com alguns verdadeiros arquivos vivos, gente capaz de responder na lata sobre muitos assuntos além dos de sua área – entre outros, Otto Maria Carpeaux e Franklin de Oliveira. Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis.

Ou não? Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto. Se você pesquisar "sorvete", "livro" ou "apartamento", ele aproveitará para apregoar um irritante varejo desses produtos.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. "Ofertas do Google". Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/03/1748685-ofertas-do-google.shtml>.)

6. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

O autor faz uma crítica

a) ao fato de o Google ter feito com que os homens sábios parecessem charlatões.

b) à maneira como o Google divulga informações sem dar crédito aos autores.

c) à superficialidade do conteúdo do Google comparado com os livros tradicionais.

d) à falta de variedade de conteúdo disponível para pesquisas rápidas no Google.

e) à divulgação de conhecimento no Google aliada a interesses comerciais.

7. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A expressão sublinhada tem seu sentido expresso, em outras palavras, em:

a) ... *ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios...* (3º parágrafo) / obsoletos

b) ... *a única maneira de multiplicá-lo*. (1º parágrafo) / decompô-lo.

c) ... *o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento*. (3º parágrafo) / os inábeis

d) *Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula*. (2º parágrafo) / prepotência

e) *De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir...* (3º parágrafo) / se surpreende

8. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Considere o texto abaixo.

Da paginação

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas...

(QUINTANA, Mario. *Sapato florido*. São Paulo, Globo, 2005, p. 33)

Para o autor, os livros de poemas devem ter uma apresentação que

a) elimine a chance de mais de uma interpretação.

b) induza a uma leitura realista e bem objetiva.

c) estimule a participação ativa das crianças.

d) ensine as crianças a se portar com bons modos.

e) seja compreensível a pessoas que são analfabetas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Em 2015, o Brasil comemorou os 150 anos de nascimento de Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, militar e sertanista brasileiro que desbravou as regiões Centro-Oeste e Norte nos séculos 19 e 20. Por causa das expedições que comandou, passou a ser habitada a região onde está situado o estado de Rondônia, assim denominado em sua homenagem.

Rondon nasceu em Mimoso (MT), no dia 5 de maio de 1865. Descendente, por parte de mãe, dos índios terenas e bororo, e por parte de pai, dos índios guanás, logo ficou órfão, sendo criado pelo avô. Depois de sua morte, transferiu-se para o Rio de Janeiro e ingressou na Escola Militar. Depois de se formar bacharel em Ciências Físicas e Naturais e tornar-se tenente, em 1890, foi transferido para o setor do Exército que implantava linhas telegráficas por todo o país.

A partir daí, durante quase vinte anos, Rondon viajou por todo o Brasil implantando o telégrafo e eventualmente abrindo estradas. Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas que não tinham contato com a civilização e, aos poucos, desenvolveu uma técnica de aproximação amigável. Rondon contribuiu também para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país. A partir daí, levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia. E encontrou, em 1906, as ruínas do Real Forte do Príncipe da Beira, a maior relíquia histórica de Rondônia.

Em 1910, organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios, que viria a se tornar a Fundação Nacional do Índio (Funai). Em 1952, propôs a criação do Parque Indígena do Xingu e, no ano seguinte, inaugurou o Museu Nacional do Índio.

Rondon morreu em 1958, no Rio de Janeiro, com quase 93 anos. Dedicou a vida a promover a colonização do interior do país, pacificando e tratando os índios. Ficou conhecido pelo lema indigenista: “Morrer se for preciso, matar nunca”.

(Adaptado de: “Congresso comemora na próxima semana os 150 anos do Marechal Rondon”. Agência Senado. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/04/30/congresso-comemora-na-proxima-semana-os-150-anos-do-marechal-rondon>.)

9. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Destaca-se em Rondon

a) a personalidade instável e irascível.

b) o perfil autoritário e truculento.

c) o comportamento passivo e hesitante.

d) a atitude conformista e servil.

e) o espírito pacífico e desbravador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 10 e 11.

Nós, o rio e o tempo

Fico olhando, Maria, o nosso rio,

o Madeira da nossa Juventude.

Na enchente, em constante inquietude

vencendo a cada curva um desafio.

Para depois, no decorrer do estio,

com a ribanceira em sua plenitude

toda plantada pelo braço rude

de quem espera o fruto do plantio.

Mas o tempo, Maria, nos comprova

que a cada instante o rio se renova

e nós a cada instante envelhecemos.

Por certo ele será sempre criança

e o seu poente um canto de esperança

na saudade daquilo que vivemos.

(SILVA, Antônio Cândido da. Disponível em: <www.acler.-com.br/?conteudo=artigosmostra&cod=318&autor=6>.)

10. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Percebe-se, no poema, a

a) representação do tempo como algo imutável.

b) caracterização da natureza degradada pelo homem.

c) predominância de uma ambientação urbana.

d) descrição do eterno conflito entre homem e mulher.

e) expressão de um sentimento nostálgico.

11. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Apresentam significações opostas, no poema, os termos

a) *rio* e *enchente*, já que o primeiro equivale à calmaria e o segundo, à agitação.

b) *plenitude* e *Juventude*, já que o primeiro representa a tradição e o segundo, o progresso.

c) *estio* e *ribanceira*, já que o primeiro faz referência à escassez e o segundo, à fartura.

d) *poente* e *saudade*, já que o primeiro se refere ao futuro e o segundo, ao passado.

e) *criança* e *canto*, já que o primeiro remete à alegria e o segundo, à tristeza.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 12 e 13.

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho: “Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem ‘cabeça de jovem’. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente”.

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, *inédito*)

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Deve-se entender que as afirmações de Drauzio Varella e as do autor do texto mantêm entre si

a) uma clara relação de causa e efeito, na ordem em que são expostas.

b) uma relação de independência, uma vez que não os move uma questão comum.

c) uma interligação compulsória, pois não se entende uma sem a presença da outra.

d) um caráter de alguma complementaridade, dado que a segunda é motivada pela primeira.

e) uma relação de subordinação, pois a segunda é uma simples dedução da primeira.

13. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O texto citado de Drauzio Varella parte de uma premissa que ele considera

a) verdadeira: os velhos, apesar da experiência acumulada, têm nostalgia dos anos dourados da juventude.

b) enganosa: a de que os velhos gostariam de ser aceitos como se mantivessem a pujança da juventude.

c) aceitável: há algo de pueril na velhice, mas que não obsta aos velhos demonstrar tudo o que aprenderam.

d) legítima: desde cedo somos obrigados a enfrentar as ambiguidades e os paradoxos do nosso pensamento.

e) preconceituosa: a de que os velhos tendam a amaldiçoar sua idade, quando o que sucede é exatamente o contrário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Uma energia que vem de longe

O aproveitamento de recursos hídricos nas formas e em escala que conhecemos hoje só se tornou possível no final do século XIX, após o domínio das leis da mecânica dos fluidos, o consequente aperfeiçoamento das máquinas hidráulicas até o rendimento máximo e, por fim, o desenvolvimento da fantástica indústria da eletricidade. Sua história, porém, remonta à época da emergência daquelas civilizações, na Ásia e na África, das quais toda a cultura moderna é tributária, e está intimamente associada ao desenvolvimento dos primeiros grandes sistemas energéticos da humanidade, baseados na cultura irrigada de cereais.

(LOPES, Bernardina Reina, *inédito*)

14. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Deve-se entender do texto que o aproveitamento de recursos hídricos

a) mantém-se tecnicamente tão eficaz quanto já o era ao tempo dos primeiros grandes sistemas energéticos.

b) está dando uma contribuição decisiva para o surgimento da fundamental indústria da eletricidade.

c) deve muito de seu atual estágio aos avanços resultantes do domínio da mecânica dos fluidos.

d) remonta ao final do século XIX, quando se aperfeiçoou o sistema de irrigação da cultura de cereais.

e) é tributário da cultura moderna e ainda se vale significativamente das técnicas das antigas civilizações orientais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no *Jornal do Comércio*, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça *O Juiz de Paz na Roça*. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

15. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima.

Verifica-se uma contradição na argumentação do autor, uma vez que o sentido do trecho “criar uma nova comédia com traços muito pessoais” (l. 11) é incompatível com o sentido do trecho “retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo” (l. 7).

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo

alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: Controle Público, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

16. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto CB2A2AAA, julgue o item que se segue.

A tese defendida pelo autor do texto resume-se à ideia expressa na seguinte assertiva: o Estado é um peso para toda a sociedade, mas, como não se pode prescindir dele, devem-se arquitetar mecanismos para que os impostos pagos pela sociedade sejam distribuídos em favor dos mais pobres.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 17 – 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato

momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido.* São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relacionados às ideias desenvolvidas no texto II.

17. Ao citar exemplos da literatura grega antiga, Walnice Nogueira Galvão indica que a organização tribal é capaz de gerar conflitos e tensões que transcendem o Brasil ou o espaço hispano-americano.

18. Com o trecho “encontram-se, estonteados, os índios” (l. 23), a autora do texto evidencia o confronto entre o “capitalismo selvagem no país” (l. 21) e a cultura indígena.

19. Tanto o romance **Maíra** quanto o relato de Uirá exibem enredos marcados pelas dificuldades enfrentadas por tribos indígenas, atingidas por flagelos trazidos pela civilização não indígena.

20. Ao afirmar que “o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura” (l. 30 e 31), a autora defende que romances como **Maíra** têm o mérito de salvar tribos e civilizações indígenas das forças destrutivas que predominam

nas sociedades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 21 e 22.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

21. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões*

mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso."

Nesse segmento há três períodos. O segundo e o terceiro períodos, em relação ao primeiro, funcionam como

a) explicação da transformação ocorrida.

b) exemplificação de mudanças a partir da crise hídrica.

c) conclusão do que é dito anteriormente.

d) justificativa das transformações feitas pela população.

e) ironia sobre as medidas inócuas adotadas.

22. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo*."

A função principal desse parágrafo do texto é

a) demonstrar o valor das pesquisas para os textos jornalísticos.

b) mostrar a seriedade da pesquisa realizada.

c) comprovar a qualidade do veículo divulgador da notícia.

d) indicar a qualidade dos autores do texto.

e) alertar contra a péssima qualidade da água.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 23 - 25.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

23. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segundo, o terceiro e o quarto parágrafos do texto 1 têm a função de:

a) demonstrar que a revolução já é uma realidade;

b) criticar os exageros do livro indicado;

c) resumir a obra de Topol;

d) justificar o título do livro referido;

e) explicitar o conteúdo do livro citado.

24. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 1 mostra uma estratégia no tratamento do tema, que é partir:

a) do passado para o presente;

b) do geral para o particular;

c) do todo para as partes;

d) do abstrato para o concreto;

e) do objetivo para o subjetivo.

25. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

O segundo período desse segmento do texto 1, em relação ao período anterior, funciona como:

a) oposição à afirmação feita;

b) enumeração das tecnologias referidas anteriormente;

c) explicação do termo "smartphones";

d) justificativa de uma afirmação;

e) consequência de uma causa previamente citada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto 2 – Manual de princípios éticos para sites de medicina e saúde na internet

A veiculação de informações, a oferta de serviços e a venda de produtos médicos na Internet têm o potencial de promover a saúde mas também podem causar danos aos internautas, usuários e consumidores.

O CREMESP define a seguir princípios éticos norteadores de uma política de autorregulamentação e critérios de conduta dos sites de saúde e medicina na Internet.

1) TRANSPARÊNCIA

Deve ser transparente e pública toda informação que possa interferir na compreensão das mensagens veiculadas ou no consumo dos serviços e produtos oferecidos pelos sites com conteúdo de saúde e medicina. Deve estar claro o propósito do site: se é apenas educativo ou se tem fins comerciais na venda de espaço publicitário, produtos, serviços, atenção médica personalizada, assessoria ou aconselhamento. É obrigatória a apresentação dos nomes do responsável, mantenedor e patrocinadores diretos ou indiretos do site.

2) HONESTIDADE

Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos.

A verdade deve ser apresentada sem que haja interesses ocultos. Deve estar claro quando o conteúdo educativo ou científico divulgado (afirmações sobre a eficácia, efeitos, impactos ou benefícios de produtos ou serviços de saúde) tiver o objetivo de publicidade, promoção e venda, conforme Resolução CFM Nº 1.595/2000.

3) QUALIDADE

A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada. Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza. Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica.

Os sites com objetivo educativo ou científico devem garantir a autonomia e independência de sua política editorial e de suas práticas, sem vínculo ou interferência de eventuais patrocinadores.

Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site. Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O título do texto 2 já define o seu conteúdo como:

a) preditivo;

b) informativo;

c) publicitário;

d) normativo;

e) instrucional.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 27.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da

concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A estruturação do texto 1 é feita do seguinte modo:

a) uma introdução definidora dos problemas sociais urbanos e um desenvolvimento com destaque de alguns problemas;

b) uma abordagem direta dos problemas com seleção e explicação de um deles, visto como o mais importante;

c) uma apresentação de caráter histórico seguida da explicitação de alguns problemas ligados às grandes cidades;

d) uma referência imediata a um dos problemas sociais urbanos, sua explicitação, seguida da citação de um segundo problema;

e) um destaque de um dos problemas urbanos, seguido de sua explicação histórica, motivo de crítica às atuais autoridades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A fala da moradora da Rocinha tem a seguinte finalidade:

a) demonstrar que as favelas são o centro da violência;

b) enumerar as consequências da violência nas favelas;

c) confirmar uma afirmação do parágrafo anterior;

d) mostrar a insignificância da vida humana;

e) provar que a violência é fruto da globalização.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 29 – 32.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O principal objetivo do texto é:

a) criticar as autoridades responsáveis pelos abrigos municipais.

b) mostrar as dificuldades no tratamento com os moradores de rua.

c) explicar as razões da recusa de os moradores de rua se recolherem nos abrigos municipais.

d) destacar a gravidade da situação dos que não têm onde morar.

e) demonstrar a necessidade urgente da melhora dos abrigos municipais.

30. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

No primeiro parágrafo do texto há dois períodos. Em relação ao primeiro, o segundo período desempenha o seguinte papel:

a) justificar a preferência de alguns moradores de rua.

b) reiterar as más condições climáticas no momento da elaboração do texto.

c) enumerar os problemas dos abrigos municipais de São Paulo.

d) destacar os motivos de os abrigos serem recusados por um morador de rua.

e) criticar as preferências de algumas pessoas por continuarem nas ruas.

31. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O texto aborda um problema sem identificar os seus personagens e sem especificar o conteúdo de vários termos.

Assinale a opção que apresenta o termo que, ao contrário dos demais, mostra valor específico.

a) Pessoas.

b) Más condições.

c) Tratamento desrespeitoso.

d) Tal atitude.

e) Regras dos albergues.

32. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Leia a frase: "*Sou como uma planta do deserto. Uma única gota de orvalho é suficiente <u>para me alimentar</u>*".

Nesse pensamento há uma oração reduzida sublinhada; essa oração, se modificada para a forma de uma oração desenvolvida, deveria ser:

a) para que me alimentasse.

b) para que eu fosse alimentado.

c) para a minha alimentação.

d) para que eu me alimente.

e) para eu ser alimentado.

33. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Na frase "*Você quer estar certo ou quer ser feliz*"? ocorre

a) uma antítese paradoxal.

b) uma pergunta retórica.

c) uma ambiguidade intencional.

d) uma falsa oposição.

e) uma ausência de paralelismo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

- deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

- deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

- a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

- a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No primeiro parágrafo do texto, o destaque para o contexto histórico em que surgiu a medicina do trabalho tem por objetivo

a) mostrar que esse tipo de medicina constituía uma necessidade apenas daquela época.

b) apontar o desenvolvimento industrial como determinante para o cuidado com a força de trabalho.

c) conduzir o leitor a uma percepção dessa área médica como uma tendência efêmera.

d) questionar o poder de alcance da medicina do trabalho dentro da indústria.

e) enfatizar uma exigência das leis britânicas no que se refere à saúde do trabalhador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 35 e 36.

Daqui a vinte e cinco anos

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais.

Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais

tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 33.

35. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora projeta como seu principal desejo a(o)

a) abolição da censura

b) diminuição da fome

c) cura do câncer

d) aumento da desigualdade

e) fim da corrupção

36. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora intensifica seu ponto de vista

a) mostrando não saber o que deseja para daqui a vinte e cinco anos.

b) afirmando ser o brasileiro um povo imaturo politicamente.

c) relacionando o câncer ao problema da fome no país.

d) expondo a ideia de que os políticos se importam com os necessitados.

e) desejando que, no futuro, os líderes sejam liderados pelo povo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 37.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: **em jejum**.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “Olhe, um porco de verdade”.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

A leitura atenta do Texto I permite sustentar que a narradora

a) pertencia a uma família que era possuidora de uma casa em Olinda, Recife.

b) tinha uma alegria enorme quando chegavam as temporadas de banho de mar com a família.

c) sofria com uma infância infeliz e só se alegrava quando via um porco de verdade.

d) levantava mais cedo do que toda a família para tomar café e ir logo para a praia.

e) ficava assustada com o pouco movimento das ruas quase desertas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 38 e 39.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos, música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: "É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

"A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

"Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são;

nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

"Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

"Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

"A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, *Globo News*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Para garantir uma compreensão adequada de um texto, é preciso reconhecer o modo como o tema foi desenvolvido, identificando a sequência em que as ideias nele foram expostas.

Assim, antes de o texto apresentar a opinião do sociólogo Martel sobre a convivência entre a cultura globalizada e as culturas locais (3º parágrafo), refere-se

a) ao aparecimento de países emergentes que podem interferir na polarização entre americanos e europeus

no domínio dos bens culturais.

b) ao imperialismo cultural de origem americana promovido pela capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público.

c) à possibilidade de declínio da cultura americana devido à competição com os meios de comunicação dominados por países europeus.

d) à importância crescente da internet para criação de ferramentas inovadoras de alfabetização, para pessoas que não têm acesso a uma livraria ou biblioteca.

e) à complexa relação de amor e ódio que existe entre alguns povos do mundo e os americanos, devido à grande penetração em termos de cultura de massas.

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O 6º parágrafo do texto pode ser sintetizado em:

a) A criação de ferramentas inovadoras de alfabetização para atender às comunidades pobres das favelas tem o objetivo de ampliar o acesso a livrarias e bibliotecas.

b) A prova de que a tecnologia só traz benefícios às pessoas é que a queda dos preços dos *smartphones* no Brasil e na África permitirá a veiculação das diferentes culturas nacionais a países de todo o mundo.

c) O crescimento da internet, promovido por programas governamentais de criação de *lan houses* e venda de *smartphones*, permitirá a ampliação do poder da cultura de massas de origem americana no Brasil.

d) A popularização dos meios de comunicação digital, como telefones celulares, permitirá que pessoas de classes desfavorecidas possam ter acesso às informações veiculadas na rede mundial de computadores.

e) O investimento em alfabetização, os programas de doação de livros e de acesso a bibliotecas são estratégias governamentais para possibilitar que todas as pessoas tenham acesso à informação e à cultura de massas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 40 e 41.

Moeda digital deve revolucionar a sociedade

Nas sociedades primitivas, a produção de bens era limitada e feita por famílias que trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo daí a origem do termo “pregão” da Bolsa. Com o passar do tempo, especialmente na antiguidade, época em que os povos já dominavam a navegação, o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, com o

intuito de facilitar a circulação de mercadorias, que tinham como lastro elas mesmas, geralmente alcunhadas em ouro, prata ou bronze, metais preciosos desde sempre.

A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada tão grande que transformaria o próprio dinheiro em mercadoria. Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, que depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo. A grande inovação na época foi o mecanismo de compensação nos pagamentos, mais seguro e prático, no qual um banco emitia uma ordem de pagamento para outro em favor de determinada pessoa e esta poderia sacá-la sem que uma quantidade enorme de dinheiro ou ouro tivesse de ser transportada entre continentes. Essa ordem de pagamento, hoje reconhecida no mundo financeiro como "título cambial", tem como instrumento mais conhecido o cheque, "neto" da letra de câmbio, amplamente usada pela burguesia em transações financeiras na alta idade média. A teoria nos ensina que são três as suas principais características: a cartularidade, a autonomia e a abstração.

Ora, o que isso tem a ver com *bitcoins*? Foi necessária essa pequena exegese para refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano. Como nos ensina Platão, a necessidade é a mãe das invenções. Considerando o dinamismo da evolução da sociedade da informação, inicialmente revolucionada pela invenção do códex e da imprensa nos idos de 1450, que possibilitou na Idade Média o armazenamento e a circulação de grandes volumes de informação, e, recentemente, o fenômeno da internet, que eliminou distâncias e barreiras culturais, transformando o mundo em uma aldeia global, seria impossível que o próprio mundo virtual não desenvol-vesse sua moeda, não somente por questão financeira, mas sobretudo para afirmação de sua identidade cultural.

Criada por um "personagem virtual", cuja identidade no mundo real é motivo de grande especulação, a *bitcoin*, resumidamente, é uma moeda virtual que pode ser utilizada na aquisição de produtos e serviços dos mais diversos no mundo virtual. Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, não obstante isso, tem valor.

No entanto, ao que tudo indica, essa questão do lastro está prestes a ser resolvida. Explico. Grandes corporações começam a acenar com a possibilidade de aceitar *bitcoins* na compra de serviços. Se a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo bitcoins como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*. Esse assunto é de alta relevância para a sociedade como um todo e poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas que se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas – refiro-me à Bolsa de Valores, inclusive, bem como em novos campos do direito e na atividade estatal de regulação dessa nova moeda.

Certamente a consolidação dos *bitcoins* não revogará as outras modalidades de circulação de riqueza criadas ao longo da história, posto que ainda é possível trocar mercadorias, emitir letras de câmbio, transacionar com moedas e outros títulos. Ao longo do tempo aprendemos também que os instrumentos se renovaram e se tornaram mais sofisticados, fato que constitui um desafio para o mundo do direito.

AVANZI, Dane. UOL TV Todo Dia. Disponível em: <http://portal.tododia.uol.com.br/_conteudo/2015/03/opiniao/65848-moeda-digital-deve-revolucionar-a-sociedade.php>. Acesso em: 09 ago. 2015. Adaptado.

40. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

No texto, afirma-se que "a necessidade é a mãe das invenções" (l. 19) para justificar a ideia de que

a) as moedas virtuais podem tornar obsoleta a emissão de letras de câmbio, de cheques e demais títulos monetários.

b) a criação de uma moeda virtual atende às exigências da sociedade atual, marcada pela globalização da informação.

c) a manutenção do sistema financeiro global depende da criação de mecanismos virtuais de circulação de dinheiro.

d) a exigência de lastro para que as moedas virtuais sejam aceitas impossibilita o uso de *bitcoins* para transações na internet.

e) as transações financeiras devem ser realizadas virtualmente para que seja garantida maior segurança ao sistema bancário.

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

Para que a leitura de um texto seja bem sucedida, é preciso reconhecer a sequência em que os conteúdos foram apresentados.

Esse texto, antes de explicar como eram realizadas as transações financeiras na época medieval, refere-se

a) à importância da criação de novos serviços na área financeira, o que é de grande relevância para a sociedade.

b) à possibilidade de criação de lastro para as moedas virtuais devido à adesão de grandes empresas mundiais.

c) à invenção de um documento financeiro para evitar o transporte de valores entre grandes distâncias.

d) à criação de instrumento a ser utilizado na aquisição de produtos e serviços por meio eletrônico.

e) ao surgimento do fenômeno da internet, responsável pela transformação do mundo em uma aldeia global.

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

O Rio de Janeiro voltou a ser a cidade que inspira o Brasil. Aos poucos, recupera a influência que tinha nos anos 1950 e 1960, época em que Burle Marx rasgava jardins e Oscar Niemeyer projetava os edifícios que faziam do Rio uma cidade ainda mais maravilhosa – digna de ser cantada nos versos de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. No passado, a pujança cultural do Rio se escorava num time de criadores geniais como eles. Hoje, ela se deve principalmente à recuperação econômica, que fez com que florescessem na cidade novos polos de moda, cinema, música e esporte. Em cada um desses campos, novos criadores cariocas começam a deixar sua marca. A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos – Copa do Mundo e Olimpíada – também atraiu o interesse de arquitetos de renome, além de movimentar o turismo. Com tudo isso, o carioca, aos poucos, começa a recuperar a autoestima.

Nas últimas décadas, os elogios ao Rio vinham sempre acompanhados de conjunções adversativas.

(*Época*, 04.03.2013)

42. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

O último parágrafo do texto pode ser exemplificado com o seguinte enunciado:

a) Cidade tão linda que inspirou os visitantes.

b) Cidade linda, no entanto violenta.

c) Cidade cara e pouco receptiva.

d) Cidade mágica, porque encanta.

e) Cidade não só violenta mas também suja.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

CONTRATEMPOS

Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que existem mais horas do que coisas para se fazer com elas. Sempre faltou tempo para tanta coisa: faltou minuto para tanta música, faltou dia para tanto sol, faltou domingo para tanta praia, faltou noite para tanto filme, faltou ano para tanta vida.

Existem dois tipos de pessoa. As pessoas com mais coisa que tempo e as pessoas com mais tempo que coisas para fazer com o tempo.

As pessoas com menos tempo que coisa são as que buzinam assim que o sinal fica verde, e ficam em pé no avião esperando a porta se abrir, e empurram e atropelam as outras para entrar primeiro no vagão do trem, e leem livros que enumeram os "livros que você tem que ler antes de morrer" ao invés de ler diretamente os livros que você tem de ler antes de morrer.

Esse é o caso dele, que chega ao trabalho perguntando onde é a festa, e chega à festa querendo saber onde é a próxima, e chega à próxima festa pedindo táxi para a outra, e chega à outra percebendo que era melhor ter ficado na primeira, e quando chega a casa já está na hora de ir para o trabalho.

Ela sempre pertenceu ao segundo tipo de pessoa. Sempre teve tempo de sobra, por isso sempre leu romances longos, e passou tardes longas vendo pela milésima vez a segunda temporada de "Grey's Anatomy" mas, por ter tempo demais, acabava sobrando tempo demais para se preocupar com uma hérnia imaginária, ou para tentar fazer as pazes com pessoas que nem sabiam que estavam brigadas com ela, ou escrever cartas longas dentro da cabeça para o ex-namorado, os pais, o país, ou culpar o sol ou a chuva, ou comentar "e esse calor dos infernos?", achando que a culpa é do mau tempo quando na verdade a culpa é da sobra de tempo, porque se ela não tivesse tanto tempo não teria nem tempo para falar do tempo.

Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido, e ela percebeu que às vezes é bom correr para pensar menos, e pensar menos é uma maneira de ser feliz, e ambos perceberam que a felicidade é uma questão de tempo. Questão de ter tempo o suficiente para ser feliz, mas não o bastante para perceber que essa felicidade não faz o menor sentido.

(Gregório Duvivier. *Folha de S. Paulo*, 30.11.2015. Adaptado)

43. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O último parágrafo, ao tratar do encontro das duas personagens, relata

a) uma mudança de ponto de vista das personagens, ao mesmo tempo que expressa uma visão negativa da felicidade.

b) a opção por se entregar à felicidade, vivendo-a no tempo sempre com a expectativa de que ela o vença.

c) o desejo de que o encontro da felicidade represente uma renovação na maneira de viver o cotidiano.

d) o anseio por desfrutar momentos felizes sem a interferência das racionalizações, que surgem quando se tem tempo.

e) novas maneiras de encarar a felicidade, anulando pensamentos que possam atrapalhar o tempo do convívio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 44 e 45.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre "As vantagens de ser mãe de menina" ou "Por que é bom ser mãe de menino": "meninos não têm frescura", "meninas são mais delicadas", "eles são mais corajosos", "elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais "aventureiros" e "danados" e as meninas mais "cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que "tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. "Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o "engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: "Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: "As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre “coisas de menino” e “coisas de meninas”. Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

É correto concluir que a autora

a) defende brincadeiras próprias para meninos, que as meninas devem evitar.

b) não permite que seu filho tenha brinquedos que comprometam seu desenvolvimento.

c) mostra-se contrária à atribuição de papéis e atitudes exclusivos a meninos e meninas.

d) põe limites a brincadeiras que possam prejudicar a masculinidade ou a feminilidade.

e) considera melhor ser mãe de meninas por estas serem mais delicadas e cuidadosas.

45. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O argumento usado pela autora para defender que seu filho brincasse com carrinhos de boneca está no reconhecimento de que

a) o gesto infantil antecipa o do pai que o menino será no futuro.

b) as crianças não conseguem escolher seus brinquedos sem ajuda dos pais.

c) não se deve censurar a opção por brinquedos perigosos.

d) meninos têm bastante força para empurrar carrinhos.

e) as meninas não se importavam em ceder os carrinhos a ele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 46.

Comida “feia” também faz bem para a saúde

Frequentemente desprezadas por terem um aspecto que não está de acordo com os “padrões de beleza” impostos pela indústria, as frutas e verduras “feias” voltaram a ser um objeto atrativo pelos que lutam contra o desperdício de alimentos.

O agricultor francês Nicolas Chabanne, fundador do movimento em defesa dos “alimentos feios”, trabalha para posicionar esses produtos no mercado e já tem mil parceiros no mundo todo.

Sua estratégia é simples. Vender uma maçã com um rótulo cujo logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores que se comprometem a colocá-la entre seus alimentos “feios”, oferecendo-os pelo menor preço. Depois, parte do dinheiro arrecadado é destinada a associações de caridade e de

consumidores.

“Quando você coloca uma maçã feia ao lado de outras muito bonitas, nossos olhos fixam antes nas mais bonitas”, disse Chabanne, que se esforça para mostrar às pessoas que os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, inclusive, mais baratos.

A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, pouco a pouco, está se expandindo. Agora, engloba também outros produtos, como queijos e cereais ingeridos no café da manhã.

“É um negócio social e rentável porque aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção que não é normalmente valorizada”, afirmou Thomas Pocher, proprietário de um supermercado no norte da França.

(EFE, disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Adaptado)

46. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev/2016)

As aspas empregadas em *Comida “feia”* (título), *frutas e verduras “feias”* (1º parágrafo) e *alimentos “feios”* (3º parágrafo) têm a função de

a) comparar os alimentos a produtos de beleza, os quais servem para enfeitar as pessoas.

b) sinalizar que a ideia de feiura se apresenta com conotação irônica, equivalendo a beleza.

c) sugerir uma crítica à distinção que se faz entre os alimentos a partir de um critério estético.

d) explicitar que a noção de beleza é consensual e, por isso, não deve ser questionada.

e) reproduzir a fala de cientistas que provaram que a aparência dos alimentos é irrelevante.

Gabarito: 1.b; 2. a; 3. b; 4. c; 5. a; 6. e; 7. a; 8. c; 9. e; 10. e; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. E; 16. E; 17. E, 18. C; 19. C; 20. E; 21. b; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. d; 27. b; 28. c; 29. c; 30. a; 31. d; 32. d; 33. d; 34. b; 35. b; 36. c; 37. b; 38. b; 39. d; 40. b; 41. c; 42. b; 43. a; 44. c; 45. a; 46. c.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não

podem entrar em contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.

Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) “se” em “Debruçando-se”.

b) “autor maldito”.

c) “Ele”.

d) “filósofo”.

e) “príncipe”.

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar “Maquiavel”, já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula “se” aqui possui semanticamente o valor de “a si mesmo” e faz

referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão “essa disputa” que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma “disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas”, mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo “essa é a iniciativa mais audaciosa”, retoma-se a “campanha global de recrutamento” do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria “uma das consequências da globalização da economia”.

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do “extraordinário crescimento da produção industrial chinesa”, assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector “Desde então”, o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão “Todas essas empresas”, a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona

mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas,

concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo signo da não violência. Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das

alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos

infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos “diplomatas descalços”.

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: “a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-

americana e do Mercosul”.

a) A alternativa fala de “disputas”, enquanto o texto menciona “parcerias” e “alianças”. Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar “uma nova política externa, ativa, presente...”.

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – “E do outro lado”. O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar “as forças que esta batalha despertava”, o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada “Orientando--se pelos interesses...” sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o

New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta

questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral.* Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão ... pela

primeira vez na História ... nos países capitalistas”. Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso, vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa

numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. “O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina”. O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a “teste”.

b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.

c) um pronome pessoal, equivalendo a “ele”.

d) um pronome interrogativo, juntamente com “que”.

e) um pronome indefinido, correspondendo a “algum”.

2. “Tem gente que nem pensa **nisso**.” O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.

b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.

c) ao teste de integração no mundo moderno.

d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.

e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma “maquiagem” de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da “maquiagem”. (...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. “Nesta época” e “um ano depois”, referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.

c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.

d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.

e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. “...a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la”; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.

b) sistema orgânico.

c) causa de uma infecção.

d) defesa do organismo.

e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente

destacado em maiúsculas é:

a) “Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu”.

b) “COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação mais justa”.

c) “O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto”.

d) “tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis”.

e) “a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...”.

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra “já”. Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra “já” está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.

b) se houver apagão, já sabemos o motivo.

c) os estudos já estão publicados na imprensa.

d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. “Muitos estão simplesmente falidos”. O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.

b) balzaquianos.

c) moços e moças.

d) três irmãos.

e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. “Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**”; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.

b) endemia.

c) falha.

d) filantropia.

e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças

b) doenças / males

c) água / água contaminada

d) até 2002 / mesmo período

e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. “... resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros...”; para evitar a

repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) "... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)

b) "... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)

c) "... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)

d) "Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)

e) "Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) "Esse produto é o sangue da terra".

b) "é a alma da indústria moderna".

c) "é a eficiência do poder militar".

d) "é a soberania; é a dominação".

e) "tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas".

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.

b) retoma o conjunto de ações anteriores.

c) alude somente a aspectos negativos.

d) corresponde a um procedimento condenável.

e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. “Em troca do status de um nobre homem”; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) “vendem a alma ao diabo”.

b) “aparentar ser bem intencionado”.

c) “destaca os fatos verdadeiros”.

d) “culpar fatores exógenos e bodes expiatórios”.

e) “demonstra o absurdo das teorias românticas”.

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.

b) projetos – que.

c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.

d) a ameaça – ela.

e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) “mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça”.

b) “Mas ontem ele fez uso do veto”.

c) “aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira”.

d) “um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes”.

e) “O projeto, que há tempos seria impensável”.

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes”; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.

b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.

c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.

d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.

e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo “ambos”, presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.

b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.

c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.

e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.

b) a que está sendo implantada no Brasil.

c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.

d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.

e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo “manto diáfano da fantasia”.

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do "poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. "De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle..."; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) "Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora..."

b) "A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário."

c) “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.”

d) “A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República...”

e) “Falar em cidadania é falar em Judiciário.”

2. Em relação aos “mecanismos endógenos”, referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. “... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,...”

II. “Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do ‘poder trava poder’.”

III. “Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico.”

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis,

sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “mercado” ao “social” – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. “Um pouco de realismo sempre faz bem.”; a mesma ideia reaparece em:

a) “Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas.”

b) “Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.”

c) “Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional...”

d) “... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,...”

e) “uma carga tributária extorsiva e crescente.”

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) “Afinal também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos.” – pronome demonstrativo

b) “busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para as instituições que nos circundam.” – pronome relativo

c) “Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,...” – hiperônimo

d) “Nada existe de errado contra esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,...” – pronome relativo

e) “Nada existe de errado contra esses hábitos [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas.” – pronome pessoal

3. “O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “mercado” ao “social” – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das

causas...”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

1. Os “desiludidos do amor” reaparecem em:

a) “os médicos estão fazendo a autópsia...”.

b) “... dos que se mataram”.

c) “Que grandes corações eles possuíam”.

d) “Vísceras imensas, tripas sentimentais”.

e) “estômago cheio de poesia”.

2. “Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela”; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo

anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas

b) ela = uma delas

c) grandes monumentos = bibliotecas

d) desaba = vem abaixo

e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

“O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.” (Steve Allen)

1. “É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.”; o pronome *quem* se refere:

a) a qualquer espectador de TV.

b) ao espectador sensível.

c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.

d) ao espectador que contempla a mediocridade.

e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica,

desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor (Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: “Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil”. De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.

b) o príncipe regente ser medroso.

c) a corte portuguesa ser corrupta.

d) os portugueses terem enganado Napoleão.

e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade “atravessou uma ponte rumo a uma nova era”, o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.

b) progresso da ciência.

c) conhecimento de novos espaços.

d) comunicação com o novo.

e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) “mas *nenhuma* suplanta...” = extraordinária beleza

b) “Foi *uma época*...” = séculos XV e XVI

c) “Para *isso*...” = homens de coragem e de saber

d) “... essenciais à *sua* precisão,...” = informações geográficas

e) “... até aquela época, para *eles*, incógnitos.” = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra

a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) “Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade.” – o alcoolismo

b) “Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência” – o alcoolismo

c) “Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país” – um cenário

d) “... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens” – 10%

e) “Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga” – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) “Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos.”

b) “A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar.”

c) “Estamos nós, seres vivos...”

d) “E por quanto tempo ainda viveremos nós...”

e) “Isso significa que a vida em nosso mundo...”

2. Se tivéssemos o raciocínio: “A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo”, o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.

b) se troca a causa pela consequência.

c) se apela ao princípio da autoridade.

d) se troca a razão pela intuição.

e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) “No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo.”

b) “A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar.”

c) “Isso significa que a vida em nosso mundo...”

d) “para presenciar essas mudanças?”

e) “Isso significa que a vida em nosso mundo.”

Texto XXIII

Tchecov escreveu: “Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui.”

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.

b) os homens nunca irão viver eternamente.

c) a vida na Terra é breve.

d) o futuro sempre está distante.

e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. “Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade...”; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse*, *essa*, *esses*, *essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.

c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.

d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.

e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:

a) pronomes pessoais e demonstrativos.

b) pronomes pessoais e artigos.

c) artigos e pronomes demonstrativos.

d) pronomes pessoais.

e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:

a) "Quando o meu filho Pedro, de 16 anos..."

b) "... antes de dizer-lhe um sonoro não"

c) "Muito pelo contrário, ele é um ser independente..."

d) "A partir daí, não me preocupa..."

e) "Para treinar a sua rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem.

b) que existiram assassinos e tiranos.

c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.

d) que eles caíram.

e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII** – 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b; **Texto XI** – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

26 COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Nas provas de concursos públicos, em média, 30 a 40% são questões de compreensão e interpretação de textos. Geralmente, textos longos, algumas vezes até filosóficos, que demandam técnica e experiência do concurseiro.

Quem nunca teve de ler várias vezes um texto em uma prova, ou se perdeu na leitura? Quem nunca teve a sensação de olhar para um enunciado e nem saber como proceder, por onde começar? Há até casos de quem levou tanto tempo na prova de Língua Portuguesa e acabou por prejudicar completamente as questões de outras disciplinas.

Entender as técnicas de **compreensão e interpretação de textos**, além de ser importante para responder às questões específicas, com técnica e no tempo certo, é fundamental para que você compreenda o enunciado das questões de direito, de matemática, raciocínio lógico, por exemplo. Muitos candidatos, ainda que dominem tais disciplinas, acabam se prejudicando nas provas por não entenderem o que se pede no enunciado. Já pensou, nadar, nadar e morrer na praia? Nem pensar... O que se quer é dominar o conteúdo e saber fazer prova!

Pensando nisso, trouxe um passo a passo para você resolver a prova de Língua Portuguesa, otimizar seu tempo, solucionar as questões com técnica. É claro que sempre devemos considerar as particularidades de cada aluno, mas, de modo geral, existe uma metodologia, sim, para se resolver as questões relativas ao texto. Não se pode apenas “deixar fluir”, ou “ver no que vai dar”... O que

queremos é que você resolva a prova de Português com assertividade e ganhe tempo também para resolver as provas das outras disciplinas.

Vamos lá?

Oito Dicas de Compreensão e Interpretação de Textos

1. Leia o texto do início ao fim, para saber do que se trata.

2. Resolva primeiramente as questões de gramática. Reserve as de compreensão e intepretação de textos.

3. Leia o texto pela segunda vez. Na segunda leitura, marque em cada parágrafo o que representa a sua ideia central. Na introdução, a ideia central é chamada de tese. Nos parágrafos de desenvolvimento, é o tópico frasal. Na conclusão, a tese volta novamente.

4. Quando encontrar algum trecho que suscite dúvidas no texto, marque-o , faça uma interrogação na margem da folha para chamar sua atenção. Não perca muito tempo com ele. Desapegue-se. Ao longo das questões, “sua ficha vai caindo” e muito provavelmente você entenderá o que não lhe pareceu claro inicialmente.

5. Muita atenção aos enunciados! Muitas vezes o candidato perde uma questão por não entender exatamente o que pede o enunciado. Sempre destaque as palavras-chave do enunciado.

6. Existem dois tipos de questão de interpretação: recorrência (compreensão de textos) e inferência (interpretação de textos). Na recorrência, você recorre ao texto e encontra a resposta, que não virá exatamente com as mesmas palavras

do texto, mas sob a forma de paráfrase.

7. INFERÊNCIA é aquela em que você é levado a inferir, deduzir, concluir algo sobre o que leu, com base em pressupostos textuais.

8. O erro da recorrência e da inferência são as extrapolações: extrapolar é ir além do que diz o texto, normalmente com base em experiência e opiniões próprias.

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

Compreender um texto é identificar a ideia central de cada parágrafo. É conseguir resumi-lo. É também identificar o que é principal e o que é secundário, bem como estabelecer a correlação das informações entre si.

Entender um texto é ser capaz de dividi-lo em partes. Todo texto é feito seguindo um esquema lógico de pensamento. Sublinhar o que é mais importante em cada parágrafo e colocar setas, indicando ideias que se repetem e que se relacionam, é essencial para que você domine e compreenda efetivamente o que você está lendo.

Sempre digo que texto que não está sublinhado não é confiável. Após essa leitura "esquemática" do texto, com a identificação de suas ideias centrais, parte-se para a resolução das questões. A modalidade mais comum é a questão de Compreensão de Textos (ou Intelecção ou Recorrência), em que o candidato é convidado pela banca a localizar informações que estão lá no texto.

Você deve estar se perguntando... Se estão lá, por que eu não as encontro??? Bem, muitas vezes o candidato tem dificuldade de responder a esse tipo de questão, porque não entendeu muito bem o texto, não consegue encontrar as

informações lá.

Ao responder a uma questão de recorrência, você deve estar apto a identificar a paráfrase. Paráfrase é o mesmo que reescritura. Isso porque a resposta que você vai marcar não estará lá no texto com as mesmas palavras com que está na alternativa. Parafrasear é dizer o mesmo que se disse, só que com outras palavras...

Um outro problema muito comum é que o candidato acaba querendo interagir com o texto, responder às questões com base em suas experiências pessoais... Costumo dizer que, nessa hora, tem-se que ter frieza mesmo, esquecer o que se pensa, suas convicções...

Selecionei uma bateria de questões de recorrência, de variadas bancas de concursos públicos, para que você treine bastante o reconhecimento de paráfrases!

Antes, quero ensinar direitinho como deve ser seu raciocínio, diante de cada alternativa da questão. Vou, então, comentar algumas questões para você depois resolver as outras sozinho!

Vamos lá?

RECORRÊNCIA Texto – Democracia refém (José Roberto de Toledo)

Desde 2008, o Ibope pergunta à população em idade de votar quão satisfeita ela está com o funcionamento da democracia no Brasil. Os resultados nunca foram brilhantes ainda menos se comparados com países latino-americanos como Uruguai e Argentina, mas jamais haviam sido tão chocantes quanto agora. Só 15% dos brasileiros se dizem “satisfeitos” (14%) ou “muito satisfeitos” (1%)

com o jeito que o regime democrático funciona no país. (*Estado de S. Paulo,* 04/09/2015)

1. (Codemig – Analista de Desenvolvimento Econômico – FGV – 2015) O jornalista autor do texto 2 informa que os resultados da pesquisa foram muito chocantes, isso porque:

a) deixaram de ser brilhantes pela primeira vez;

b) mostraram concentração de respostas positivas;

c) indicaram reprovação do governo;

d) apontavam mais de 80% de reprovação;

e) destacaram insatisfação da população.

Como saber que essa questão é de recorrência?

Ao dizer “O autor do texto informa”, tem-se a indicação de um enunciado de recorrência. É como se a banca estivesse batendo no seu ombro e dizendo assim: vá ao texto e localize o trecho em que o jornalista autor fale que os resultados da pesquisa foram muito chocantes e depois ache o porquê dessa informação.

O porquê deve vir logo depois da informação. O “porquê” que a banca pede está nos arredores, no contexto. Depois de localizar tal informação e ler o que vem ao redor dela, você irá voltar às alternativas e procurar aquela que seja a sua paráfrase, a sua reescritura, entende?

No texto, diz-se “os resultados da pesquisa jamais haviam sido tão chocantes quanto agora”. Localizou a informação? Pois bem. O porquê vem logo depois

disso. Continue lendo. Há um momento em que se diz “Só 15% dos brasileiros se dizem satisfeitos…”. Esse é o porquê!

Então, primeiro ele afirma que os resultados nunca haviam sido tão chocantes quanto agora, e logo depois ele explica: só 15% dos brasileiros... Pronto, achamos o porquê!

Por fim, você vai voltar às assertivas que a banca oferece e vai buscar aquela que mais bem reescreva o que você acabou de ler.

A resposta é letra D (“apontavam mais de 80% de reprovação”). Isso é o mesmo que se dizer que “só 15% se dizem satisfeitos ou muito satisfeitos”. A letra D é paráfrase do que você acabou de ler no texto, entendeu?

A letra A diz assim: “deixaram de ser brilhantes pela primeira vez”, foi isso que você acabou de ler no texto? Vou repetir, a banca quer saber por que o autor disse que os resultados nunca foram tão chocantes quanto agora. Não, o autor não disse que foi “pela primeira vez”, ele disse que “nunca foram tão chocantes quanto agora”, mas não disse “pela primeira vez”. Os resultados já podem ter sido pouco brilhantes, só que agora foram mais chocantes, entende?

Na letra B, diz-se que os resultados mostraram concentração de respostas positivas. O texto diz isso? Não, pelo contrário, 80% de reprovação. A letra “B” contradiz o texto.

Quanto à letra C, diz-se que os resultados indicam reprovação do governo? De fato, a maioria reprova, mas a letra C está generalizando excessivamente; a letra C é uma generalização excessiva; quando ela diz “indicaram reprovação do governo”, está-se generalizando, dizendo que todos reprovaram. Não, mais

de 80% reprovaram, mas não foram todos que reprovaram. Portanto, a letra C vai além, extrapola o resultado da pesquisa.

Na letra E, fala-se que os resultados “destacaram insatisfação da população”. Não, eles não destacaram insatisfação, eles vieram falar daqueles que estão satisfeitos, que realmente são poucos! Mas não se pode afirmar “insatisfação” da população, pois, ao se falar assim, está-se também generalizando excessivamente. Você entendeu a diferença entre D e E? A letra D é a que mais bem reescreve o que veio logo depois da frase do enunciado, a letra E extrapola.

Você entendeu como se deve resolver uma questão de recorrência? Você tem que ir à frase do enunciado, depois localizá-la no texto, então olhar os arredores da informação (contexto) e marcar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler, está bem?

É cruel, eu sei, porque dá vontade de marcar outra, mas você tem que se ater ao que está no texto, é assim que se resolve uma questão de recorrência. Tenha sempre cuidado com as extrapolações (ir além do texto), contradições (dizer o contrário do que diz o texto) e as generalizações excessivas (tomar algo que é particular e ampliar excessivamente).

Texto – A conquista do Brasil

Por gerações, o brasileiro se acostumou a ver o seu país, sua história e sua cultura como exemplos de paz e confraternização sem paralelo entre as nações. A imagem do brasileiro como um povo cordial que aceita melhor a miscigenação e é mais tolerante com as diferenças sociais e políticas, num país conciliador,

que não se envolve em guerras e se mantém neutro diante de conflitos, se sobrepõe como traço cultural, sem grandes traumas nem contestações.

Os brasileiros se orgulham de pensar que o Brasil não precisou de uma guerra como a que separou os Estados Unidos da Inglaterra, nem passou por conflitos internos sangrentos como a Secessão. Manteve-se afastado das conflagrações, a começar pelas duas guerras mundiais que marcaram a primeira metade do século XX – na segunda delas, meio pró-forma, enviou expedicionários à Itália, numa fase em que o conflito já se encaminhava para o fim. O país manteve-se neutro na maioria dos grandes conflitos passados, recentes e contemporâneos.

E saiu pacificamente de uma ditadura militar de 21 anos, em 1985, com o restabelecimento do governo civil e, depois, da democracia. Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa. Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888. Um dos seus maiores heróis nacionais, Tiradentes, foi esquartejado. O Brasil dizimou a população masculina de um país vizinho na Guerra do Paraguai. Deixou uma esteira de mortos nos porões do regime militar, que pela via do golpe havia derrubado em 1964 o presidente João Goulart.

Aliviaram-se tensões sociais latentes e sepultou-se o passado beligerante sobre o qual foi construída uma nação homogênea, mesmo em meio a tanta diversidade. O Brasil acomodou-se à versão oficial de sua história, em que foram escondidas as rupturas, as questões sociais e os fatos que não interessam tanto a sua autoimagem dentro do mundo civilizado. (Thales Guaracy)

2. (Prefeitura de Cuiabá – Nutricionista – FGV – 2015) Em certa passagem do texto, o autor diz que “o Brasil esqueceu muita coisa”. Segundo o texto, essa “muita coisa” que nosso país esqueceu

a) demonstra a ignorância da população em relação ao seu passado histórico.

b) indica razões que se contrapõem à imagem de “país cordial”.

c) mostra a semelhança entre nossa história e a dos países vizinhos.

d) ironiza a atitude intelectual de nossos historiadores.

e) comprova uma diferença entre a visão oficial e a visão dos historiadores.

A banca diz “em certa passagem do texto o autor diz…” Pronto! Questão de recorrência.

Como agir? Você não vai ficar lendo as opções que a banca dá, não (a, b, c, d, e), senão você vai se apaixonar por todas… Você vai fazer exatamente como eu fiz na questão anterior. Primeiro, você vai localizar esse trecho no texto, ler os arredores (contexto), e depois, sim, aí você vai ler cada uma das cinco alternativas e vai buscar a que mais bem reescreva o que você leu no texto.

Bom, no texto, diz-se “o Brasil esqueceu muita coisa” e a banca quer saber o que que quer dizer esse “muita coisa’’, então isso esta lá no penúltimo paragrafo, vamos lá!

Lá, ao ler o contexto, o autor diz : Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa”. Pronto! Perceba que antes desse trecho, estava-se falando de coisas positivas do Brasil, e que

agora só vai se falar do negativo. Continue lendo... Porque o que você vai ler agora é o que você vai marcar como resposta.

É a reescritura do que vem depois desse trecho que será a resposta. Você entendeu como é que você vai agir na hora da questão? Você vai continuar lendo. Perceba que, na sequência, você vai ler: “...Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, um dos seus maiores heróis nacionais Tiradentes foi esquartejado, o Brasil dizimou uma população masculina de um país vizinho…” Entendeu? Pois bem!

Agora você vai buscar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler. A resposta é letra B. Por que que a resposta é a letra B? Porque a letra B reescreve o que veio no contexto. A letra B, olha que perfeição, ela reescreve o que veio antes e o depois, indica razões que se contrapõem à imagem de país cordial. Por que se contrapõe? Você acabou de ler, esse muita coisa é o quê? É tudo de ruim que o Brasil fez, quer dizer, Tiradentes foi esquartejado, dizimou a população... A letra B é a paráfrase do que você acabou de ler, entendeu?

Vamos ver as outras opções?

A letra A fala em “ignorância da população em relação ao seu passado histórico”. Quem marcou letra A pensou mais ou menos assim, “ah realmente esse povo é muito ignorante, não sabe do seu passado...”. Trata-se de uma extrapolação.

Na letra C, menciona-se uma “semelhança entre nossa história e os países vizinhos”. O autor não veio falar isso, ele veio contrapor aspectos positivos e negativos da imagem do brasileiro. A letra C extrapola.

Quanto à letra D, fala-se em ironia à atitude intelectual dos historiadores. O texto tem esse objetivo? Volte ao texto, releia aquele trecho que indiquei, se necessário, e você verá que temos aqui mais uma extrapolação.

Na letra E, diz-se "…Comprova uma diferença entre uma visão oficial e a visão dos historiadores...". Não, realmente há uma diferença entre duas visões, mas a visão oficial do texto é a visão dos historiadores… Fala-se da mesma coisa duas vezes!

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: “Antonio?!”. Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. “Uma braçada”, disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, “duas braçadas e... três”. Então encarei, seguro, meu possível verdugo: “Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no fim em que essa paineira é importante”.

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml. Acesso em: 18.01.2016.)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o autor, o ato de abraçar a paineira representou

a) a possibilidade de acelerar a conclusão de seu novo livro, já que a árvore era o elemento que faltava para enriquecer sua história.

b) o transbordamento de um estado de exaltação em face da beleza natural que contrastava com o aspecto deprimente da cidade de São Paulo.

c) a expressão de um sentimento aprazível, que dá lugar à frustração e ao constrangimento após ser flagrado por seu editor.

d) o desfecho infeliz de uma manhã de projetos bem-sucedidos, em razão do qual seu trabalho se viu malogrado de modo irreversível.

e) a demonstração de seu amor pela cidade de São Paulo, a qual, por ser cosmopolita, serve de ambientação a seu novo livro.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cidades inteligentes, até demais

O conceito de “cidade inteligente” se popularizou como estratégia de solução e gerenciamento de problemas urbanos. Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos, desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais que circulam em redes sociais e aplicativos móveis. O advogado Cristiano Therrien, pesquisador em Direito da Tecnologia na Universidade de Montreal, no Canadá, conversou com o **Observatório da Privacidade e Vigilância** sobre o tema.

Observatório da Privacidade e Vigilância: O que é uma cidade inteligente?

Cristiano Therrien: Cidades inteligentes, cidades conectadas, cibercidades, cidades responsivas, são muitas as nomenclaturas usadas para destacar a dimensão informativa da cidade. Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos. A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo – fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis. As duas cidades mais destacadas nos estudos de cidades inteligentes são Londres e Barcelona. Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

OPV: A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos. Você pode falar sobre isso?

CT: Encontramos muitas experiências diferentes em andamento nas cidades: uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto; outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e empresas.

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle, pondo em risco as liberdades individuais.

Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana (placas e identificação por radiofrequência em veículos, passes e GPS em ônibus), cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários. Dados de mobilidade são de grande utilidade pública e podem ser “anonimizados” (ter os seus identificadores pessoais eliminados) e abertos. Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para

identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

(Adaptado de: "Observatório da Privacidade e Vigilância". Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/cidadesinteligentes-atedemais. Acesso em: 18.01.2016.)

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O conceito de "cidade inteligente" envolve, entre outros,

a) a ideia de governança transparente, que equivale ao tratamento consensual dado a questões de ordem pública.

b) a solução de problemas públicos, por meio da contratação de consórcios privados ofertados em ambiente virtual.

c) o registro e a circulação de dados informatizados, visando ao atendimento de demandas da administração pública.

d) o rastreamento de indivíduos, promovido por empresas especializadas em prevenir a violência em meios digitalizados.

e) a eficiência administrativa, obtida pela criação de aplicativos móveis que priorizem a troca de dados pessoais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Bem no fundo

no fundo, no fundo,

bem lá no fundo,

a gente gostaria

de ver nossos problemas

resolvidos por decreto

a partir desta data,

aquela mágoa sem remédio

é considerada nula

e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,

maldito seja quem olhar pra trás,

Lá pra trás não há nada,

e nada mais

mas problemas não se resolvem,

problemas têm família grande,

e aos domingos saem todos passear

o problema, sua senhora

e outros pequenos probleminhas.

(LEMINSKI, Paulo. *Poesia contemporânea*. Instituto Cultural Itaú. São Paulo: ICI, 1997, p. 61. [Cadernos Poesia Brasileira; v. 4])

3. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o poeta,

a) problemas coletivos só vão se resolver com a cooperação dos indivíduos.

b) problemas familiares tornam-se insolúveis se destituídos da mediação das leis.

c) problemas pessoais se agravam quando sua resolução não é imediata.

d) problemas estruturais não se resolvem por meio de regulamentações.

e) problemas sociais não podem ser resolvidos senão com a intervenção do governo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um "depósito de despojos". Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do "escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente "o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

De acordo com o texto,

a) o museu, enquanto depósito de despojos, confere destaque às características estéticas das obras, uma vez que apaga seu contexto social de produção.

b) o caráter antagônico dos museus pode ser expresso por dois pontos de vista: o da neutralização das obras modernas e o da evidenciação das lutas políticas nas obras antigas.

c) a crítica ao museu como um lugar que desmistifica a arte traz em seu bojo uma contradição, pois as acusações mais comuns lhe imputavam o mais das vezes a sacralização das obras.

d) o contexto original das obras, restaurado pelos museus, não oblitera as razões sociopolíticas que as engendraram, o que costuma ser motivo de crítica a essas instituições.

e) a junção das mais diversas obras de arte evidencia os conflitos políticos que as motivaram e que opõem diferentes matrizes estéticas, de modo que a função pacificadora dos museus pode ser questionada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Platão argumenta que o tempo (*chrónos*) “é a imagem móvel da eternidade (*aión*) movida segundo o número” (**Timeu**, 37d). Partindo do dualismo entre mundo inteligível e mundo sensível, Platão concebe o tempo como uma aparência mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível – eternidade. Enquanto que o tempo (*chrónos*) é a esfera tangível móbil, a eternidade (*aión*) é a esfera intangível imóbil. Sendo uma ordem mensurável em movimento, o tempo está em permanente alteridade. O seu domínio é caracterizado pelo devir contínuo dos fenômenos em ininterrupta mudança.

Posto que o tempo (*chrónos*) é uma imagem, ele não passa de uma imitação (*mímesis*) da eternidade (*aión*). Ou seja, o tempo é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito – eternidade. Isso significa que o tempo é uma mera sombra da eternidade. Considerando que somente a região imaterial das formas puras existe em si e por si, podemos dizer que o tempo platônico é uma ilusão. Ele é real apenas na medida em que participa do ser da eternidade.

(DIVINO, Rafael. Sobre O tempo em Platão e Aristóteles, de R. Brague. Disponível em: https://serurbano.wordpress.com/ 2010/02/26/tempo-em-platao/. Acessado em: 28.12.2015)

5. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

De acordo com o texto,

a) o tempo, na visão platônica, não existe senão no mundo das ideias, pois a realidade é na verdade marcada pela ausência de mudanças, por mais que as aparências insistam em indicar o contrário.

b) tempo e eternidade, segundo Platão, são ambos ilusórios, já que o tempo apenas imita a eternidade, ao passo que esta não pode ter sua existência comprovada pelos sentidos.

c) as transformações vistas por nós ao longo do tempo, de acordo com Platão, participam do mundo sensível e, desse modo, são apenas reflexo da eternidade que caracteriza o mundo inteligível.

d) o dualismo platônico leva o filósofo grego ao estabelecimento de uma separação estanque entre o tempo, que conhecemos por meio dos sentidos, e o devir, que só é alcançado pelas ideias.

e) os fenômenos do mundo sensível e os modelos do mundo inteligível, segundo Platão, sofrem a ação do tempo, mas a constatação dessas pequenas mudanças não pode se dar em prejuízo do reconhecimento da preeminência da eternidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar “salvar a

humanidade”

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de “naves estelares” do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. “Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas”, disse. “Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço.”

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas “mininaves” na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. “Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil”, disse ele. “A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas.”

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar “salvar a humanidade”. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

6. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Uma afirmativa condizente com as informações do texto é:

a) Nas próximas décadas, um projeto milionário deverá construir espaçonaves capazes de transportar humanos a estrelas do sistema Alfa Centauri.

b) Naves de tamanho muito pequeno foram produzidas por pesquisadores financiados pelo milionário Yuri Milner e por Mark Zuckerberg.

c) O projeto apoiado por Stephen Hawking tem o objetivo de evitar que asteroides se choquem com a Terra nos próximos vinte anos.

d) O físico Stephen Hawking lidera pesquisadores na confecção de *chips* que serão inseridos em pequenos telescópios na Terra e no espaço.

e) Ainda existem muitos obstáculos a serem vencidos até que seja possível concretizar o projeto de lançar as pequenas naves ao espaço.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Paraíso achado

Durante muito tempo, apenas a olhava de longe, sem outra pretensão que apenas apreciá-la. Até que um dia, num passeio demonstrativo de canoagem, o mar estava agitado e nos obrigou a ancorar naquela praia pequena e deserta, de onde avistávamos a cidade do outro lado do canal do estuário. Tão pequena, que nos deixava ouvir claramente cada onda se desmanchar ao tocar a areia. Tão simples, que abrigava poucas construções.

Passei a manhã e a tarde naquele paraíso recém-descoberto e vaguei pelas ruelas, visitando um novo mundo.

Desde então, penso naquele refúgio com carinho especial e o visito sempre que posso, para sorver seu silêncio, a areia fofa, os cães sem nome, os moradores e seus afazeres. A pele vai ficando escura; os pensamentos, claros.

(MARTINS, Madô. Paraíso achado. In: Rubem – *Revista da Crônica* – Notícias, entrevistas, resenhas e textos feitos ao rés-do-chão. Disponível em: https://rubem.wordpress.com/2016/04/08/paraiso-achado-mado-martins)

7. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Com a expressão *“novo mundo”* (2º parágrafo), a autora

a) caracteriza a praia na qual ancorou forçosamente como um lugar protegido contra os males da civilização.

b) descreve um cenário paradisíaco, criado por sua imaginação enquanto permanece no canal do estuário de sua cidade.

c) representa um lugar selvagem e inabitado próximo à cidade em que mora, aonde vai descansar quando possível.

d) apresenta a ilha que visitou por ocasião de um passeio de canoagem muito tranquilo nas proximidades de sua cidade.

e) retrata um refúgio de calmaria e belezas naturais que encontrou para pernoitar durante uma viagem de navio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Inquilinos

Ninguém é responsável pelo funcionamento do mundo. Nenhum de nós precisa acordar cedo para acender as caldeiras e checar se a Terra está girando em torno de seu próprio eixo na velocidade apropriada e em torno do Sol, de modo a garantir a correta sucessão das estações. Como num prédio bem administrado, os serviços básicos do planeta são providenciados sem que se enxergue o síndico – e sem taxa de administração. Imagine se coubesse à humanidade, com sua conhecida tendência ao desleixo e à improvisação, manter a Terra na sua órbita e nos seus horários, ou se – coroando o mais delirante dos sonhos liberais – sua gerência fosse entregue a uma empresa privada, com poderes para remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, encurtar ou alongar dias e noites, e até mudar de galáxia, conforme as conveniências do mercado, e ainda por cima sujeita a decisões catastróficas, fraudes e falência.

É verdade que, mesmo sob o atual regime impessoal, o mundo apresenta falhas na distribuição dos seus benefícios, favorecendo alguns andares do prédio metafórico e martirizando outros, tudo devido ao que só pode ser chamado de incompetência administrativa. Mas a responsabilidade não é nossa. A infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos.

(Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 19)

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Para bem comparar o funcionamento do mundo à boa administração de um prédio, o autor do texto se vale do fato de que, em ambos os casos,

a) as necessidades humanas imprimem a tudo as leis do mercado, a fim de evitar nossas falhas pessoais.

b) a distribuição e a qualidade dos serviços costumam ser justas, salvo em casos excepcionais.

c) a presença de um síndico só se faz sentir de modo positivo quando se trata de prevenir catástrofes.

d) a infraestrutura se acomoda às necessidades dos usuários, não cabendo falar em incompetência administrativa.

e) os serviços se oferecem com certa naturalidade, sem que se perceba a presença de um responsável.

9. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Atente para as seguintes afirmações:

I. O autor mostra-se descrente quanto à competência dos homens para administrar o funcionamento do

mundo, tal como acusa o segmento *mesmo sob o atual regime impessoal*.

II. As expressões *gerência* (...) *entregue a uma empresa privada* e *conveniências do mercado* ajudam a ilustrar o que entende o autor por *sonhos liberais*.

III. Ao dizer que a *infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos*, o autor exime a humanidade de responder pelo que seriam as falhas de funcionamento do mundo natural.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões de 10 – 12.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue os próximos itens.

10. O trecho "dá muito trabalho" (l. 16) constitui uma referência de seu Joaquim à confecção da estante, tarefa que, segundo ele, seria trabalhosa.

11. De acordo com as informações do texto, Vinicius de Moraes passou a morar no apartamento onde antes residia Mário Pedrosa.

12. O "momento de hesitação" (l. 9) vivido pelo narrador deveu-se ao medo de informar o endereço a um desconhecido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e

ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

13. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue.

No texto, a palavra “fortuna” (l. 18) pode ser interpretada tanto como **sucesso** quanto como **riqueza**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado.

Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

14. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Para o autor do texto II, a solução do problema do lixo nas cidades grandes passa pela:

a) atribuição da responsabilidade pelos lixões às cooperativas de catadores.

b) diminuição da quantidade diária de resíduos produzidos pelas pessoas.

c) estipulação de uma política de gestão dos resíduos para acabar com os aterros.

d) capacitação e valorização dos trabalhadores que lidam com o lixo.

e) promoção da reciclagem doméstica do lixo para não sobrecarregar os trabalhadores dos aterros.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto CG1A1BBB

Eu tinha muito orgulho daquela espada dourada, não mais de dois centímetros, espetada na gola da camisa do colégio. Na minha turma da quarta série primária, era a única. Não me lembro que houvesse outras como ela entre os meus colegas da escola. Não do meu candidato. O broche que algumas crianças usavam trazia uma pequena vassoura. E era do “meu” adversário.

Porque aqueles símbolos, diminutos, eram tão fortes, talvez explique o fato de que – até muito tempo depois da tristeza e perplexidade que senti na derrota de Lott diante de Jânio Quadros – quando pensava naquela que foi a minha “primeira” campanha, eu lembrasse dela, basicamente, como uma eleição na qual minha espada havia sido, inexplicavelmente, derrotada por uma vassoura.

Aquele ano marcaria o despertar do meu interesse pela política.

Antônio Lavareda. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (com adaptações).

15. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Com relação ao texto CG1A1BBB e às ideias nele presentes, assinale a opção correta.

a) A maioria das crianças do colégio tinha preferência pelo candidato Lott.

b) O texto apresenta características típicas do gênero relato.

c) A vassoura representa, no texto, a candidatura de Lott.

d) O texto é predominantemente argumentativo.

e) No texto, o narrador descreve as emoções que teve ao votar pela primeira vez em eleições oficiais.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 – 19.

Texto I

“Ah, o Brasil, que país!”, exclama uma personagem de **La Vie Dangereuse**. “Que país, esse Brasil!”, repetirão, com diferentes entonações, o melancólico capitão de longo curso, um agente da Terceira Internacional, a mulher de um diplomata reformado. Na verdade, as dimensões míticas desse subcontinente verde, sobrecarregado de movimento e de vida, só poderiam fascinar a imaginação de Blaise Cendrars. Viajante sem bagagem e sem descanso, o poeta do **Transiberiano** já se havia declarado irrevogavelmente contra as descrições de paisagens. Penetrar as coisas, interpretá-las, descrever ao seu modo animais e homens era a missão do viajante algo entediado.

A dança da paisagem... As sempre mesmas Europas... Diante delas: o Brasil, vaga expressão geográfica, país novo, quase um desconhecido de si mesmo, imenso laboratório de culturas onde coexistiam as mais contraditórias experiências de tempo social. A síntese psicológica e cultural, a paisagem humana feita de contrastes tão variados do Brasil teriam de exercer gradativamente sobre Cendrars atração irresistível.

Mesmo antes da Grande Guerra – está-se farto de saber –, o jovem escritor suíço pretendia, com argumentos mais ou menos míticos, haver conhecido os países decisivos do mundo, da China aos Estados Unidos da América, da Alemanha ao Egito. O seu prestígio no mundo literário, consolidado já a partir de 1912 – data da primeira edição de **Les Pâques à New York** –, crescera definitivamente, no ano seguinte, com a **Prose du Transsibérien et de la Petite Jehanne de France**, para não falarmos de outros textos que publica em revistas de vanguarda. É preciso não esquecer também algumas *plaquettes* ilustradas pelos pintores cubistas mais conhecidos, e que os colecionadores disputam. A **Anthologie Nègre**, de 1921, vem a ser um êxito de público e de crítica; consegue mesmo rejuvenescer um pouco ainda a moda primitivista, já em desfavor nos meios mais à vanguarda.

É depois da publicação da **Anthologie** que o compositor Darius Milhaud, interessado pelo *jazz* desde o final da guerra, procura a colaboração do poeta para um balé de tema negro que deseja compor. De 1917 a 1918,

Milhaud fora adido à Legação francesa no Rio de Janeiro. Viera para essa cidade a convite de Paul Claudel, então chefe da missão diplomática do seu país junto ao governo brasileiro, e que não desejava interromper a colaboração intelectual que ambos mantinham na Europa. Compositor e poeta continuarão a trabalhar juntos no Brasil, em busca de uma integração dramática entre música e teatro declamado. Para Darius Milhaud, entretanto, que também escreve a música incidental para a farsa lírica **O Urso e a Lua**, do seu chefe, a descoberta da música popular brasileira – o maxixe, o choro, o tanguinho, o samba –, com os seus problemas específicos de ritmo, foi muito estimulante. No Rio, ele conhecera o jovem Villa-Lobos – para quem Stravinski acabara de ser uma revelação –, que começava a encarar a possibilidade de utilizar, de maneira orgânica, o vasto folclore nacional. Por sua vez, Milhaud, introduzido no ambiente da música popular do Rio, recolhe o material que utilizará em seguida no **Boeuf sur le Toît**, chaplinesca "cinema-sinfonia sobre temas sul-americanos", cujo título e frenético dinamismo se inspiram, entre outros motivos, no maxixe **Boi no Telhado**, de Zé Boiadêro.

Darius Milhaud foi, sem dúvida, o primeiro intelectual a despertar a curiosidade de Cendrars pelo Brasil. Conhecedor do singular temperamento do amigo novo, o compositor percebeu o interesse que a experiência de um mundo inteiramente inédito – dessa paisagem deveras *anônima*, conforme Gobineau a classificara com hepático mau humor cinquenta anos antes – iria provocar no poeta do **Panama**. Mesmo assim, é pouco provável que, nessa época, Cendrars alimentasse o mais vago propósito de partir para a América do Sul, rumo ao país delirante e ingênuo dos bois no telhado. Os acontecimentos, porém, se precipitam.

La Création du Monde seria dançada pelos Ballets Suédois, de Rolf de Maré, em outubro de 1923, e, em janeiro do ano seguinte, com o irônico desprendimento do turista ocasional, Cendrars estava zarpando para o Brasil a bordo do Formoso, vapor que batia bandeira francesa.

Alexandre Eulálio. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Quíron, 1978, p.14-6 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias desenvolvidas no texto I, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

16. O trecho "paisagem deveras *anônima*" (l. 37), que apresenta expressão atribuída a Gobineau, faz referência a um lugar novo e ainda desconhecido, tendo sentido similar ao do trecho "um mundo inteiramente inédito" (l. 37).

17. Segundo o autor do texto, Blaise Cendrars foi instigado a viajar ao Brasil

devido à existência, no país, de ritmos musicais exóticos, entre os quais o maxixe.

18. Darius Milhaud, compositor que exerceu funções diplomáticas no Rio de Janeiro, inspirou-se na música popular carioca para compor o **Boeuf sur le Toît**.

19. Porquanto, conforme o texto, Blaise Cendrars era “Viajante sem bagagem e sem descanso” (l. 5) e exibia “o irônico desprendimento do turista ocasional” (l. 43), é correto concluir que o “poeta do **Transiberiano**” (l. 5) viajava ao acaso, sem que o motivasse maior curiosidade pelos lugares a que se dirigia.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 20 – 22.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e “geek” Eric Topol, autor de “The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

20. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o autor citado no texto 1, o futuro da medicina:

a) encontra-se ameaçado pela alta tecnologia;

b) deverá contar com o apoio positivo da tecnologia;

c) levará à extinção da profissão de médico;

d) independerá completamente dos médicos;

e) estará limitado aos meios eletrônicos.

21. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc.”.

Sobre os componentes desse segmento do texto 1, a afirmativa adequada é:

a) muitas profissões já foram perturbadas pelos avanços tecnológicos;

b) o emprego do vocábulo “vítimas” mostra que algumas profissões já foram extintas;

c) as profissões mais afetadas foram as que oferecem serviços ao público;

d) o segundo período enumera as dezenas de profissões afetadas;

e) a forma “etc.” mostra a desvalorização das profissões citadas.

22. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

De acordo com o texto 1, o título do livro de Topol – O paciente vai vê-lo agora – já mostra uma revolução, pois:

a) aponta mais conhecimento dos pacientes sobre as doenças;

b) mostra maior interesse dos pacientes pelo tratamento;

c) inverte as posições de médico e paciente;

d) indica maior rapidez no atendimento médico;

e) critica o mau atendimento dos médicos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

23. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 2 alude à “dramática transformação do crime”; essa transformação só NÃO se refere à(às):

a) quantificação dos índices de violência;

b) internacionalização da criminalidade;

c) tipologia das atividades criminosas;

d) consequências do processo de globalização;

e) modificações nas penalidades legais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

24. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Conforme se lê no 2º parágrafo do texto, a medicina do trabalho é criada em virtude de os industriais se preocuparem com

a) o bem-estar social do trabalhador

b) a submissão dos trabalhadores

c) a convivência harmoniosa nas fábricas

d) o descaso em relação aos trabalhadores

e) a viabilidade do processo de produção

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a ex-pressão “sociedade de informação” transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando,

de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial”, como forma de transmitir o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou “informacional”, as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivocado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem dessempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados-Membros na definição de políticas de integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à informação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/ index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

25. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com o ordenamento das ideias no texto, observa-se que, depois de afirmar que há uma interação complexa entre processos sociais e transformação tecnológica, de modo que a criatividade e o espírito empreendedor interfiram nas aplicações sociais da tecnologia, o texto se refere à ideia de que

a) a expressão "sociedade de informação" foi incorporada ao vocabulário comum por meio do jargão dos meios de comunicação.

b) o conceito de "sociedade pós-industrial" relaciona-se às transformações técnicas e organizacionais provocadas pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações.

c) as atividades humanas, no novo paradigma da sociedade de informação, são afetadas diretamente pelas novas tecnologias porque a informação é parte integrante delas.

d) a visão de que as transformações tecnológicas em direção à sociedade da informação estão fora da interferência de fatores sociais e políticos é inadequada.

e) os países estão sendo auxiliados por órgão internacional na tarefa de integrar as novas tecnologias ao processo de desenvolvimento.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: "Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: "Olhe, um porco de verdade."

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

26. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Que fragmento do Texto I comprova a valorização especial que a narradora dava a esse momento de sua infância?

a) "Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer" (l. 3)

b) "Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum" (l. 7-8)

c) "No bonde mesmo o tempo começava a clarear" (l. 11-12)

d) “a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família” (l. 14-15)

e) “Eu me agarrava [...] a essa ilha encantada que era a viagem diária” (l. 17-18)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27

Texto I

Agricultura familiar

O que é agricultura familiar?

A agricultura familiar consiste em uma forma de organização social, cultural, econômica e ambiental, na qual são trabalhadas atividades agropecuárias e não agropecuárias de base familiar, desenvolvidas em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas, gerenciadas por uma família com predominância de mão de obra familiar e apresenta papel relevante para o desenvolvimento do País.

Por que a agricultura familiar é importante?

A agricultura familiar apresenta importante função para garantir a segurança alimentar; preserva os alimentos tradicionais, além de contribuir para uma alimentação balanceada, para a proteção da agrobiodiversidade e para o uso sustentável dos recursos naturais.

No cenário nacional, a agricultura familiar responde por 38% do valor bruto da produção agropecuária e é responsável por mais de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.

Considerando-se o número de estabelecimentos rurais, a agricultura familiar consegue empregar três vezes mais do que a agricultura não familiar.

Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/agriculturaa-familiar>. Acesso em: 29 jul. 2015. Adaptado.

27. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

No Texto I, compreende-se a agricultura familiar como uma

a) mão de obra estabelecida em cooperativas de cunho pecuário.

b) atividade de base familiar e de mão de obra predominantemente familiar.

c) forma de organização social, na qual são trabalhadas apenas atividades agrícolas.

d) agricultura que exerce um papel dispensável para o desenvolvimento nacional.

e) atividade familiar de ênfase cultural.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

28. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, os bancos comunitários são

a) agências com funcionários engravatados e muita burocracia.

b) lojas que vendem alimentos, roupas, sapatos e emprestam dinheiro.

c) empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos.

d) instituições financeiras que criam uma moeda própria da comunidade.

e) estabelecimentos para emprestar dinheiro a pessoas de outras comunidades.

29. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, um dos benefícios que os bancos trazem aos moradores é

a) aumentar o consumo de produtos importados.

b) avaliar a forma como empregam seu dinheiro.

c) aumentar o valor do salário recebido todo mês.

d) melhorar a relação entre os membros da comunidade.

e) facilitar o acesso a empréstimos com várias finalidades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 30 e 31.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: “Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância”.

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um

exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

30. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Para o narrador, a história de Takeshi Nojima chama a atenção porque este

a) inventou novos sonhos para não levar uma vida ociosa.

b) veio do Japão e trabalhou em várias coisas antes de estudar.

c) foi um filho dedicado e um pai responsável.

d) é um senhor de 80 anos que decidiu voltar a estudar.

e) está preocupado em obter a aposentadoria compulsória.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Em relação à atitude de Takeshi Nojima, o narrador

a) concorda com ela, pois acredita que a expectativa de vida dele será muito alta.

b) discorda dela, pois acredita que ele realmente estará tirando o lugar de jovens.

c) concorda com ela, pois acredita que uma pessoa deva perseguir os seus sonhos.

d) discorda dela, pois acredita que ele terá uma atuação profissional lastimável.

e) concorda com ela, pois acredita que ele esteja só se divertindo com a situação.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 32 e 33.

McLuhan já alertava que a aldeia global resultante das mídias eletrônicas não implica necessariamente harmonia, implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. A aclamada transparência da coisa pública carrega consigo o risco de fim da privacidade e a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar.

Não faz sentido falar de dia e noite das redes sociais, apenas em número de atualizações nas páginas e na capacidade dos usuários de distinguir essas variações como relevantes no conjunto virtualmente infinito das

possibilidades das redes. Para achar o fio de Ariadne no labirinto das redes sociais, os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes de um conjunto finito de observações e reconhecer a organização geral da rede de que participam.

O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante. Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a "nomobofobia" (ou "pavor de ficar sem conexão no telefone celular"), descrito como a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel ou quando ficam sem conexão com a Internet. Essa informação, como toda nova droga, ao embotar a razão e abrir os poros da sensibilidade, pode tanto ser um remédio quanto um veneno para o espírito.

(Vinicius Romanini, Tudo azul no universo das redes. *Revista USP*, nº 92. Adaptado)

32. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Do ponto de vista do autor, as redes sociais

a) são um universo ao qual os usuários resistem porque são afeitos à discrição nos relacionamentos.

b) preservam identidades e opiniões, sendo, portanto, ponto de referência para a busca de informações qualificadas.

c) garantem julgamentos justos, pela comunidade, dos usuários que nelas expõem seus hábitos e ideologias.

d) disponibilizam abundantes informações, o que exige que seus usuários filtrem o que de fato interessa.

e) condensam a infinidade de dados nelas circulantes, caracterizando-se como um meio confiável de exposição pessoal.

33. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Entre os aspectos negativos que se apontam para usuários das mídias eletrônicas estão

a) a possibilidade de exibição da intimidade e a ansiedade devido à falta de conexão em rede.

b) a superposição de virtudes a grandes fraquezas morais e a ênfase ao cultivo da individualidade.

c) a possibilidade de imiscuir-se na vida alheia e o consumo de remédios viciantes.

d) o convívio ilimitado com os demais usuários da rede e o uso regulado de informações.

e) o envenenamento do espírito e a harmonia entre os membros do grupo de usuários.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 34 e 35.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

34. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

As informações dos três parágrafos iniciais do texto sustentam a seguinte ideia:

a) o fato de 59 milhões de consumidores estarem impedidos de obter novos créditos limita os prejuízos à economia do país.

b) a Associação Nacional dos Birôs de Crédito tem alterado o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras.

c) o aumento dos créditos aos consumidores teve como consequência imediata o não atendimento às suas

obrigações.

d) o emprego e o mercado de crédito têm-se mantido inabalados diante de um cenário negativo da economia brasileira.

e) a alteração nos rumos da economia nacional fez com que expressiva parcela da população se tornasse inadimplente.

35. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na conclusão no texto, "o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego" são apontados como características

a) positivas e vivenciadas na economia da última década.

b) negativas e distantes do cenário econômico atual.

c) negativas e típicas do atual período de retração econômica.

d) negativas e improváveis na situação econômica presente.

e) positivas e marcantes da economia no presente do País.

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

36. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

De acordo com a descrição do texto, Garcia era um homem de

a) limitada inteligência, não trabalhava e vivia com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

b) razoável inteligência, não trabalhava porque aumentava o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

c) debilitada inteligência, não podia trabalhar, apesar de viver mal com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

d) excepcional inteligência, e a explorava trabalhando muito para manter o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

e) nenhuma inteligência, trabalhava na cidade, pois não conseguia viver com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. c; 5. c; 6. e; 7. a; 8. e; 9. d; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. d; 15. e; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. b; 21. a; 22. c; 23. e; 24. e; 25. e; 26. e; 27. b; 28. d; 29. e; 30. d; 31. c; 32. d; 33. a; 34. e; 35. c; 36. a.

26.3. RESUMO

Enunciados mais comuns de Compreensão de Textos:

De acordo com o texto...

Segundo o texto...

O texto diz...

O texto fala...

Ideia presente no texto...

Segundo o autor...

Compreende-se no texto...

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Bem, o mais importante é que você entenda que interpretar um texto é diferente de compreender. Até aqui, você viu que as questões de compreensão de textos são aquelas em que você precisa estar apto para localizar informações no texto, com técnica e agilidade. E precisa treinar o reconhecimento de paráfrases (reescrituras do texto).

Agora, vamos ver como são as questões de Interpretação de Textos. Interpretação é o mesmo que inferência, dedução. Neste caso, você precisa ir um pouco além do que diz o texto, concluir com base no que se leu.

Você deve estar aí pensando... Mas e se eu extrapolar? E, se na hora de eu responder, acabar indo muito além do que o texto permite?

Sim, esse é o cuidado que se deve ter! Como nas questões de inferência, você é convidado a sair "um pouquinho" do texto, o grande perigo é você viajar demais...

Por isso, sempre digo que, na hora de inferir, você deve buscar uma pista textual que permita tal inferência, tal dedução. É como se fosse uma discussão em uma relação. Você discute com seu parceiro(a), mas, quando vai analisar a fundo os motivos, acaba pensando que não há por quê... Nesse caso, você extrapolou!

Agora, se a discussão tem base em uma pista, algo que se disse ou que se fez, aí sim... Nesse caso, você tem um pressuposto textual.

Implícitos textuais são informações que se deduzem a partir do que foi lido. E normalmente haverá palavras ou expressões do texto que ensejam conclusões, inferências. Gosto de chamá-las de pistas textuais – são os pressupostos!

Veja exemplos. Ao dizer a uma pessoa que ela é a amiga mais querida que você tem, há aí uma pista para uma inferência. O vocábulo “mais” é a pista para que se deduza que “há outras amigas”.

Ao se falar “Eu prefiro ficar aqui hoje”, o verbo “preferir” é um pressuposto para que se deduza que há outras opções, mas a pessoa escolheu a alternativa de estar ali.

Quando se diz, por exemplo, que o Brasil ainda não alcançou certo grau de desenvolvimento, tem-se aí uma mensagem otimista. Pode-se deduzir, com base no pressuposto textual “ainda”, que é certo que o país atinja esse nível.

Bem, vamos às questões de inferência?

Primeiro, vou dar exemplos, vou comentar duas questões, assertiva por assertiva, para você. Depois é a sua vez, ok?

QUESTÕES COMENTADAS

Texto 3 – Normose, um distúrbio da vida moderna

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma “prima” menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. “Ela (normose) surge quando o sistema no qual nós existimos encontra-se dominantemente doente, desequilibrado, corrompido, e quando predomina a violência, a competição e o egocentrismo. Uma pessoa adaptada a esse sistema está doente”, explica o eminente psicólogo e antropólogo Roberto Crema, um dos especialistas do

assunto no Brasil.

1. **(TCE – Sergipe – Analista T.I. – Desenv. – FGV 2015)** Pode-se inferir do segmento “A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas” que:

a) algumas doenças psicossomáticas são originadas do descuido geral com a saúde, por falta de tempo e dinheiro;

b) o corre-corre da vida moderna é a causa do distanciamento do espiritual e do imediatismo;

c) atualmente há mais possibilidade do desenvolvimento de doenças psicossomáticas do que anteriormente;

d) a falta de cuidado espiritual traz como consequência o relaxamento com os valores materiais;

e) as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna.

No trecho, tem-se a seguinte informação: “a sociedade moderna com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade”.

E a banca quer que você assinale uma possível dedução. O que fazer? Primeiramente, resuma mentalmente o que você entendeu desse trecho. Resumir é organizar sintaticamente a frase, extraindo dela somente o que é essencial: sujeito, verbo, complemento.

Depois disso, busque, nas alternativas que a banca oferece, apenas aquela que tenha uma pista, um pressuposto para ela. Lembre-se de que só será uma possível inferência aquela que tiver um pressuposto no texto. Caso contrário, não será inferência, será extrapolação.

“A sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade…”. Já se consegue visualizar aqui um pressuposto textual… Ao se usar o vocábulo “mais”, está se dizendo que na modernidade algo ficou mais fácil do que era… Está se querendo dizer que há uma facilidade na modernidade maior do que no passado. Por que eu deduzi isso?

Pressuposto textual. Quando o autor disse “a sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade”, então eu posso deduzir que atualmente é mais possível que isso aconteça do que anteriormente. Você entendeu o que é que é uma dedução? A dedução diz um pouco mais do que diz o texto, mas ela não viaja, não é uma extrapolação… Ela se atém ao que está no texto, só que se baseia em um pressuposto, em uma pista, que, nesse caso, a foi “mais facilidade”. Pense comigo: se eu tenho mais facilidade numa sociedade moderna é porque antigamente era mais difícil isso.

Por isso, a resposta foi letra C. A palavra “anteriormente” na letra C não está no texto, mas é a inferência a partir do que se leu.

A letra A cria uma falsa relação de causa e efeito, que não está no texto. Pode até ser uma verdade da vida, mas o texto nem fala de falta de dinheiro… Extrapolação, portanto.

A letra B cria também uma falsa relação de causa e efeito entre ideias que

estavam paralelas, coordenadas no texto. Observe que há uma enumeração nas primeiras linhas do texto (coordenação, portanto) entre o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo, mas essas ideias não se relacionam por causa e efeito.

A letra D cria também uma relação de causa e efeito falaciosa. O texto não diz que a falta de cuidado espiritual gera distanciamento dos valores materiais. Isso pode ser uma verdade da vida também, mas vai além do que se leu.

E, na letra E, há uma generalização excessiva. Não se pode dizer que todas as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna. O texto só nos permite dizer que "algumas surgiram" daí.

Todas extrapolam, portanto, somente a letra C é uma inferência possível a partir do que se leu.

Texto

A Prefeitura de São Paulo vai criar um manual para orientar funcionários de empresas de limpeza urbana sobre como proceder ao se depararem com grafites e pichações em muros públicos. Uma lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. O problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza. Previsto para outubro, o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o que deve ou não ser apagado. Os agentes passarão por um treinamento. A limpeza de grafites gerou constrangimento nas últimas duas gestões municipais.

2. (Prefeitura Cuiabá – Administrador Hospitalar – Superior – FGV 2015)

Deduz-se do texto que

a) os funcionários de limpeza urbana apagam todas as pichações.

b) os servidores da Prefeitura de São Paulo seguem a lei.

c) algumas pichações constrangedoras foram apagadas.

d) nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo.

e) o treinamento vai ensinar como apagar as inscrições de rua.

Mais uma questão de inferência… Inicialmente, vamos resumir o que entendemos do texto (repare que a banca não destacou nenhum trecho do texto, as alternativas poderão se referir a qualquer parte do texto).

Bem, entendemos que haverá um manual para orientar funcionários para como se proceder diante de pichações em espaços públicos. E que há espaços públicos que têm autorização para pichação e há espaços sem autorização.

Vamos agora buscar a assertiva que possa ser deduzida com base em um pressuposto do texto. Lembre-se: somente uma poderá ser deduzida, as outras irão além do que permite o texto ou o contradirão.

A resposta é letra D. Por que eu posso deduzir que nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo? A letra D diz que “nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo” Tem-se aqui uma informação com pressupostos no texto. Um deles é quando se diz “o problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza”. Ao se falar “obras autorizadas”, está-se falando indiretamente que há obras não autorizadas.

Outro pressuposto presente no texto é quando se diz que “o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o deve ou não deve ser apagado”. Ao

se dizer isso, subentende-se que nem toda pichação é vandalismo.

Vamos às outras?

A letra A contradiz o texto, dizendo que os funcionários apagam todas as pichações. Não todas.

A letra B mistura informações do texto. O texto fala em lei, mas, ao falar de lei, não diz que os funcionários da prefeitura a seguem. Apenas diz que a lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. Além disso, percebeu que há também uma extrapolação? A letra B fala em "servidores da prefeitura" e o texto fala em "servidores de empresas de limpeza urbana". Não são todos os funcionários.

A letra C fala em "pichações constrangedoras", mas, segundo o texto, houve um constrangimento nas "gestões municipais".

A letra E também extrapola… O treinamento não vai ensinar a "apagar as inscrições", mas vai ensinar os funcionários a como "proceder ao ser depararem com grafites e pichações em muros públicos".

Agora é a sua vez…

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco

desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. "Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber "que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Depreende-se da frase ... *nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha* que

a) a loucura, o mais das vezes, é vista como uma característica que marca a singularidade, enquanto a lucidez é um atributo costumeiro da velhice.

b) essas duas características, lucidez e loucura, devem ser vistas com reserva, uma vez que a fronteira entre ambas nem sempre é clara.

c) as inovações, por mais lúcidas que sejam, devem algo à loucura, pois é mediante o abandono da causalidade natural que se obtém algo inusitado.

d) ambas as características podem conviver em obras de arte de vanguarda, uma vez que não são conflitantes.

e) a genialidade pode ter algo de lucidez, embora, para que isso ocorra, tenha de negar a loucura, podendo ocorrer o inverso, o que caracteriza essencialmente a inovação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

− Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

− E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

− Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Atente para as afirmações abaixo.

I. Em *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade* (1º parágrafo), os adjetivos empregados para qualificar esse *contato* visam estabelecer um contraste com os acontecimentos que serão efetivamente narrados, deixando entrever a sugestão da autora de que esses fatos, aparentemente importantes, seriam na verdade banais e corriqueiros.

II. Em *Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita* (15º parágrafo), a repetição do verbo “mastigar”, cujo início ecoa ainda na conjunção *Mas* que inicia a frase seguinte, busca sugerir no campo da própria expressão o que havia de repetitivo nessa atividade e o aborrecimento que já advinha do mascar da goma insossa.

III. Em – *Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!* (18º parágrafo), o reiterado emprego do sinal de exclamação sugere o exagero próprio do fingimento.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) I.

d) III.

e) II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Um pequeno tesouro literário, guardado com esmero durante quatro gerações, veio a público nesta quinta-feira (15.10.2015). Dezenas de documentos, fotos e 61 cartas do crítico e acadêmico José Veríssimo, recebidas do escritor Machado de Assis, foram entregues pela família de Veríssimo à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Textos manuscritos, datados do início do século passado, e até uma fotografia e 12 cartas inéditas do patrono da Academia ficaram guardados por décadas em um antigo gaveteiro de madeira, que veio passando de geração em geração e, por último, estava no apartamento da aposentada Helena Araújo Lima Veríssimo, viúva do jornalista Jorge Luiz Veríssimo, um dos netos de José Veríssimo.

Apesar do valor histórico e sentimental do material, a família achou melhor entregar a guarda dos documentos à ABL, que tem condições ideais para preservar a coleção, em que se destaca uma foto inédita de Machado de Assis. "O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar. O marechal organizou o acervo, escreveu uma biografia de José Veríssimo e depois passou tudo para meu marido", disse Helena.

Para o presidente da ABL, Geraldo Holanda Cavalcanti, trata-se de um acervo precioso e que pode incentivar outras famílias, detentoras de material histórico sobre os acadêmicos, a também doarem o acervo à Academia. "Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.

(Adaptado de: OLIVEIRA, Gomes. Cartas inéditas de Machado de Assis são doadas à Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <www.folharondoniense.com.br/cultura/cartas-ineditas-de-machado-de-assis-sao-doadas-a-academia-brasileira-de-letras>.)

3. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era

uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar.

A passagem destacada permite concluir que, na opinião de Helena Araújo Lima Veríssimo,

a) não é muito comum haver militares interessados em literatura.

b) não é raro encontrar militares que entendam profundamente de literatura.

c) é esperado que os militares de alta patente entendam de literatura.

d) é natural que um filho de acadêmico se torne um militar apaixonado por literatura.

e) é frequente encontrar militares com formação especializada em literatura.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

4.(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do texto I, julgue o próximo item.

De acordo com as informações do texto, é correto inferir que seu Joaquim era analfabeto, uma vez que ele “desenhou o endereço na nota” (l. 13).

Leia o texto a seguir para reponder às questões 5 – 7.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

(INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue os itens que se seguem.

5. Do texto não é possível concluir se “o pobre namorado” (l. 1) é Antônio Carlos de Oliveira ou o Sr. Dr. Estêvão Soares.

6. Dada a assinatura “O amigo das letras” (l. 20), é correto concluir que o trecho publicado no Jornal do Comércio é uma carta.

7. Depreende-se do texto que Antônio Carlos de Oliveira vai iniciar uma atividade profissional ligada à propaganda, para a qual tem muito talento.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da

máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

(TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto **CB2A2AAA**, julgue os itens que se seguem.

8. Infere-se do texto que os tribunais de contas agem sob a égide do dever de cuidado não apenas ao zelarem pelo interesse público expresso nos dispositivos legais, mas também ao se obrigarem a atuar em cooperação com as demais estruturas públicas de controle.

9. Depreende-se do texto que o não cumprimento do dever de cuidado por omissão poderá resultar na aplicação de sanções ao servidor público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira

de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

10. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Depreende-se do texto II que seu autor:

a) acredita que a solução para o lixo das cidades resume-se à coleta seletiva.

b) é contrário à existência dos lixões.

c) acredita que os governos precisam criar mais espaços como os lixões nas cidades.

d) é a favor da ideia de que no máximo 90% do lixo do Brasil seja reciclado.

e) defende que os lixões sejam privatizados.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 11 – 14.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O

renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum — nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra — é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e,

sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

11. As relações semântico-sintáticas no período “Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas” (l. 16 e 17) sustentam a inferência de que Agave tinha mais de um filho e apenas um deles era adulto.

12. O trecho “viceja um esplêndido indigenismo” (l. 2) indica que, para a autora, prosperou na literatura hispano-americana, durante todo o século XX, a imagem do índio como herói, como bom selvagem, ou seja, como elemento diferenciador da identidade de nações sul-americanas.

13. A oração reduzida iniciada pelo gerúndio “incluindo” (l. 6-7) poderia ser corretamente substituída pela seguinte oração desenvolvida: no qual se inclui vários trabalhos sobre os índios.

14. Infere-se do texto que, na tribo Urubu-Kaapor, a fúria sagrada se manifesta sempre que um parente, em especial, um filho, morre, o que, por consequência, demonstra que os índios dessa tribo valorizam os laços familiares e não aceitam a impermanência da existência humana.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

15. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso.*"

Infere-se corretamente desse segmento do texto que

a) a utilização da água de reúso é uma estratégia menos sofisticada.

b) a reutilização da água traz perigo à saúde, daí as placas de alerta.

c) as caixas-d’água se localizam em telhados para recolherem água da chuva.

d) as lajes passaram a substituir telhados por serem mais seguras.

e) as garagens são a localização mais comum para as caixas-d’água.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

16. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades.”

Pode ser inferido desse segmento do texto 1 que:

a) não há concentração de renda em todas as cidades;

b) os problemas sociais urbanos resumem-se à segregação;

c) o planejamento público se destina a impedir o crescimento das cidades;

d) as políticas de controle impediriam a concentração de renda;

e) os problemas sociais urbanos são vários e passíveis de controle.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se

encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

17. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico”.

Esse segmento do texto 2 alude ao seguinte fato:

a) preocupação das autoridades com a ampliação do crime;

b) investigação policial sobre o crime organizado;

c) corrupção em altos escalões do poder;

d) crescimento do crime em nosso país;

e) chegada ao Brasil do crime organizado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como ex- plicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “Olhe, um porco

de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “Olhe, um porco de verdade.”

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

18. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

No Texto I, a narradora diz que “uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo” (l. 12). Essa imagem apresenta indícios de que

a) o sol estava encoberto, talvez por nuvens, talvez por folhagens.

b) uma inversão entre o sol e sua luz justifica essa visão subjetiva.

c) a luz parecia reproduzir as mesmas emoções da menina.

d) o dia amanhecia mais tarde do que o costumeiro.

e) os banhos de mar aconteciam em qualquer lugar.

Leia o texto a seguir para responder às questões 19 e 20.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri “Garruchas e punhais” – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: “O mosteiro de tijolos de feltro”. Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida.

Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: “Uma noite no mar Cáspio”. Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo,* 26.01.2016. Adaptado)

19. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Com as passagens do texto “mal informada de tudo” (1º parágrafo) e “Mas não quis decepcionar a moça.” (3º parágrafo), o narrador mostra-se

a) hostil, embora a aluna da Sorbonne não evidenciasse entusiasmo pelo assunto do trabalho a ser realizado.

b) apreensivo, pois a aluna da Sorbonne não demonstrava interesse no assunto do trabalho a ser realizado.

c) receptivo, ainda que a aluna da Sorbonne não dominasse o assunto do trabalho a ser realizado.

d) indiferente, tanto que a aluna da Sorbonne não manifestou conhecimento do assunto do trabalho a ser realizado.

e) confuso, à medida que a aluna da Sorbonne dava indícios de desconhecer o assunto do trabalho a ser realizado.

20. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A frase – Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados (3º parágrafo) indica que o narrador, em suas brincadeiras de criança,

a) acreditava que a rivalidade entre as duas ruas era algo sem propósito.

b) orgulhava-se por ser espião nas duas ruas, principalmente pelo pagamento.

c) pagava aos meninos de ambas as ruas para não se envolver em suas brigas.

d) atendia os pedidos dos amigos, pois se considerava o melhor espião do lugar.

e) encantava-se com a richa entre as ruas, por isso defendia a mais forte.

(Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre “As vantagens de ser mãe de menina” ou “Por que é bom ser mãe de menino”: “meninos não têm frescura”, “meninas são mais delicadas”, “eles são mais corajosos”, “elas são mais choronas” e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de

gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais "aventureiros" e "danados" e as meninas mais "cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que "tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. "Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o "engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: "Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: "As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas".
Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

21. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O episódio ocorrido em uma loja de brinquedos demonstra que

a) a vendedora imaginou que a autora procurava um brinquedo de menina para presentear alguém.

b) o brinquedo que interessou ao menino é convencionalmente associado a uma atividade feminina.

c) brincar de casinha não merece a aprovação da autora, especialmente porque seu filho pode se interessar por isso.

d) o avô do garoto não acatou o argumento da filha e continuou sendo contrário a homem lavar louça.

e) a autora teve dificuldade em aceitar a escolha do filho, fazendo juízos equivocados das escolhas dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: "Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

22. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

No último parágrafo do texto, na passagem –… se fosse reprovado, começaria tudo **de novo**. E aí **de novo** ele dá um exemplo. –, a repetição das expressões em destaque ressalta a ideia de

a) perseverança.

b) desilusão.

c) proibição.

d) abandono.

e) fracasso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

23. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Ao dizer que uma das coisas que Garcia fazia era “trocar as pernas pela cidade”, o narrador pretende dizer que o homem

a) andava sempre acompanhado.

b) ia a poucos lugares.

c) dava passos largos.

d) tinha as pernas fracas.

e) caminhava sem rumo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Tato

Na poltrona da sala

as minhas mãos sob a nuca

sinto nos dedos

a dureza dos ossos da cabeça

a seda dos cabelos

que são meus

A morte é uma certeza invencível

mas o tato me dá

a consistente realidade

de minha presença no mundo

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013)

24. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

A leitura do poema revela que a criação poética baseia-se em

a) uma situação prosaica.

b) um momento melancólico.

c) uma cena imaginária.

d) um fato inusitado.

e) uma circunstância irreal.

Gabarito: 1. a; 2. e; 3. a; 4. E; 5. C; 6. E; 7. E; 8. C; 9. C; 10. b; 11. C; 12. E; 13. E; 14. E; 15. b; 16. e; 17. c; 18. a; 19. c; 20. a; 21. b; 22. a; 23. e; 24. a.

26.6. RESUMO

Enunciados mais comuns de inferência:

- *Depreende-se/infere-se/conclui-se do texto que...*
- *O texto permite deduzir/inferir que...*
- *É possível subentender do texto que...*
- *Qual a intenção do autor quando afirma que...*
- *O texto possibilita o entendimento de que...*
- *O autor pretende mostrar que...*

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.